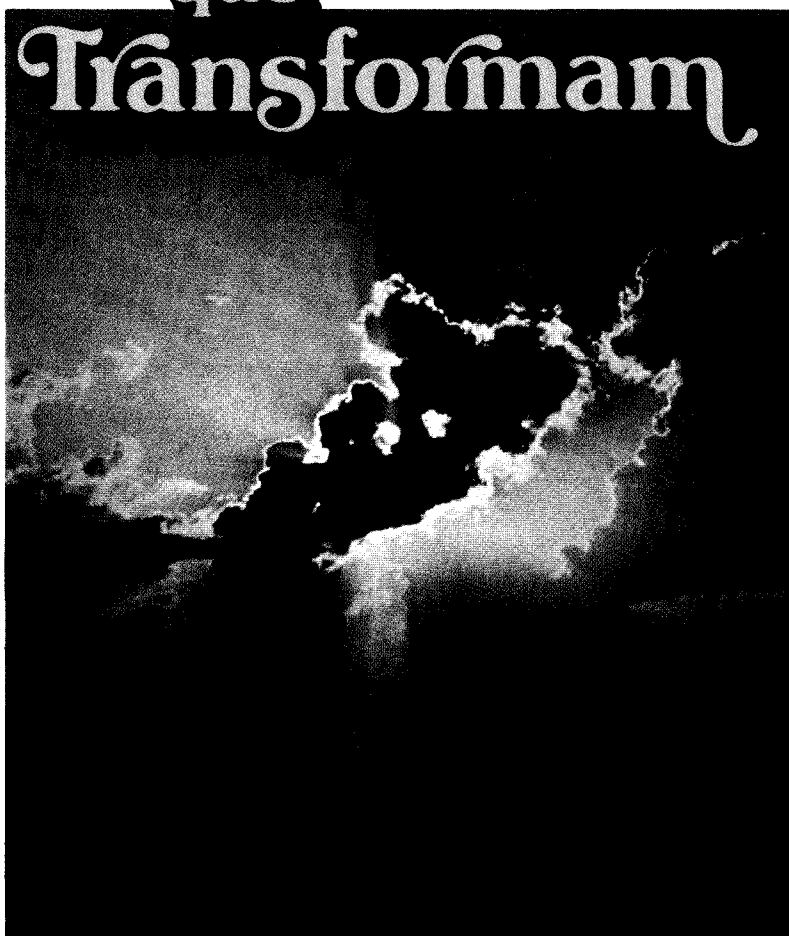


D. JAMES KENNEDY

Verdades que

Transformam



**DOCTRINAS CRISTÃS
PARA SUA VIDA DE HOJE**

D. James Kennedy

VERDADES QUE TRANSFORMAM

**EDITORA FIEL da
MISSÃO EVANGÉLICA LITERÁRIA**

VERDADES QUE TRANSFORMAM

Traduzido do original em inglês:

TRUTHS THAT TRANSFORM

ISBN N° 85-99145-053

Copyright © Dr. James Kennedy

Quarta edição em português — 2005

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução deste livro, no todo ou em parte, sem a permissão escrita dos Editores.

EDITORA FIEL da

MISSÃO EVANGÉLICA LITERÁRIA

Caixa Postal 81

12201-970 São José dos Campos, SP

ÍNDICE

Prefácio	5
Introdução	7
1 A Soberania de Deus	9
2 Possui o Homem Livre Arbítrio?	19
3 A Predestinação	27
4 Chamada Eficaz	45
5 O Cristo Incomparável	55
6 O Arrependimento	69
7 Fé	75
8 A Justificação	83
9 A Santificação	95
10 A Adoção	105
11 Certeza da Salvação	115
12 As Boas Obras	123
13 A Perseverança dos Santos	133
14 O Assunto Mais Desconhecido do Mundo	145
15 A Vida do Além: O Céu	153
16 A Bíblia	165
Referências Bíblicas	191

PREFÁCIO

A EXPLOÇÃO DO EVANGELISMO foi um livro sobre a propagação do evangelho – o principal interesse de cada cristão. O livro tornou-se um “best seller” porque nele se mostra como o cristão pode ser uma testemunha efetiva. O presente livro, *VERDADES QUE TRANSFORMAM*, é para aqueles que têm ansiado por uma compreensão mais profunda da verdade cristã e o que ela pode significar às suas vidas. Ele intenta abrir seus olhos ao poder espiritual no dia a dia da vida através de um conhecimento mais aprofundado dos ensinamentos escritos. Nenhum livro exaure as verdades contidas nas Escrituras, mas aqui temos um guia vital para descobrir os fatos centrais que a Bíblia ensina. Mais do que isso, Dr. Kennedy mostra como os fatos podem constituir um conjunto vivo de verdades que poderão transformar sua vida.

Os Editores

INTRODUÇÃO

Nesta nossa época de teologia “superficial”, parece que há uma grande necessidade de alicerces bíblicos e teológicos mais substanciais – para que aquela não perca todo o seu valor. Em uma cultura que se deixa dirigir quase inteiramente pelas experiências, há uma crucial carência das eternas verdades da Palavra de Deus. Portanto, tenho procurado expor nestas páginas, de maneira popular, algumas das verdades principais da fé cristã histórica.

Essas são *Verdades Que Transformam!* A Igreja Presbiteriana Coral Ridge, de Fort Lauderdale, estado de Flórida, onde temos tido o privilégio e a satisfação de ser ministro de Cristo nos últimos quinze anos, para muitos tem servido de campo de provas dessas verdades. Elas realmente transformam! Esta igreja se tem notabilizado pelo ministério evangelístico de seus leigos. Muitos têm indagado: “Como podem ser produzidos leigos assim?” Estou certo que a nutrição espiritual adequada é um dos fatores mais vitais. As grandiosas antigas verdades da fé enrijecem a coluna dorsal dos crentes, capacitando-os a erguerem-se altaneiros em favor de Cristo. Acham-se contidos aqui alguns dos grandes ensinamentos do cristianismo, os quais têm sido usados por Deus, através dos séculos, para abençoar vidas, transformar pessoas e edificar a Sua Igreja.

Ao longo dos muitos meses durante os quais estes capítulos foram preparados, consultamos um vasto número de fontes informativas, incluindo Agostinho, Martinho Lutero, João Calvino, João Knox, Charles Hodge, A. A. Hodge, Robert Dabney, Charles Shedd,

Robert Webb, John Murray, Lorraine Boettner, John Gerstner, Abraham Kuiper, Alexander Keith, Carl F. H. Henry, Francis Schaeffer e muitos outros, numerosos demais para serem mencionados. Reconheço minha dívida para com todos esses homens, pela luz que eles têm lançado sobre a Palavra de Deus. Em última análise, temo-nos esforçado por ser fiel às Santas Escrituras, as quais são a única regra infalível de fé e prática, e também a autoridade final em todas as questões de religião.

Aproveito o ensejo para expressar minha profunda apreciação a Cay Hunter, Virginia Shaw e minha excelente secretária, Ruth Rohm, pelo ótimo trabalho que fizeram na preparação do manuscrito. Naturalmente, quantos erros ou equívocos aqui existam, são todos de minha inteira responsabilidade.

Entrego ao público este manuscrito com uma oração emanada do próprio coração, no sentido que Deus se agrade em usá-lo para a edificação e fortalecimento de Seu Reino e para glória do Seu Nome.

Soli Deo Gloria!

D. James Kennedy

1 A SOBERANIA DE DEUS

Lembraí-vos das cousas passadas da antiguidade; que eu sou Deus e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer, e desde a antiguidade as cousas que ainda não sucederam; que digo: O meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade; que chamo a ave de rapina desde o oriente, e de uma terra longínqua o homem do meu conselho. Eu o disse, eu também o cumprirei; tomei este propósito, também o executarei.

Isaías 46:9-11

“O seu Deus é por demais humano”, escreveu Lutero ao famoso humanista e erudito da Renascença, Erasmo. Garanto que o grande erudito batavo sentiu-se profundamente ofendido diante de tal acusação, mas a história e uma investigação mesmo casual das Escrituras revelam que a acusação era verdadeira. E em nossos dias, J. B. Phillips fez idêntica acusação contra a humanidade, no título de seu livro, *Your God Is Too Small* (Seu Deus é Pequeno Demais). Com esse pensamento em mente, quero fazer a seguinte pergunta: Quem governa o mundo no qual você está vivendo?—o mundo sobre o qual você lê na página frontal de seu jornal. Quão grande é o seu Deus?

Percebo que a soberania de Deus não é um tema popular. Nunca o foi e nunca o será. Desde o princípio da criação, a criatura tem procurado usurpar o lugar do Criador. Foi essa a atitude de Lúcifer, o anjo de luz que procurou tornar-se semelhante ao Altíssimo e assumir prerrogativas divinas. Por esse motivo, foi expulso do céu, juntamente com grande multidão de anjos. Foi o

mesmo pecado que empurrou a raça humana inteira à sua presente condição desgraçada e depravada. O homem quis usurpar a autoridade de Deus e ser o deus de sua própria vida. Não se dispôs a ouvir as palavras d'Aquele que afirmou: "Até aqui irás, e não ultrapassarás ... não comerás ..." Mas a criatura estendeu sua mão rebelde, tomou do fruto, comeu e morreu!

H. G. Wells, um cético, declarou que o mundo se assemelha a um gigantesco palco de teatro, produzido e dirigido por Deus. Ao subir da cortina, tudo quanto contemplamos é atrativo. Os personagens são fantásticamente belos – um deleite para a vista e também para o ouvido. Tudo prossegue bem até que o personagem principal pisa a barra do vestido da atriz principal. Diante disso, ela tropeça em uma cadeira e choca-se contra um lampião, que então empurra uma mesa por uma parede lateral a dentro. E isso faz cair o cenário de fundo, levando a cena inteira a tombar caoticamente sobre as cabeças dos atores! Entrementes, por detrás dos bastidores, Deus, que é o Produtor, põe-se a correr frenético para um lado e para outro, puxando cordas e esbravejando ordens, procurando restaurar desesperadamente a ordem em meio ao caos. Mas, ah! infelizmente Ele não é capaz de fazer tal coisa! Pobre Deus! Esse é o Deus do homem moderno, um Deus minúsculo, assaz limitado. "Ou Deus não é bom, ou Ele não é poderoso", asseverou certo incrédulo, "pois de outro modo o mundo não poderia estar nessa confusão". Visto que a maioria das pessoas não se dispõe a crer que Deus é bom, concluem que Ele não é todo-poderoso. Ele estaria fazendo o máximo ao Seu alcance, mas esse máximo não é suficiente! Ele é o Deus que tenta e fracassa. Qual extremidade desse dilema você prefere?

Posso sugerir-lhe uma alternativa? A razão dessa confusão no mundo não se deve ao fato que Deus não é bom, e nem que Ele não é capaz. O problema está no homem. O homem não é bom, e nem capaz. Consideremos, por alguns momentos, uma jornada ao inferno. Após chegar a contemplar a cena medonha, você nada mais veria senão miséria e infortúnio. Você poderia

chegar então à conclusão que Deus não é bom e nem capaz, porquanto de outra forma não permitiria a existência de um lugar de tanta miséria. Entretanto, tal conclusão seria um erro. É precisamente porque Deus é bom, santo e justo, e porque Ele é todo-poderoso, que aqueles homens ímpios, pecaminosos e rebeldes foram lançados no inferno.

Muitas pessoas adoram a um Deus limitado; mas um exame minucioso revelaria que esse não é o Deus das Escrituras. O Deus da Bíblia é o Criador onipotente e o Governador do mundo!

Se o Antigo Testamento apresenta alguma coisa a respeito de Deus, apresenta três atributos Seus: em primeiro lugar, a *onipotência de Deus*, onde se aprende que Ele possui todo o poder, em razão do que o Seu plano será devidamente cumprido. Em segundo lugar, a *santidade de Deus*, em que se vê que Deus é santo, em razão do que o Seu plano, que será e está sendo cumprido, é moralmente correto. E, em terceiro lugar, a *personalidade de Deus*, em que se observa que Deus não é alguma mera força onipotente, conforme desejam manter os fatalistas, mas, pelo contrário, Deus é uma Pessoa infinita, cujos atributos são amor, misericórdia, retidão, justiça, bondade e verdade. Deus é uma Pessoa todo-poderosa e todo-santa.

O quadro apresentado pela Bíblia não é um quadro fatalista, porquanto o fatalismo deixa a sorte do mundo nas mãos de uma força impessoal. A Bíblia, porém, deixa o destino do mundo nas mãos de Deus, o Pai, o qual é todo-reto, todo-sábio e todo-misericordioso. O fatalismo elimina todas as causas secundárias, ao passo que a Bíblia as confirma. Os filósofos jamais foram capazes de estabelecer a reconciliação entre a liberdade humana e a soberania divina. Mas a Bíblia declara que o homem, em certo sentido, é um ser livre. Ele tem a liberdade de fazer tudo quanto lhe *agradar*, embora não tenha a liberdade de fazer o que é de seu *dever* moral, enquanto estiver no seu estado natural, pois está preso ao pecado e, por conseguinte, é escravo do mesmo. Não obstante, o homem tem a liberdade de fazer tudo quanto deseja, o

que constitui o grande problema do homem, porquanto seu coração e sua mente são depravados.

Muitas pessoas concebem o mundo como uma carruagem destituída de cocheiro, com cavalos desembestados, rédeas soltas ao vento, prestes a precipitar-se pela beira da estrada para dentro do abismo. Mas as Escrituras falam-nos de um Deus que segura firmemente as rédeas deste mundo, que mantém absoluto controle sobre todas as coisas, e que está cumprindo o Seu plano perfeito relativo ao mundo. As Escrituras dizem: "...meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade. . . Eu o disse, eu também o cumprirei; tomei este propósito, também o executarei". O homem pecaminoso alardeia a chamada autocracia de sua vontade humana. Supõe-se o homem possuidor do poder de vetar os planos do Todo-poderoso.

Isaías 46:9-11

Alguns acreditam que Deus submete e o homem aprova; que Deus só pode fazer aquilo que Lhe é permitido pelo homem. Quão ridículo é pensar que o Todo-poderoso – que com Sua própria Palavra foi a causa das galáxias do universo saltarem à existência – possa ser governado pela Sua criação, como se fosse esta um poderoso camundongo que erguesse o dedo para o Deus Todo-poderoso e infinito, a fim de dizer-Lhe: "Irás somente até aqui, e não mais". Blasfêmia! Infelizmente, porém, há muitos cristãos que asseveram em uníssono com os humanistas: "Sou tanto o senhor de meu destino como o capitão de minha alma".

Não concorda com isso o quadro exposto nas Escrituras. De conformidade com elas, Deus controla todas as coisas, desde a mais gigantesca galáxia até ao átomo mais infinitesimal. Ele controla os anjos nos céus, os habitantes da terra e os monarcas e os destinos das nações. Ele levanta todos eles, e também derruba-os por terra. Ele faz alguém subir ao poder, para mais tarde removê-lo com um gesto de Sua mão. A Bíblia diz: "Como ribeiros de águas, assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina". Deus estabelece nações e determina que os homens mais vis as governem. Deus controla os planetas e as

Provérbios 21:1

nações, bem como os animais irracionais da terra. Ele disse que antes que o galo cantasse duas vezes, Pedro haveria de tê-lo negado por três vezes – e assim aconteceu.

Marcos 14:30

Percebe-se que Deus pode controlar até mesmo aquilo que os homens denominam acontecimentos fortuitos, porque, dentro da economia divina, nada existe a que se possa aplicar os nomes de sorte, chance ou destino. O Deus vivo controla todas as coisas. E o trecho de Provérbios 16.33, diz: “A sorte se lança no regaço, mas do Senhor procede toda decisão”. Vê-se em I Samuel 14.42 que, quando foram lançadas sortes, estas caíram para Jônatas, visto que Deus estava controlando o lançamento da sorte. No livro de Jonas, a sorte apontou para Jonas. Em Atos 1.24, 26, após terem orado, os discípulos disseram: “Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, revela-nos qual destes dois tens escolhido. . . E os lançaram em sortes, vindo a sorte a recair sobre Matias. . .” As pessoas supõem que o raio certamente é uma ocorrência fortuita e descontrolada, um golpe da natureza, um acidente. Mas a Bíblia declara: “(Deus) enche as mãos de relâmpagos e os dardeja contra o adversário”.

Provérbios 16:33

I Samuel 14:42

Jonas 1:7

Atos 1:24, 26

Jó 36:32

E que dizer sobre um acontecimento tão fortuito quanto o lançar de uma flecha ao acaso? O profeta havia dito: “Se voltares em paz, não falou o Senhor, na verdade, por mim”. E então um soldado inimigo tomou seu arco, atirou uma flecha para o ar e feriu ao rei de Israel precisamente na junta da armadura. Sim, Deus exerce controle sobre todas as coisas deste mundo. Os mínimos acontecimentos em nossas vidas estão nas mãos de Deus. Nossos próprios dias estão todos numerados. É conforme diz Jó 14.5: “Visto que os seus dias estão contados, contigo está o número dos seus meses; tu ao homem puseste limites, além dos quais não passará”.

I Reis 22:28,34

Jó 14:5

A Bíblia destaca que Deus controla os espíritos de todos os homens que Ele criou. Conforme já afirmei, o coração do rei está nas mãos de Yahweh, tal como as águas de um riacho. Ele dirige esse coração na direção

que bem quer. Os caminhos de um homem são determinados por Yahweh.

Deus exibiu o Seu tremendo poder no Egito, ao enviar um anjo para destruir os primogênitos de cada lar egípcio. E, a fim de que os egípcios não se levantassem e não matassem a todos os israelitas, o Senhor mostrou Seu poder, dizendo: "...porém contra nenhum dos filhos de Israel, desde os homens até aos animais, nem ainda um cão rosará, para que saibais que o Senhor fez distinção entre os egípcios e os israelitas".

Êxodo 11:7

Deus controla as ações voluntárias dos homens. "...porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade". Yahweh concedeu aos israelitas que fossem favoravelmente encarados pelos egípcios, a fim de que os permitissem partir para adorar o seu Deus. E Deus continuou demonstrando que era Ele quem exercia o controle quando levou os egípcios a não retaliarem contra os israelitas, mas antes, operou de tal maneira nos corações daqueles que eles emprestaram aos israelitas o seu ouro, a sua prata e as suas pedras preciosas.

Filipenses 2:13

Êxodo 12:35-36

A soberania de Deus foi novamente exibida quando os israelitas viviam na sua terra de Canaã, entre povos hostis, cujas terras haviam sido conquistadas, e que agora desejavam reconquistar. Deus, porém, demonstrando Seu total controle sobre os corações dos homens, arranhou as coisas de tal modo que os cananeus nem ao menos desejaram a terra, enquanto os filhos de Israel subiam para adorar em Jerusalém. Portanto, três vezes por ano, ano após ano, século após século, todo varão capaz da Palestina deixava seu lar indefeso diante dos heteus, dos cananeus e dos amorreus, quando subia a Jerusalém. O Senhor controlava de tal maneira os corações destes que nem ao menos desejavam possuir a terra.

Algumas pessoas acreditam que Deus não tem poder para converter uma alma a menos que essa mesma alma Lhe dê permissão para tanto. Gostaria que tais pessoas pudessem interrogar o apóstolo Paulo, aquele grande perseguidor e desprezador de Cristo e Sua

Igreja. Paulo, estando a caminho de Damasco, a fim de perseguir os cristãos dali, subitamente foi lançado por terra, pelo poder de Deus, e Deus o converteu. A Bíblia também ensina que Deus abriu o coração de Lídia, levando-a a dar atenção às coisas que Paulo dizia. “Apresentar-se-á voluntariamente o teu povo no dia do teu poder. . .”

Atos 16:14

Salmos 110:3

Só Deus pode transformar o coração humano. Ele resolveu salvar os Seus eleitos, e haverá de fazer precisamente isso. “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim. . . Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer. . .” Porém, seguindo os maus exemplos de Lúcifer e Adão, o homem pecaminoso continua lançando contra o rosto de Deus a resistência de sua vontade autocrática. Ouçamos, todavia, a resposta divina: “Assim, pois, não depende de quem quer, ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia. Logo, tem ele misericórdia de quem quer, e também endurece a quem lhe apraz”. Em contrabalanço ao convite constante e reiterado para que o homem venha a Cristo, é mister ressaltar a balança equilibradora da soberania de Deus. Apesar de que os mandamentos externos de Cristo possam ser olvidados, ignorados, desprezados e desobedecidos, o conselho secreto de Yahweh haverá de ter pleno cumprimento, e Ele fará que a própria ira humana contribua para o Seu louvor.

João 6:37, 44

Romanos 9:16, 18

Não existe homem e nem grupo de homens que seja capaz de opor-se, frustrar ou limitar qualquer dos propósitos de Deus. As Escrituras dizem com respeito a todos os gentios, juntamente com os judeus e seus governantes, que fazem oposição a Deus e ao seu Cristo, que “Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles”. Deus é Deus, e não homem, e Ele faz tudo quanto Lhe apraz neste mundo, e inexistente aquele que possa fazer algo contra Ele!

Salmos 2:4

Por conseguinte, haverá alguma injustiça por parte de Deus? Longe de nós tal idéia! Pois o que faz o Senhor? Lá do alto Ele contempla a humanidade e vê que cada um de nós tem pecado e transgredido a Sua lei. “Não há justo, nem sequer um . . . à uma se fizeram inúteis.”

Romanos 3:10, 12

Jeremias 17:9-10 “Enganoso é o coração, mais do que todas as cousas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá? Eu, o Senhor, esquadrinho o coração. . .” Portanto, Deus seria absolutamente justo se mandasse outro dilúvio e uma vez mais inundasse a terra. Deus não estaria usando de injustiça se assim fizesse; meramente estaria agindo como um Juiz que executa a sentença contra pecadores ímpios. Deus, porém, em Sua grande misericórdia, tem condescendido em oferecer Sua graça a uma vastíssima multidão, a qual ninguém pode enumerar, tendo enviado Seu Filho para remir aqueles que Lhe foram dados pelo Pai. Outrossim, os propósitos divinos relativos a cada individuo haverão de ter cumprimento.

Isso pode ser visto na história de José. Jacó, seu pai, cedendo à insensatez e ao preconceito, agiu segundo sua natureza humana e deu a José uma túnica multicolorida, além de outros símbolos de preferência acima dos irmãos de José. O tolo jovem vangloriou-se disso diante de seus irmãos, e estes, agindo em consonância com suas naturezas más, encheram-se de inveja e venderam-no como escravo. Os negociantes de escravos, seguindo sua natureza e cobiça maligna, compraram-no. Potifar, movido pelo desejo de obter vantagens para sua casa, tomou José como servo. A esposa de Potifar, impelida pela concupiscência e pela lascívia, procurou seduzi-lo, e, quando José se recusou a anuir, foi lançado na prisão. Não obstante, José terminou sendo nomeado primeiro-ministro do Egito. E, quando seus irmãos vieram buscar alimentos, ele lhes disse: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem. . .”

Gênesis 50:20

Deus supervisiona e permite que todos os atos maus dos homens sejam executados, a fim de que Sua graça se estenda infalivelmente àqueles para quem ela está ordenada. Sua justiça retributiva inevitavelmente recairá sobre aqueles que tiverem rejeitado a Seu Filho, os quais também estão destinados à perdição. E a glória divina haverá de manifestar-se. Charles Spurgeon declarou que existem pessoas que gostariam de ter um Deus que entrasse em Sua oficina e criasse o universo,

um Deus que entrasse nas instituições de mendicância para distribuir as Suas esmolas. Elas gostariam de ter um Deus que sustivesse os pilares da terra; mas, quando Deus tivesse de entrar na Sua sala do trono, então o mundo rilharia os dentes e balançaria a cabeça e o punho cerrado contra Deus. Porém, você e eu sabemos que o único Deus que se acha ali é o Deus que é o Senhor soberano dos céus e da terra, o Deus que fará tudo quanto Lhe apraz, e cujos propósitos haverão de ter cabal cumprimento.

Se você é crente, então pode dizer: “Graças sejam dadas a Deus que o Governador soberano dos céus e da terra é o meu gracioso Salvador”. Caso você ainda não se tenha convertido, então, meu amigo, arrependa-se sem tardar, de todos os seus pecados, e volte-se para Aquele que assegurou: “. . .o que vem a mim, de maneira nenhuma o lançarei fora”. Aceite a Sua misericórdia enquanto há tempo. Pois Ele disse: “Eu mato, e eu faço viver; eu firo, e eu saro; e não há quem possa livrar alguém da minha mão”.

João 6:37

Deuteronômio
32:39

Pai, que possamos entrar em Teu mundo, sabendo que Tu és o soberano governante de cada folha de relva. Desde os átomos do menor inseto até às estrelas que se movem em seus cursos, Tu és o Deus soberano. Oh, Deus, que nenhum de nós se torne culpado do hediondíssimo pecado de rejeitar a Tua graça, misericórdia, perdão gratuito e dom gracioso da vida eterna, conferidos àqueles que confiam em Cristo. Pois, de fato, todos nós um dia chegaremos a Jesus Cristo, ou como o Salvador do mundo ou como o Juiz do mundo vindouro.

Amém.

2 POSSUI O HOMEM LIVRE ARBÍTRIO?

Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.

João 8:36

Possui o homem livre arbítrio? Penso que a maioria das pessoas reconhece que esse é um dos temas mais profundos que jamais ocuparam as mentes dos maiores pensadores do mundo. Teólogos e filósofos, igualmente, se têm concentrado em torno desse grande enigma: é o homem, realmente, possuidor de livre arbítrio? ou é ele, meramente, um títere, impelido para lá e para cá pelas forças do acaso? Parece ser uma contradição que um Deus todo-soberano e uma criatura livre possam co-existir dentro do mesmo universo. Pode parecer que, se um homem é livre, então Deus não controla *todas* as coisas.

Em primeiro lugar, perguntar se o homem desfruta de livre arbítrio é dar forma imprópria à indagação. Seria mais exato falarmos em um agente livre ou em uma alma livre, porquanto a vontade do homem nunca age independentemente de todas as suas demais faculdades. A vontade do homem não é alguma espécie de giroscópio interno, que se movimenta e gire como bem quiser. Antes, faz parte integral do ser humano — a alma humana.

O que é a alma de um homem? A alma do homem é o seu intelecto, as suas emoções e a sua volição, ou, de modo mais simples, a sua mente, o seu coração e a sua vontade. Por conseguinte, quando o homem resolve

agir, ou quer fazer algo, o impulso inicial ocorre em sua mente. Então, porque ele possui algum conhecimento, dentro dele surge um sentimento – os afetos e apetites humanos, que fazem parte do quadro total de sua personalidade.

Esses dois fatores, pois, atuam acerca de qualquer dada questão, e dizem à vontade o que é preciso fazer. A vontade, *sem exceção alguma*, faz aquilo que a mente e o coração lhe dizem para fazer. A vontade do homem, portanto, nunca age de modo contrário à sua mente e ao seu coração.

O segundo problema que envolve a pergunta: “Possui o homem livre arbítrio?”, é uma questão de semântica. Exatamente, o que queremos dizer com livre arbítrio? Porventura pretendemos dizer: o homem tem a capacidade de escolher qualquer coisa que *queira* fazer? A resposta é: Sim, ele tem! Essa é uma inalienável contribuição de Deus à alma humana – o homem faz, *sempre e somente*, o que lhe agrada. O homem é um agente auto-motivador. Ele pode originar ações e escolher o que melhor lhe agradar, em qualquer dada ocasião.

O Dr. John Gerstner escreveu que é impossível forçar a vontade do homem. Possuir um livre arbítrio forçado seria contrário ao sentido da expressão. Ele ilustra isso afirmando que se ele pusesse um livro na mão de alguém, para em seguida apontar uma arma de fogo para sua têmpora e dizer: “Deseje ler este livro ou eu lhe arrebentarei os miolos!”, nem assim conseguiria forçar a vontade desse alguém, já que tal pessoa acabaria tomando uma decisão. A mente dessa pessoa alimentaria certos fatos à sua consciência, às emoções e aos afetos, acerca de quanto ela ama ou não a própria vida. E o mais provável seria que essa pessoa ameaçada acabaria chegando à decisão de ler o livro!

Sob outras circunstâncias, que envolvam coisas mais significativas que a mera leitura de um livro, tem havido cristãos que têm chegado a outras conclusões. Com efeito, Nero disse a milhões de cristãos: “Ou vocês renunciam a Cristo, blasfemando de Seu nome, ou

haverão de desejar que alguém lhes rebente o cérebro. Vocês serão pelados, cozidos em água fervente, entregues aos leões e postos em sacas com víboras e serpentes”. Diante de tais alternativas, centenas de milhares de cristãos tomaram a sua decisão! Suas mentes forneceram-lhes determinados fatos a respeito da vida presente e da eternidade, e a maioria deles pensou que seria melhor perder esta vida e ganhar a eternidade, do que conseguir sobreviver por mais alguns anos sobre a terra e perder a vida eterna. Os seus afetos penderam em favor de Cristo Jesus, a quem amavam mais que a própria vida. A decisão deles foi: “Pois que venham os leões!” Contudo, essa foi a escolha deles! Não foi algo forçado! Sem qualquer exceção, o homem faz aquilo que lhe parece melhor, à luz dos fatos e sentimentos envolvidos.

Reitero que o homem, em cada caso, é livre para fazer o que bem lhe aprouver. Mas daí não se deve concluir, necessariamente, que o homem é livre para fazer o que *deveria* moralmente fazer! Ora, qual é o dever moral do homem? O homem tem o dever moral de amar a Deus, de arrepender-se dos seus pecados, de aceitar a Jesus Cristo mediante a fé. O homem tem o dever moral de amar os mandamentos divinos, de desejar levar uma vida santa, de amar a pureza, a santidade, a retidão. O homem tem o dever moral de esforçar-se quanto a todas essas coisas. E, no entanto, a Bíblia deixa claro que nenhuma pessoa é livre para fazer o que, moralmente, deveria fazer.

A Bíblia revela-nos que Deus fez o homem – Adão e Eva – conferindo-lhe o poder da escolha contrária. Também conferiu aos nossos progenitores a capacidade de fazer o que é bom, de fazer o que é nosso dever moral. E o primeiro casal deveria ter obedecido a Deus e observado o mandamento que Ele lhes dera! Note bem: eles tinham a capacidade de praticar tanto o bem quanto o mal. Assim era o homem no estado de inocência, o seu estado primitivo, antes que tivesse a experiência do mal, enquanto ainda não fizera aquela escolha fatal.

As Escrituras descrevem o segundo estado do

homem como um estado pecaminoso. Por causa de seu pecado, Adão mergulhou a raça humana inteira no pecado e na morte do pecado, o que significa que todos nós nascemos dotados da natureza caída de Adão. Depois de haver despedaçado e maculado a imagem divina, Adão produziu uma progênie com a sua própria imagem decaída. Algumas pessoas acreditam que o homem nasce dotado da mesma condição primitiva de Adão. Mas isso não é verdade. Adão foi criado no estado de inocência; desde então, todos os homens nascem em pecado.

Provérbios 21:4

A Bíblia descreve o homem pecaminoso chamando-o de homem natural, impelido pelo desejo natural de praticar o pecado. Isso não quer dizer, entretanto, que o homem sai por aí assaltando bancos! Mas significa que tudo quanto o homem faz é pecaminoso. A Bíblia assevera que “até a lavoura dos ímpios é pecado”. Quando o homem sai e põe-se a trabalhar em um emprego, isso é pecado. Quando ele almoça, isso também é pecado, porquanto assim obtém forças para continuar em sua rebeldia contra Deus. Em seu estado natural pecaminoso, tanto seu coração, como suas emoções, sua mente, seus motivos, suas finalidades, seus alvos e tudo quanto há no homem é contrário ao Senhor Deus.

João 12:43

As coisas que o homem natural põe em prática podem ser boas em si mesmas. Talvez ele contribua com um milhão de cruzeiros para fins caritativos; e, no entanto, fá-lo por razões erradas e motivos errados – quiçá para que obtenha certa dedução sobre o seu imposto de renda, ou para que seja louvado pelos homens. Jesus disse: “. . . amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus”. Com freqüência, os homens cultivam a falsa noção de que, de alguma maneira, estão comprando para si mesmos uma propriedade imóvel no céu. Porém, ensinam-nos as Escrituras: “. . . os que estão na carne não podem agradar a Deus”. Por conseguinte, é impossível para o homem natural fazer coisas boas sem primeiro conhecer a Cristo, sem que antes tenha nascido do alto, por atuação

Romanos 8:8

do Espírito Santo, e assim se tenha tornado uma pessoa remida.

A Bíblia ensina, igualmente, que o homem natural acha-se em estado de inimizade contra Deus; que tal homem não está sujeito à lei de Deus, e nem mesmo o pode estar. A Bíblia assevera que o homem está morto em seus pecados, que o homem ama a injustiça, e não a retidão, pois está preso ao seu pecado.

Romanos 8:7
Efésios 2:1, 5
João 3:19; 8:34

A pergunta que agora se impõe é a seguinte: Goza o homem natural da liberdade de preferir praticar o bem, de escolher a Jesus Cristo, de aproximar-se de Deus? A resposta é um inequívoco "Não!"

Muitos protestantes referem-se ao homem natural como se ele tivesse a capacidade de simplesmente deixar de ser injusto e ímpio, e de começar a viver piedosamente! Mas esse é um ensino romanista, e não o que Lutero ou outros reformadores ensinaram. Um dos maiores livros de Lutero intitula-se *A Escravidão da Vontade*. Foi Erasmo, o racionalista, quem escreveu a respeito da *liberdade* da vontade humana. Lutero declarou que o homem é prisioneiro do pecado e vive controlado por suas próprias paixões e desejos, não podendo abandonar a estes a fim de praticar o bem. Experimentalmente, Lutero sabia que essa era a sua própria condição. E Jesus ensinou a mesma coisa. Disse o Senhor: "Vós éreis escravos do pecado. Doravante, porém, não vos chamo mais servos, mas tenho-vos chamado amigos". Jesus também declarou: "Todo o que comete pecado é escravo do pecado". É interessante observarmos que Martinho Lutero apelidou-se de Martinho Eleutério, isto é, Martinho, o Livre. Ele fora escravo do pecado, agrilhado às suas paixões e desejos; porém, encontrou com Jesus Cristo e foi libertado.

João 15:15
João 8:34

Jesus também declarou: "Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres". E também: "... conhecereis a verdade e a verdade vos libertará". Os escribas e os fariseus, entretanto, não gostaram desse conceito. A reação deles foi: "Somos descendência de Abraão e jamais fomos escravos de alguém. . ." Mas

João 8:36
João 8:32
João 8:33

Jesus retrucou: “Todo o que comete pecado é escravo do pecado”. A iniquidade e a injustiça controlam a vida do homem natural, e ele pratica o que aqueles lhe recomendam que faça. Mas, se o Filho de Deus libertar alguém, esse alguém verdadeiramente será livre! Consideremos o que está subentendido nessa declaração – se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres!

Em seu estado natural, o homem é escravo do pecado. Um escravo pode pensar que lhe é dado fazer qualquer coisa que quiser, mas a verdade é que o homem sempre prefere fazer o que é torto. Ponhamos uma Bíblia e uma garrafa de bebida alcoólica diante de um alcoólatra. Esse homem tem a liberdade de fazer o que bem entender; a dificuldade é que já sabemos o que ele sempre preferirá! Convidemos um toxicômano a uma festa de heroína ou a uma reunião de oração; ele tem a liberdade de fazer o que bem entender, mas o problema está *naquilo* que ele vai querer fazer! Ofereçamos uma caixa de bombons de chocolate a um glutão; ele tem a liberdade de comê-los ou não – mas, é ele, realmente, livre? Não! Pelo contrário, é controlado pelo seu apetite. É um escravo, e, por conseguinte, é servo de suas próprias emoções, afetos, desejos e paixões.

E que me seja dado salientar que ele pode preferir eliminar a prática de qualquer dessas coisas; todavia, não pode preferir ser santo. Pois mesmo que viesse a livrar-se de seu álcool, de seu tóxico e de sua gluttonaria, ainda assim continuaria sendo um pecador profano, incapaz de escolher a Cristo Jesus. E por que se encontram essas pessoas nessas condições? É que a mente e o coração delas estão entenebrecidos pelo pecado. Sua mente e seu coração as enganam. Acham-se em estado de inimizade contra Deus.

Por qual motivo, pois, quando o homem natural contempla a Jesus Cristo, Aquele que é inteiramente amorável, nada vê nele capaz de atraí-lo? É que seu coração e sua mente lhe enviam a mensagem errada. E assim, prefere não arrepender-se e entregar sua vida a Jesus Cristo. Tal homem não é livre. Antes, é um escravo, e acha-se no *estado de pecaminosidade*.

Não obstante, quando o homem natural acolhe a Jesus Cristo em seu coração, como seu Salvador e Senhor, torna-se um indivíduo regenerado, renovado, e passa a encontrar-se no *estado de graça*. Daí por diante torna-se capaz de praticar o bem. E, visto que agora dispõe da graça de Deus, é capaz de obter vitórias morais em sua vida, e, finalmente, chegará a atingir o *estado de glória*. Nesse estado de glória, que será a condição dos remidos, lá no céu, ele terá sido selado por Deus, tornando-se capaz de praticar somente o bem.

O ensino bíblico a respeito do homem, é: Inicialmente, o homem estava no *estado de inocência* – capaz de fazer o bem e capaz de cair no pecado. Mais tarde, já no *estado de pecado*, em sua natureza caída, ele tornou-se capaz somente de pecar. O homem é incapaz de alterar a sua natureza moral, incapaz de elevar-se para chegar à santidade. Em terceiro lugar, tendo-lhe sido conferido o *estado de graça*, o homem pode fazer ambas as coisas. E, em quarto lugar, quando atingir o *estado de glória*, haverá de ser selado para praticar somente o que é bom.

Se até hoje você não recebeu a Jesus Cristo como seu Salvador, então eu lhe exorto a examinar-se a si mesmo e a perceber seu total desamparo, sua total incapacidade de fazer algo senão aquilo que serve somente para desagradar a Deus. Que você seja capacitado, pela graça divina, a clamar ao Filho de Deus para que Ele o liberte – a fim de que você verdadeiramente seja livre!

Ansiava minha alma detida em prisão
Atada ao pecado e a natura trevosa.
Teus olhos, porém, foram logo um clarão;
Que na cela acordei vendo-a então luminosa!
E a masmorra se abriu e liberto me vi,
Que saindo das grades então O segui.

Charles Wesley

Senhor Jesus, nós Te agradecemos que tenhas libertado aqueles que em Ti confiam. Que Tu tenhas feito de nós reis e herdeiros de Teu reino. Que nos tenhas libertado da servidão ao pecado e tenhas declarado que o pecado não

mais exercerá domínio sobre nós. Pai, oro em favor daqueles que continuam na servidão que os amarra, aprisiona e puxa para baixo, cada vez a um pecado mais profundo. Pai, oro para que Tu os libertes dessas algemas, e que soltes os prisioneiros. Que possam sair da servidão e de suas trevas e de seu pecado para Aquele que pode libertá-los — Cristo, o grande Emancipador do pecado.

Amém.

3

A PREDESTINAÇÃO

Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.

Romanos 8:28-30

Recentemente, durante uma conversa por alguns minutos com um amigo, mencionei a questão da predestinação. Isso provocou um debate acerca das razões por que a doutrina da predestinação seria contrária a toda forma de princípios, ética e motivos cristãos. Infelizmente, não dispunha eu de mais tempo para discutir mais demoradamente sobre a questão com aquele amigo; mas penso que ele representa muitas pessoas, hoje em dia, dentro e fora da Igreja, que pensam que essa doutrina da predestinação é um tanto estranha. Quando a gente menciona a doutrina da predestinação, poder-se-ia pensar que somos expositores de estranha doutrina, uma falha da qual o apóstolo Paulo também foi acusado – como se ela fosse algo inteiramente contrário e estranho ao cristianismo. Na verdade, essa doutrina anda mui pouco conceituada em nossos dias.

Por que as coisas são assim? O grande A. A. Hodge, professor em Princeton, disse que isso se deve, em grande medida, à falta de atenção que é dada a essa doutrina na maior parte das igrejas evangélicas, como

igualmente à prevalência geral de um preconceito natural, embora sem fundamento, a não ser na ignorância, contra ela. Penso ser verdade que os homens demonstram um preconceito natural contra essa doutrina, como, de resto, contra todas as doutrinas da graça. Realmente, é nessa doutrina que a graça soberana de Deus atinge o seu ápice, o que obvia o motivo por que tal preconceito mostra-se mais virulento contra ela.

B. B. Warfield, também de Princeton, em resposta à indagação de por que os homens, nesta nossa época particular, tanto se opõem a essa doutrina, declarou: "Consideremos o orgulho do ser humano, sua afirmação de liberdade, sua jactância de poderio, sua recusa em reconhecer a influência de vontades alheias. Consideremos a arraigada confiança do pecador em sua própria natureza, como se ela fosse fundamentalmente boa". Quanta verdade há nessa declaração! Ao conversar, como tenho feito, com milhares de pessoas, tenho descoberto que a maioria delas está basicamente convencida de que elas são pessoas boas, desde o âmago, desde o próprio coração. Pois bem, não foi isso que Jesus ensinou acerca do coração humano, foi? Algumas dessas pessoas costumam dizer: "Ah, creio que Jesus é o Grande Mestre". Ora, pois, Jesus ensinou: "Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias". Ele assim afirmou que todos nós, cada um de nós, é um pecador desde o próprio coração. A Bíblia assevera: "Enganoso é o coração, mais do que todas as cousas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá? Eu, o Senhor, esquadrinho o coração. . ." No entanto, o homem não-regenerado, o homem que nunca se converteu, confia inerentemente em que sua natureza é fundamentalmente boa. Dizem-nos que não há tal coisa como um menino mau. Quantas vezes já ouvimos outras pessoas dizerem isso? Todavia, não é isso que as Escrituras ensinam. As Escrituras estipulam: ". . . não há quem faça o bem, não há nem sequer um. . ." — nem menino e nem homem, nem menina e nem mulher, nem crente e nem não-cristão — ninguém é bom, nem um

Mateus 15:19

Jeremias 17:9-10

Salmos 53:3

sequer. Todos os seres humanos têm sido reprovados em face dessa arraigada confiança do homem em sua própria natureza, que ele acredita ser fundamentalmente boa, por causa da confiança que o homem tem em sua plena capacidade de fazer tudo quanto dele é exigido com justiça.

Warfield afirmou que, particularmente em nossa época, na qual os homens, através da sua ciência, têm conseguido tão espetaculares avanços no seu domínio sobre a natureza, tornou-se difícil alguém humilhar-se sob a poderosa mão de Deus. O homem precisa chegar a conscientizar-se de que não apenas ele é um ser culpado e poluído, mas igualmente que está absolutamente indefeso e sem esperança. Nada existe que ele possa fazer para preparar-se para a outra vida, pois a sua salvação depende inteiramente de Deus. Eis a razão por que o Dr. L. Boettner assevera que é quase impossível convencer ao coração não-regenerado a respeito da doutrina da predestinação. Permita-me reiterar minha afirmação: é quase impossível convencer a um coração não-regenerado (o homem que ainda não foi salvo, que se mantém na incredulidade) acerca dessa doutrina. O homem natural, em seu estado natural e não-regenerado, levanta-se revoltado contra ela. Ora, sendo esse o ponto culminante da graça soberana de Deus, trata-se de uma pedra de toque através da qual o caráter dos homens pode ser revelado, descobrindo se eles são ou não submissos a Cristo e Sua Palavra. Quando você estiver se aprofundando nessa doutrina, a natureza do seu coração ser-lhe-á manifesta. E você nunca mais será o mesmo. Alguns leitores chegarão mesmo a odiar a idéia da predestinação; mas outros haverão de amá-la e estimá-la profundamente. Tenha em mente, contudo, que é praticamente impossível convencer dessa doutrina ao indivíduo de mente não-regenerada.

Que essa doutrina esteja sendo reputada como estranha causa-nos surpresa, à luz de breve exame histórico. Essa doutrina foi claramente exposta na Igreja antiga, por Agostinho, de tal maneira que ela mereceu a

atenção da Igreja por quase todo o período dos primeiros séculos da era cristã, até que a Igreja se afundou na apostasia. Foi doutrina reavivada por Lutero, o qual era crente firme na doutrina da predestinação. João Calvino, de Genebra, também cria nela firmemente, e a expôs com tal coerência e vigor que ela chegou a adquirir o nome dele, em alguns círculos, como se ele tivesse sido o seu criador, o que, naturalmente, está muito afastado da verdade. Calvino meramente a expôs com grande clareza. E também foi doutrina defendida por Melancton, Zwinglio, João Knox, e Cranmer, da Inglaterra. Sem qualquer exceção, todos os reformadores protestantes eram firmes partidários da doutrina. Afirma Hastings, o historiador, que essa doutrina era “a própria força hercúlea da reforma protestante, mediante a qual os reformadores arrebatarem a salvação da alma humana das mãos do papa e a deixaram ao encargo de Deus”. Ora, é deveras estranho que os descendentes dos reformadores, que asseveram crer nas doutrinas por aqueles ensinadas, por muitas e muitas vezes neguem com tanta veemência aquilo que era tido por aqueles como um dos ensinamentos cardeais das Sagradas Escrituras. Todas as igrejas protestantes derivadas da Reforma advogam essa doutrina nos seus respectivos credos. As pessoas da mais profunda moralidade que o mundo jamais viu têm sido crentes nessa doutrina. Os presbiterianos e os reformados da Holanda, da Suíça e da Alemanha, os anglicanos, os huguenotes, os covenanters, os puritanos, os pietistas da Alemanha, os peregrinos da América do Norte foram todos crentes firmes na grande doutrina da predestinação.

Aqueles que têm defendido as liberdades civis, como João Calvino; o virtual fundador da democracia, Guilherme de Orange; Cromwell; e os fundadores presbiterianos e congregacionais do governo dos Estados Unidos da América do Norte foram todos eles crentes nessa grandiosa doutrina. As iniciativas pioneiras em prol da educação universal surgiram dentre as escolas paroquiais escocesas, as quais haviam sido iniciadas sobre o alicerce dessa doutrina. O New England College

também foi fundado com base nesse grande ensino. O Dr. L. Boettner declarou que os patriotas, os criadores do estado livre, os mártires, e a maioria dos missionários evangélicos da era moderna têm sido declarados crentes na doutrina da predestinação.

Por conseguinte, eu gostaria que você reconsiderasse qualquer idéia preconcebida que porventura tenha contra essa doutrina, à luz de alguns desses fatos da história. O que eu lhe recomendo é um estudo calmo e cuidadoso da questão. Estou certo de que aquilo que você puder aproveitar de um capítulo como este não será o bastante, razão pela qual rogo-lhe que você faça seus próprios estudos a respeito. Existem muitas obras que abordam esse tema, e procuro aqui encorajá-lo a estudá-las. Adaptando as palavras de Alexander Pope, poderíamos afirmar que, em pequenas doses, a predestinação é perigosa, razão pela qual você deveria sorver profundamente da fonte sagrada, ou, então, nada deve beber dela.

O motivo por que tantas pessoas se opõem a essa doutrina é que elas querem um Deus que seja qualquer coisa, menos Deus. Talvez permitam-lhe ser algum psiquiatra cósmico, um pastor prestativo, um líder, um mestre, qualquer coisa, talvez. . . contanto que Ele não seja Deus. E isso por uma razão muito simples. . . elas mesmas querem ser Deus. Essa sempre foi a essência do pecado – o fato que o homem pretende ser Deus. Desde o tempo em que Lúcifer disse: “. . .serei semelhante ao Altíssimo”, tal coisa vem acontecendo. Foi por isso que Adão disse, em essência, a Deus: “Deus, mantenha-se longe da minha vida. Quero dirigi-la a meu modo”. Oh, não é tanto que desejamos eliminar a influência das Plêiades ou manipular o Órion, mas é que desejamos ser o Deus das nossas próprias vidas. Queremos ser os capitães de nosso próprio destino e os senhores de nossas almas. Tal domínio não queremos perder para Deus, nem para quem quer que seja.

Mas, que dizem as Escrituras? Algumas vezes eu me sinto tentado a perguntar das pessoas que asseveram não acreditar nessa doutrina: “Você crê nas Escrituras?”

Isaías 14:14

Gênesis 3

É inquestionável que a Bíblia está repleta desse ensino. Simplesmente alistar os trechos bíblicos que abordam os temas da predestinação, da eleição, da chamada eficaz do Espírito de Deus para a salvação, da preordenação, da soberania de Deus sobre todas as fases da existência, exigiria maior espaço do que dispomos neste capítulo inteiro. Para que você verifique que esse tema é claramente ensinado nas Escrituras, examinemos alguns poucos trechos. Que existe um grupo de indivíduos que são chamados na Bíblia de os *eleitos* – aqueles que foram escolhidos por Deus – torna-se evidente através de passagens bíblicas como estas: “Não tivessem aqueles dias (os últimos dias) sido abreviados, e ninguém seria salvo; mas, por causa dos escolhidos tais dias serão abreviados...” “Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos.” “E ele [Deus] enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos . . .” “Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? . . .” Cristo afirmou que nos deveríamos regozijar porque nossos nomes estão registrados no Livro da Vida do Cordeiro, escrito desde a fundação do mundo. Declarou Paulo: “Por esta razão, tudo suporto por causa dos eleitos . . .” “Paulo, servo de Deus, e apóstolo de Jesus Cristo, para promover a fé que é dos eleitos de Deus . . .” “. . .reconhecendo, irmãos, amados de Deus, a nossa eleição . . .” Destarte, podemos saber com certeza que é fato existirem eleitos de Deus. E, se já viemos a Cristo e fomos regenerados e remidos, podemos saber que pertencemos ao grupo dos eleitos, pois jamais teríamos vindo a Cristo de outra maneira.

Também lemos: “. . .e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade. . . no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as cousas conforme o conselho da sua vontade”.

A epístola aos Romanos ensina-nos que: “. . .aos

Mateus 24:22

Mateus 24:24

Mateus 24:31

Romanos 8:33-34

Lucas 10:20

Apocalipse 21:27

II Timóteo 2:10

Tito 1:1

I Tessalonicenses

1:4

Efésios 1:5, 11

que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou". Isso posto, aprendemos que a "cadeia de ouro" que leva a nossa salvação da eternidade passada à eternidade futura está vinculada ao amor e à vontade predestinadora de Deus.

Romanos 8:30

Quando Jesus esteve em Betsaida, em Cafarnaum e em várias outras aldeias, onde pregara e onde Sua pregação fora rejeitada, que foi que Ele fez? Porventura sentou-se à beira da estrada, lamentando-se: "Oh, Pai, sinto-me um fracassado! Todos eles rejeitaram a minha pregação. Fiz o melhor que estava ao meu alcance, mas eles simplesmente não me deram ouvidos. Não reagiram favoravelmente! Oh, Pai, quanto eu gostaria que eles tivessem correspondido. Sinto-me esmagado pela tristeza"? Foi isso que Ele fez? Leiamos as palavras de Cristo, no capítulo onze de Mateus. Naquela ocasião, Jesus ergueu os olhos para o céu, e exclamou: "Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas cousas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos". Por quê? Por qual razão Deus havia agido dessa forma? "Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado."

Mateus 11:25

Mateus 11:26

Ora, visto que isso é apenas uma amostra de inúmeras passagens que mencionam a doutrina da predestinação, o que é que ela realmente nos ensina? O que ela diz? Charles Spurgeon, considerado por muitos como o mais famoso e notável pregador de todos os tempos, indagou: "Em um mundo de homens decaídos, no qual todos se rebelaram contra Deus e preferiram seguir o seu próprio pecado, voltando as costas para o Senhor, e onde ninguém se volve para Deus, porquanto ninguém há que O busque, nem ao menos um, de que adiantaria um *para quem quiser*, em um mundo onde *ninguém quer*?" Inevitavelmente, os homens recusam-se a vir a Deus. Embora Deus estendesse os braços o dia todo, de nada isso adiantaria. "Todo o dia estendi as minhas mãos a um povo rebelde e contradizente." Jesus indagou: "Por que não vindes a mim? E por que preferis morrer" ". . . não quereis vir a mim para terdes vida".

Romanos 10:21

João 5:40

Só existem duas coisas que uma pessoa pode obter da parte de Deus, e uma delas é justiça. Deus precisa mostrar-se justo para com todos. Ele "... julgará o mundo com justiça, e os povos com equidade". Pesa sobre Deus a necessidade de ser justo para com todos. Ele não pode ser injusto ou parcial.

A outra coisa que também podemos obter da parte de Deus é misericórdia e graça. De certa feita, alguém me disse: "Bem, isso não é justo". E tal pessoa estava com a razão. Não é justo mesmo. A salvação não é uma questão de justiça. Se até agora você não tinha percebido esse fato, então ainda não conseguiu aprender grande coisa sobre o cristianismo. Pois, de fato, não é uma questão de justiça. Ser justo é ser equitativo, e isso significa que cada qual recebe exatamente aquilo que merece, dependendo do que tiver feito nesta vida, à luz daquilo que tiver conhecido. Ora, se tivermos de obter o que merecemos, dependendo daquilo que tivermos praticado, então tudo nos cairá diretamente sobre a cabeça, já que todos temos praticado o que é errado. Por conseguinte, graças a Deus que a salvação nos é outorgada pela graça divina, e que não é uma questão de justiça!

Contudo, esse esquema não é injusto, no sentido de estar abaixo do que é justo. Antes, é um esquema *super-justo*, ou seja, é motivado pela misericórdia, sendo algo que está além e acima do que é justo. Se alguém vendesse um terreno no valor de um milhão de cruzeiros, e o comprador enganasse o proprietário, pagando-lhe somente quinhentos mil cruzeiros, isso não seria justo. Suponhamos, entretanto, que alguém pagasse quinhentos mil cruzeiros por um terreno que não valesse mais de cem mil cruzeiros. . . isso não seria apenas justo, seria mais do que justo. A graça de Deus também é mais do que justa.

Deus não é forçado a usar de Sua graça e misericórdia com quem quer que seja. Ele mesmo declarou: "Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia. . ." Quando um governador perdoa algum criminoso, até então detido em uma penitenciária, isso não

significa que seja obrigado a perdoar cada criminoso de cada penitenciária do estado. Pois o perdão por ele dado é um privilégio executivo de um oficial soberano em sua função. O governador pode usar de misericórdia e pode negá-la, dependendo tudo de sua vontade. Deus contempla um mundo perdido, cá embaixo, e resolve usar de misericórdia, e opta por perdoar graciosamente a um indivíduo que, com abundantes razões, merecia ser punido por seus pecados. Portanto, Deus usa de misericórdia para com aquela pessoa. Charles Spurgeon indagou se poderíamos detectar qualquer erro nessa atitude divina. Por isso é que também pergunto: Há algo de errado em Deus, quando Ele usa de misericórdia e perdoa graciosamente a alguém que nada disso merece? “Porventura não me é lícito fazer o que quero do que é meu?” perguntou Jesus, após ter mostrado como Ele usa de misericórdia para com alguém. Não, nada há de errado nisso. De acordo com Spurgeon, pois, não seria perfeitamente legítimo Deus ter *decidido* agir assim ontem, para então *fazê-lo* hoje? Ou ter decidido agir assim na semana passada, para tornar a *fazê-lo* hoje? Ou no mês passado, ou no ano passado, ou no século passado, ou mesmo antes de serem lançados os fundamentos do mundo? Ora, meus amigos, isso é eleição ou predestinação. Desde a eternidade, Deus contemplou um mundo de pecadores, cá embaixo, e resolveu usar de misericórdia para com vastíssimo número de pessoas, o qual ninguém pode enumerar; e, no tempo determinado, foi estendendo essa misericórdia aos Seus eleitos, não por causa de algo que tenha visto neles de antemão, mas total e inteiramente por causa daquilo que Deus é. . . o Deus de toda a graça. Basta-nos isso quanto à declaração da doutrina da predestinação.

Mateus 20:15

Muitas têm sido as objeções levantadas contra essa doutrina. Uma delas é a que diz: “Bem, por que Deus não salva a todos os homens?” É que existem determinadas coisas que foram reveladas, as quais pertencem aos filhos dos homens, ao passo que as não-reveladas pertencem exclusivamente a Deus. Deus achou por bem que não deveria revelar-nos estas últimas. Ele não nos

Deuteronomio
29:29

Lucas 10:21

revelou plenamente por qual motivo não escolheu a todos os seres humanos. Isso se deve a razões que parecem boas aos olhos do Senhor. O motivo pelo qual essa graça foi negada a alguns, se encontra nas palavras de Jesus: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas cousas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos”. Mas, por quê? Notemos com atenção: “Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado”. Alguns leitores não apreciarão isso. É diante dessa verdade que cada pessoa resolve se será submissa ou não a Deus — não a alguma arbitrária divindade pagã, mas a um Senhor infinitamente sábio, infinitamente gracioso, infinitamente justo e infinitamente santo. Por motivos que Lhe parecem bons, Ele estendeu Sua graça a algumas pessoas, e negou-a a outras.

I Coríntios 1:26-
29

I Coríntios 1:31

Contudo, a Bíblia nos fornece alguns indícios a esse respeito. De uma coisa, porém, podemos saber com certeza — o motivo pelo qual a graça divina *não* foi estendida àqueles dentre nós a quem foi oferecida. Ele não a estendeu a nós por sermos melhores que qualquer outra pessoa, ou mais nobres ou sábios, ou mais espertos ou santos do que quem quer que seja. Pelo contrário, a Bíblia diz em I Coríntios, no seu primeiro capítulo: “Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as cousas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as cousas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as cousas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus”. Disso posso deduzir que o fato de ser eu um dos eleitos de Deus não me dá margem à jactância, porquanto Deus me diz, especificamente, que escolheu o lixo deste mundo. Não há lugar para a vanglória humana. “A fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus . . . Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.”

A salvação não vem pelas obras ou pelo mérito

humano, a fim de que ninguém se vanglorie defronte de Deus. Nada temos do que nos jactar. Por igual modo, das Escrituras podemos derivar a seguinte percepção: Deus criou o mundo para a Sua própria glória, e não meramente para nosso aprazimento. Também compreendemos que Deus é glorificado por ser um Ente glorioso; e as muitas facetas do caráter divino, como um magnífico brilhante, são gloriosas e dignas de serem louvadas, simplesmente ao serem contempladas por nós. Destarte, na salvação dos remidos, os aspectos gloriosos da misericórdia, da graça, da compaixão, da longanimidade, da bondade e do amor de Deus nos são revelados; e por isso é que Deus deve ser glorificado. Todavia, dentro da justa condenação dos ímpios, manifestam-se igualmente os aspectos gloriosos da justiça, da santidade e da retidão de Deus. Ora, quando essas realidades são vistas através dos olhos preconceituosos dos pecadores, tal visão é difícil de ser aceita por eles. Mas um anjo, que desconhece experimentalmente o pecado, contemplaria a todos esses aspectos gloriosos sem sentir nenhuma dificuldade. Deus é justo, santo e reto, e sente indignação e ódio naturais contra o pecado, porquanto o pecado é inerentemente maligno. Quando esses atributos divinos se manifestam na justa condenação dos pecadores, então Deus, em Sua justiça, é glorificado, da mesma maneira que um juiz humano deveria ser cumprimentado ao condenar com justiça a algum criminoso iníquo. Por conseguinte, tanto a eleição de alguns quanto a rejeição de outros, são motivos para glorificarmos a Deus.

Outros há que têm feito a seguinte objeção: "Ora, isso cheira a fatalismo!" Mas essa objeção meramente revela quão pouco essas pessoas sabem sobre a predestinação, ou quão pouco conhecem sobre o fatalismo. Se compreendessem de modo certo uma ou outra dessas idéias, entenderiam que a predestinação é a única alternativa genuína para o fatalismo. Esse é um ponto importantíssimo. O fatalismo não dá margem para qualquer tipo de liberdade por parte do homem. Se, por um lado, a Bíblia ensina que o homem natural, perdido,

Ezequiel 24:14

Atos 26:18

não-regenerado está morto e é prisioneiro dos seus pecados, em razão do que não pode fazer as coisas que moralmente *deveria* fazer, como arrepender-se ou viver santamente, por outro lado ela também ensina que todos os homens, sem importar se estejam no estado de inocência, de pecado, de graça ou de glória, eles sempre têm a liberdade de fazer o que *quiserem*. Permita-me repetir minha afirmativa. Embora o homem, em seu estado natural, não-regenerado esteja escravizado ao pecado e não possa praticar aquilo que é de seu *dever* moral, todos os seres humanos dispõem sempre da liberdade para fazerem aquilo que bem *quiserem*. E, visto que são livres para fazerem o que bem lhes *agradar*, também são responsáveis por tudo quanto *fizerem*. Portanto, a liberdade e a contingência de segundas causas são mantidas, e não negadas, conforme sucede no fatalismo.

Algumas pessoas supõem que se aceitarem o conceito do mero acaso, estarão evitando esse problema. Porém, tudo quanto você tem a fazer é ler, mesmo superficialmente, alguns tratados filosóficos, a fim de tomar conhecimento que o conceito do acaso é inteiramente determinístico. A única diferença entre o acaso e o fatalismo é que, no *fatalismo*, as pessoas seriam controladas por alguma força impessoal, que controlaria todas as coisas, fixando-lhes o destino; mas, no *acaso*, as pessoas ficam supostamente entregues nas mãos de alguma espécie de máquina impessoal, a qual ou haverá de esmigalhá-las ou haverá de guindá-las ao topo, apesar de tratar-se de uma força impessoal, incapaz de pensar. Por outra parte, as Escrituras colocam-nos nas mãos de um Pai que tudo sabe e que é todo amor, um Ser pessoal. Há um imenso abismo de diferença entre o fatalismo e a predestinação. Isso se faz ainda mais óbvio quando consideramos as palavras proferidas por Jesus: "...porque pelo fruto se conhece a árvore". Consideremos o mundo islâmico, onde o fatalismo tem sido um dos ensinamentos centrais durante os últimos mil e trezentos anos. Nesse mundo vêem-se nações atoladas na pobreza e na estagnação. Conside-

Mateus 12:33

remos, ato contínuo, as nações onde se defende a doutrina da predestinação — a Suíça, a Holanda, a Alemanha, a Inglaterra, a Escócia, os Estados Unidos da América do Norte — e veremos nações onde se evidencia um progresso da mais alta categoria. A diferença é tão óbvia que até um exame dos mais aligeirados nos mostra isso.

Alguns também têm levantado a objeção que essa doutrina destrói qualquer forma de motivação. Mas a objeção se deve à idéia de muitas pessoas que, para que alguém seja motivado a fazer qualquer coisa, será mister que o empreendimento seja desconhecido e incerto. Sem embargo, isso não se harmoniza com a verdade das coisas, e um mínimo de reflexão demonstrará que, sem importar o que você acredite acerca da predestinação, se você crê em Deus, em qualquer sentido, então você crê em um Ser onisciente, sabedor de todas as coisas. As Escrituras ensinam que o Senhor conhece todas as Suas obras desde o começo da criação. Deus sabe de tudo. Ora, se Deus é alguém que simplesmente *sabe* de tudo, então esse conhecimento torna certo cada acontecimento futuro. Posso salientar por qual motivo as coisas são assim? Cem milhões de anos no passado, sabia Deus que você estaria lendo este livro, nesta hora? Você talvez responda: "Naturalmente, Deus já sabia de tudo". Ele sabia disso há cem milhões de anos. Se você não crê nisso, então também não crê em Deus. Todo aquele que crê na existência de Deus, sabe que um dos Seus atributos é a onisciência. Se Deus não sabia de alguma coisa, mas acabou de sabê-lo agora, por ter notado você neste lugar, então Deus terá acabado de aprender alguma coisa, o que também significa que Ele não é imutável. Pois Deus teria acabado de mudar em algo, tendo aumentado o cabedal de Seus conhecimentos. E isso, por sua vez, significa que Ele estaria destruído como Deus. Assim, se Deus, há cem milhões de anos, sabia que você estaria lendo este livro, nesta hora, haveria alguma possibilidade que você não o estivesse lendo agora? Naturalmente, não! O conhecimento prévio de Deus tornou esse fato absolutamente certo. Você

sabe disso. Ao mesmo tempo, você sabe que apanhou este livro impelido por sua livre vontade, porquanto você é livre para fazer o que bem lhe agrada. Ora, isso constitui um mistério incompreensível para nós, ou seja, como foi que Deus ordenou todas as coisas para que elas operassem juntamente, isto é, os homens fazem o que lhes agrada, ao mesmo tempo que Deus controla todas as coisas e faz suceder tudo segundo o Seu beneplácito. “. . . porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.”

Isso posto, você está percebendo que, sem importar o que você creia acerca da predestinação – se você ao menos acredita em Deus, em um Deus onisciente, então cada ato futuro torna-se inexoravelmente certo. Porém, o fato que um acontecimento está garantido não significa que você não seja livre. Que Deus sempre agirá com retidão é algo absolutamente certo. Não pode haver qualquer dúvida quanto a isso. Ele não pode agir de outra maneira, e, não obstante, não há ser tão livre quanto Deus. Portanto, a doutrina da predestinação, embora assegure a certeza da ocorrência de acontecimentos futuros, não elimina a liberdade das causas secundárias; e nem significa que as pessoas não sejam livres para fazerem o que quiserem.

Há quem pergunte: “Por que eu deveria orar?” Por exemplo, quando oramos para que Deus converta algum parente ou amigo que ainda não é crente, não estamos orando para que Deus faça precisamente aquilo sobre o que estamos falando? Se Deus não pode fazer isso, se Deus não pode converter as pessoas, se não é Deus quem salva os indivíduos, se tudo quanto podemos fazer é apresentar os fatos e esperar que os homens reajam favoravelmente, então não há, realmente, sentido algum em orarmos a Deus. Uma das primeiras regras dos bons vendedores é dirigirem-se às pessoas que têm o poder de tomar decisões. Portanto, se a oração não tem efeito, desista de ajoelhar-se diante de Deus e vá ajoelhar-se diante do homem, e ore diretamente a ele para que ele se deixe salvar. O homem tem o direito de

tomar a decisão final, se é que você não acredita na doutrina da predestinação. Quanto a nós, entretanto, sempre oramos na suposição que Deus tem a capacidade de converter uma alma, tal como Ele fez no caso do apóstolo Paulo.

Atos 9:1-20

“Por que deveríamos testificar, e por que deveríamos pregar?” A razão pela qual as pessoas fazem tal indagação é que elas não compreendem que Deus não preordenou meramente o *fim*, mas também preordenou os *meios*. De fato, Deus *não preordena o fim, sem também preordenar os meios*. Se Ele predeterminou que alguém haverá de converter-se, então Ele igualmente terá predeterminado que alguém compartilhe do evangelho com esse alguém e ore em favor desse alguém. Esse indivíduo, por sua vez, ter-se-ia convertido antes dessa intercessão – a oração e a conversão contínuas teriam retrocedido até ao princípio do mundo. Deus jamais predetermina o fim sem predeterminar, igualmente, os meios.

A doutrina da eleição é prenhe de profundo consolo, e há grandes benefícios práticos para aqueles que a compreendem e defendem. Os trinta e nove artigos da Igreja Anglicana, em seu artigo décimo-sétimo, declara: “...a piedosa meditação sobre a predestinação, e sobre a nossa eleição em Cristo, reveste-se de um consolo doce, agradável e indizível para os que são piedosos. . .” Note-mos que isso é afirmado acerca dos “piedosos”. Porém, se você não é uma pessoa piedosa, essa doutrina não lhe servirá de consolo. Ela é cheia de consolo, porém, porquanto mostra que nossa salvação depende inteiramente da graça divina. Tenha em mente que a Bíblia jamais diz que alguém foi predestinado para o inferno. Essa palavra só é usada em referência ao céu, à graça e à glória. Porém, talvez você possa indagar: “Se é verdade que Deus tem predestinado alguns para o céu, deixando de lado outras pessoas, não teria Ele predestinado estas últimas ao inferno?” Não, não é esse o caso, porquanto tal objeção supõe que essas pessoas são neutras, e não estão se dirigindo a lugar nenhum por si mesmas. Mas a verdade é que o mundo inteiro se está precipitando de

ponta cabeça na iniquidade, no pecado, e, por conseguinte, na condenação e no inferno.

Imaginemos cinco pessoas que estejam planejando assaltar um banco. Mas eles eram meus amigos. Eis que descubro o plano e rogo diante deles que não o levem avante. Imploro-lhes que desistam. Finalmente, eles me empurram para um lado e dão início à execução do plano. Agarro-me com um deles e luto com ele, rolando pelo chão. Porém, os demais prosseguem, assaltam o banco, um guarda é morto, e eles são capturados, declarados culpados, sentenciados à cadeia elétrica, e executados. E o único homem do grupo que não se envolveu no assalto, fica livre. Agora, eu pergunto: De quem foi a falta que aqueles outros homens morreram? Fui eu quem forçou os mesmos a assaltarem o banco? Porventura encorajei-os a fazerem tal loucura? Fui eu a causa do assalto? Instei com eles para que assim fizessem? Ou deixei de implorar para que desistissem do assalto? Não foi antes pela livre escolha deles, de seus próprios corações pecaminosos, de sua própria cupidez, de sua própria concupiscência pelo dinheiro que os induziu a praticarem aquele assalto? Consideremos agora o outro homem, que anda por aí em liberdade. Poderia ele dizer: "Visto que meu coração é bom, sou um homem livre"? A única razão pela qual ele goza de liberdade é que eu o impedi; eu o restringi. Por semelhante modo, aqueles que vão para o inferno, *a ninguém mais podem culpar senão a eles mesmos*. E aqueles que vão para o céu *não têm outro para louvar, salvo a Jesus Cristo*. Portanto, vemos que a salvação *depende inteiramente da graça divina*, do princípio ao fim. Tudo procede de Deus. É Ele quem nos busca e atrai a Si mesmo.

Essa doutrina confere grande segurança e coragem àqueles que nela crêem. Para aqueles para quem Deus está distante e somente vez ou outra se envolve nas atividades desta vida, a vida lhes deve parecer cheia de temores e ameaças. Porém, aqueles que vivem e se movem em Deus, e sabem que Ele controla soberanamente cada átomo deste universo, vivem plenos de coragem e confiança. A predestinação extingue o temor,

e é interessante observarmos que aqueles que nela acreditavam, no passado, não temiam o que quer que fosse. Ela humilha o homem diante de Deus, e, ao exaltá-Lo, faz o homem sentir-se poderoso diante dos reis. Por esse motivo é que a rainha Maria, da Escócia, disse que temia mais a presença de João Knox do que dez mil navios de guerra.

Amado, reconhece você a sua eleição em Cristo? A Bíblia convida: “. . .procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição. . .” Cristo o está convidando para vir a Ele: “. . .e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora. . .” A predestinação não impede quem quer que seja de entrar no céu, mas popula o paraíso com uma vasta multidão que ninguém pode enumerar. Cristo declarou: “Vinde a mim; e aquele que vier a mim, de maneira nenhuma o lançarei fora”. Porém, por você mesmo, se meramente seguir os seus impulsos, jamais você virá a Ele. “. . .não há quem busque a Deus. . . nem um sequer. . .” Se você *não* vier a Cristo a fim de confiar em Sua cruz e cessar de confiar em sua própria retidão, pondo sua confiança na obra expiatória do Senhor, você só poderá culpar à sua justiça-própria, ao seu orgulho e ao amor que seu próprio coração tem pelo pecado. Mas, se você vier a Cristo, isso dever-se-á ao fato que Deus, o grande e precioso Pastor, ter-lhe-á buscado e atraído a Si mesmo. A ovelha perdida não encontra o pastor; o pastor é que encontra a ovelha perdida.

II Pedro 1:10

João 6:37

Ouçã! a voz do Pastor que lá fora convida
A sair do deserto que é escuro, sem vida.
Chamando a ovelhinha que assim extraviada
Tão longe do aprisco se vê desgarrada.

Soli Deo Gloria!

4 CHAMADA EFICAZ

E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.

Romanos 8:30

Nos três primeiros capítulos, vimos que Deus é o Governante soberano do mundo; Ele não age confusa e desordenadamente, e nem improvisa segundo vão surgindo as necessidades diárias. Pelo contrário, Deus estabeleceu os planos e arquitetou todas as Suas obras, antes mesmo de ter criado o mundo. Ele controla e ordena soberanamente todas as coisas que acontecem, desde a mais gigantesca estrela até ao mais minúsculo átomo.

Também aprendemos que Deus fez isso de tal maneira que permitiu uma certa liberdade natural ao homem. Deus criou o homem com a capacidade de praticar o bem ou o mal. O homem, entretanto, preferiu o mal e mergulhou o mundo no pecado, e lançou a si mesmo no estado de servidão, de condenação. Mas também vimos que Deus resolveu não abandonar a Sua criatura humana nesse estado, porquanto desde a eternidade passada selecionara um povo para Si mesmo. As Escrituras referem-se a esses como os eleitos de Deus — uma multidão proveniente de cada língua e nação e tribo e povo debaixo do sol; uma multidão que ninguém é capaz de enumerar. A esses Deus resolveu que salvaria. Tais pessoas são Suas ovelhas, os predestinados por amor de quem Paulo suportava tudo, e por causa de quem os dias da tribulação final serão

Marcos 13:20, 27

abreviados. Essas são as pessoas que ouvirão e compreenderão a voz do Senhor e O seguirão, porquanto sabem que Deus enviou Seu Filho para morrer por elas e garantir-lhes a vida eterna.

Neste capítulo, quero considerar como essa redenção, que foi garantida por Cristo e determinada por Deus, vai sendo aplicada agora. Essa é a doutrina denominada “chamada eficaz”. Todos sabem o que é uma chamada; porém, o que é uma “chamada eficaz”? *Eficaz* indica aquilo que realiza tudo quanto se propõe fazer. É aquilo que funciona, que é bem sucedido, que consegue fazer aquilo que seu autor tenciona. É isso que Deus quer dizer, quando afirma: “. . . assim será a palavra que sair da minha boca; *não voltará para mim vazia*, mas fará o que me apraz, e prosperará *naquilo para que a designei*”. Qual propósito conseguirá realizar a “chamada eficaz”? Realizará ela o propósito das pessoas que lhe derem ouvidos? Não, mas realizará o propósito pelo qual Deus a enviou. A eficácia da Palavra é que ela fará aquilo que Deus resolveu realizar.

Isaías 55:11

A Bíblia alude tanto a uma chamada eficaz como a uma chamada que não é eficaz. Existe uma chamada externa, que envolve meramente a Palavra, mas sem o acompanhamento do Espírito Santo. Quando afirmo, em nome de Jesus Cristo, que Ele declara: “Vinde a mim, que eu vos darei vida”, isso é apenas uma chamada externa da Palavra. Mas, se alguém vier a corresponder positivamente a essa chamada, esse alguém receberá a vida eterna, porquanto Deus a ninguém rejeita. “. . . o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora.”

Mateus 25:34

João 6:37

Porém, eis que surge um problema. Em sua condição caída, como homem natural e não-regenerado, o ser humano está de tal modo preso ao pecado e cego pela iniquidade, que nunca deseja ter qualquer vinculação com o Deus santo, porque seu coração encontra-se em estado de inimizade contra Deus. “. . . não há quem entenda, não há quem busque a Deus.” Todo aquele, porém, que buscar a Deus, haverá de achá-Lo. “Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração.” Contudo, não há quem busque a Deus.

Romanos 3:11

Jeremias 29:13

Por quê? “Ora, o homem natural não aceita as cousas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.” O grande problema é a vontade do homem, que se volta contra Deus e se apegando ao seu próprio pecado.

I Coríntios 2:14

Por conseguinte, antes que uma pessoa venha a Cristo, deve haver algo mais que um mero convite externo. Deve haver uma operação interna do Espírito de Deus, o qual, com eficácia, nos conquista e atrai a Cristo, de tal modo que nos aproximamos dEle voluntariamente, tendo-nos tornado bem dispostos mediante a atuação de Sua graça. A chamada ineficaz (a chamada externa) pode ser vista em Mateus 22:14, onde se lê: “Porque muitos são chamados (pelo evangelho, a cada semana), mas poucos escolhidos”. Tenha em mente que esses poucos acabarão formando uma multidão que ninguém poderá contar; mesmo assim, são poucos, em comparação com os milhões e milhões de pessoas que têm vivido sobre a terra.

Mateus 22:14

A chamada interna, ou eficaz, por sua vez, pode ser vista em Romanos 8:30: “E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou. . .” Aqueles que foram chamados, vieram! Inquestionavelmente, todos os eleitos de Deus virão a Cristo. “Todo aquele que o Pai me dá, esse *virá* a mim. . .” Todos aqueles que o Pai deu a Seu Filho, como recompensa pelos Seus sofrimentos e por causa de Sua paixão, virão a Cristo, e Ele verá a Sua descendência e ficará satisfeito. Portanto, tanto há uma chamada externa quando uma chamada interna.

Romanos 8:30

João 6:37

Isaías 53:11

Essa doutrina da chamada eficaz também se denomina *graça irresistível* ou *graça eficaz*. Damos abaixo um sumário bem breve dessa doutrina, conforme se vê na Confissão de Fé de Westminster, que é o padrão doutrinário do mundo dos cristãos reformados:

Todos aqueles a quem Deus predestinou para a vida, e somente esses, Ele agrada-se por chamar eficazmente, no Seu próprio e aceitável tempo, por Sua Palavra e Espírito, dentre o estado de pecado e morte no qual se acham por natureza, à graça e à salvação, através de Jesus Cristo:

iluminando as suas mentes, espiritual e salvaticamente, para que compreendam as coisas de Deus, tirando-lhes o seu coração de pedra e conferindo-lhes um coração de carne, renovando-lhes a vontade e, por Seu poder infinito, determinando-lhes o que é bom; e atraindo-os eficazmente a Jesus Cristo, posto que com total liberdade, tendo-se tornado bem dispostos pela Sua graça. Essa chamada eficaz vem da livre e especial graça de Deus tão-somente, não por causa de qualquer coisa prevista no homem, o qual em tudo isso mostra-se inteiramente passivo, até que, vivificado e renovado pelo Espírito Santo, é capacitado a responder a essa chamada e a receber a graça nela oferecida e transmitida.

Essa, pois, é a chamada eficaz. O seu agente é o Espírito Santo; o instrumento usado é a Palavra de Deus; os objetos dessa chamada são pecadores até então não-regenerados, especificamente aqueles que são os eleitos de Deus.

II Tessalonicenses Lemos em II Tessalonicenses 2:13, 14: "...Deus vos
2:13-14 escolheu desde o princípio para a salvação... para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho, para alcançar a glória de nosso Senhor Jesus Cristo". Temos aí a descrição do quadro. Antes mesmo da fundação do mundo, Deus nos escolheu, e, tendo-nos escolhido, resolveu que ver-nos-ia receber o dom da vida eterna. No tempo próprio, por Ele determinado, Deus faz com que isso aconteça. O Espírito Santo chama-nos para Cristo por meio do evangelho, e recebemos aquilo que Deus nos doou.

Naturalmente, existem muitas pessoas que nem começam a compreender os rudimentos do cristianismo bíblico, supondo que a salvação é algo adquirido pelas suas próprias obras. Mas a salvação é uma dádiva gratuita – não pode ser ganha, merecida. Trata-se de uma dádiva conferida puramente pela graça bondosa de Deus. Ora, a pergunta que se impõe é: Como é que Deus nos dá esse dom? Contemplando ao redor, vemos pessoas que ouvem o evangelho e aceitam a Jesus Cristo, ao passo que outras não o fazem. Aqueles que aceitam a Jesus Cristo em suas vidas sentem-se per-

plexos por verem outras pessoas ouvirem o mesmo evangelho, mas sem aceitá-lo.

Dentro do protestantismo, existem duas escolas de pensamento, dois sistemas teológicos que procuram oferecer resposta para esse dilema. O primeiro é o calvinismo, defendido pela Igreja Presbiteriana e muitas outras. O segundo é o arminianismo. Ambos esses sistemas receberam nome de dois teólogos: João Calvino e Jacó Armínio. Os arminianos dizem: “A diferença (entre os que aceitam e os que não aceitam) deve ser encontrada no próprio homem”. Os calvinistas, porém, dizem: “A diferença deve ser encontrada em Deus”. Os calvinistas citam passagens como esta, em apoio ao seu ponto-de-vista: “Pois quem é que te faz sobressair? e que tens tu que não tenhas recebido?” Sim, o que provoca em nós essa diferença? Você tem fé? Onde é que você a obteve? Você já se arrependeu? Onde buscou subsídios para poder arrepender-se? Você ama a Deus? De onde lhe veio esse amor? Tudo mana da fonte que é Deus.

I Coríntios 4:7

O sistema do arminianismo, por sua parte, insiste que Deus oferece a vida eterna a todos, e que alguns querem crer e aceitá-la, mas que outros não o querem. Se isso fosse verdade, então uma pessoa poderia dizer: “Eu ouvi o evangelho; cri nele e aceitei a Cristo, e por essa razão tenho a vida eterna. E você, meu amigo, ouviu esse mesmo evangelho, mas, devido ao seu coração duro e pecaminoso, voltou-lhe as costas e rejeitou-o. Por conseguinte, você não está salvo, mas eu estou”. De acordo com os arminianos, é em nós que deve ser achada a diferença! Em certo sentido, é como se aquele indivíduo estivesse dizendo: “Sou melhor que você – mais espiritual, mais religioso, dotado de um coração mais brando, impelido por um amor menor pelo pecado e pelo mundo. Portanto, agarrar-me-ei tenazmente no que posso jactar-me. Se eu não puder jactar-me das minhas obras, pelo menos poderei jactar-me da fé que tenho”. Porém, a Bíblia ensina: “Aquele, porém, que se gloria, glorie-se no Senhor”.

II Coríntios 10:17

Os dois problemas básicos que envolvem o ponto de vista arminiano giram em torno da natureza de Deus

e da natureza do homem. A maioria das pessoas não entende o quadro retratado pela Bíblia no tocante à natureza humana. Após a queda, o homem morreu espiritualmente, tendo caído permanentemente em uma condição da qual nada, exceto o grande poder de Deus, pode libertá-lo. Mas as pessoas não compreendem isso, supondo que o homem pode livrar-se de suas transgressões e pecados. No entanto, disse Jesus aos fariseus: "Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres". E isso equivale a dizer que antes de Deus agir graciosamente em favor deles, na verdade não eram livres. A Bíblia afirma reiteradamente (acerca do homem natural): "Quem da imundícia poderá tirar coisa pura? Ninguém". A maioria das pessoas, entretanto, acredita que a vontade humana é suficientemente forte para produzir uma vida pura, uma vida boa, com atos de fé santos, por parte de um homem impuro. Entretanto, diz Romanos 5:12: "Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram". O homem está morto nos seus delitos e pecados.

João 8:36 "Pode acaso o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas? Então poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal." "Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe." "... como está escrito: Não há justo, nem sequer um, não há quem entenda, não há quem busque a Deus." Se o evangelho consistisse meramente em um convite, então o céu, realmente, continuaria sendo um lugar vazio até hoje. É conforme disse Spurgeon: "De que adianta um *para quem quiser*, em um mundo onde ninguém quer?"

Assim sendo, o primeiro problema que envolve o ponto-de-vista arminiano é que o homem não desfruta de liberdade para pôr em prática aquilo que é o seu dever moral. Porém, apresso-me a esclarecer o seguinte: O homem sempre é livre para fazer aquilo que ele *quer*; e essa é a razão pela qual ele é responsável por tudo quanto pratica. Entretanto, o homem não pode fazer aquilo que é de seu *dever* moral. Deveria amar a Deus de

todo seu coração, força, mente e alma, e, todavia, não pode transformar o seu caráter, da mesma forma que o etíope não pode mudar a cor negra de sua pele, ou o leopardo as suas manchas. Não, o homem está agrilhado aos seus pecados, e enquanto Cristo não partir as algemas e libertar o prisioneiro, este permanecerá para sempre aprisionado a seus próprios pecados.

O segundo problema que afeta o ponto-de-vista arminiano é o problema de Deus. Dizem eles que Deus oferece a todos os homens a opção da vida eterna, e, portanto, que do homem depende decidir se ele a preferirá ou não. E ajuntam que Deus está tentando desesperadamente salvar a todos os seres humanos; porém, ao homem competiria determinar se permitirá ou não Deus fazer tal coisa. Eles retratam a Deus como quem dissesse: “A minha vontade é que todos os homens sejam salvos. Infelizmente, porém, no fim terei de dizer a eles: Seja feita não a Minha vontade, mas a vossa. Pois vós, ó homens, sois os senhores soberanos deste mundo, e não Eu!” Essa é a perspectiva humanista, e o homem aprecia a mesma, visto que exalta a sua própria vontade.

Algumas pessoas supõem que, em vista de Deus haver dito que Sua vontade é que todos os homens sejam salvos, e que Ele não quer que alguém pereça, isso significaria que Deus está tentando ativamente salvar a todos os homens deste mundo. Mas isso, assevero eu, é uma opinião falsa. Pois se Deus estivesse tentando ativamente fazer algo, e fosse impedido de fazê-lo, então Ele não mais seria Deus.

Tal posição também é falsa em confronto com as múltiplas declarações das Escrituras que afirmam ser Deus soberano absoluto, sobre todas as coisas, incluindo o espírito, a vontade e o coração do homem. A Bíblia afirma que Deus cumpre todo o Seu querer entre os exércitos do céu e os habitantes deste mundo; Ele estende a mão e não há quem Lhe possa dizer: “Que fazes?”, ou que possa fazer a Sua mão recolher-se. É conforme nos diz o trecho de Romanos 9:19: “Pois quem jamais resistiu à sua vontade?” A resposta a essa

Efésios 1:9-10

Romanos 9:19

pergunta é: Ninguém! Ninguém jamais conseguiu oferecer qualquer resistência à vontade de Deus. A Bíblia acrescenta que Ele cumprirá todo o Seu propósito, e que nenhum propósito da Sua vontade será tolhido.

Teríamos um Deus que está tentando desesperadamente salvar a todos, mas está fracassando, ou temos um Deus que estabeleceu o Seu propósito e fixou o próprio coração em Seu povo, nos Seus eleitos, a quem Ele escolheu desde antes da fundação do mundo? O soberano Senhor Deus dos céus e da terra infalivelmente está conduzindo à glória cada um dos seus eleitos.

Quem é o Deus a quem você adora? Deus seria igualmente justo e misericordioso se nunca tivesse salvado a alguém. Spurgeon afirmava que o que mais nos admira não é que todos não sejam salvos, e, sim, que alguém ainda seja salvo. Essa é a maravilha da graça divina — a benevolência geral de Deus. Ele não deseja que as pessoas se percam, e nem é a causa delas se perderem — a causa é o próprio coração do ser humano. O beneplácito geral e o favor do Senhor são que Ele deseja que todos venham. Diz Ele: "... não tenho prazer na morte do perverso . . . por que haveis de morrer. . . ?" Ezequiel 33:11

Todavia, o propósito secreto de Deus é o de salvar aqueles a quem Ele resolveu salvar, desde a fundação do mundo. E todas essas pessoas serão salvas. "E *aos* que predestinou, a *esses* também chamou; e *aos* que chamou, a *esses* também justificou; e *aos* que justificou, a *esses* também glorificou." Portanto, é Deus Espírito Santo quem efetiva o chamamento divino. Romanos 8:30

Lembre-mos que é a Palavra de Deus que atua como a força criativa deste mundo. Consideremos o universo físico por alguns momentos. De onde procede o universo físico? "No princípio . . . disse Deus: Haja luz. . ." Gênesis 1:1, 3 e uma multidão de galáxias saltaram à existência, flamejantes, no firmamento. Os mundos que podemos contemplar tiveram início mediante a energia da Palavra de Deus.

Consideremos o episódio que envolveu Lazaro. O Senhor Ihe disse: "Lázaro, vem para fora". Todavia, João 11:43

Lázaro estava morto, e não podia ouvi-Lo. Se Jesus dispusesse apenas de um convite para instar com Lázaro, poderia ter ficado para sempre batendo à entrada daquele túmulo. Cristo, porém, proferiu a palavra transmissora de vida, e essa palavra trouxe Lázaro de volta à vida, fazendo o seu coração reiniciar as pulsações e os seus pulmões voltarem a funcionar. Lázaro ouviu a voz do Senhor, e como que asseverou: "Meu amado me chama. Voltarei". Tornara-se bem disposto a agir por intermédio da graça divina.

Meditemos sobre a questão do seu próprio nascimento físico. Qual foi a sua participação nesse evento? Esse é um perfeito exemplo da absoluta soberania de Deus – você não foi consultado acerca dessa questão! Ninguém lhe disse: "Você quer ser um homem ou uma mulher? Você gostaria de ter cabelos negros, louros, ou talvez nem ter cabelos? Você gostaria que seus olhos fossem castanhos ou azuis? Você gostaria de ter pele branca ou negra, ou pele vermelha ou amarela condiria melhor com você? E onde você gostaria de viver? Em Fort Lauderdale, em Hong Kong, em São Paulo ou, talvez, no Zaire?" Não houve nada disso! Você nem ao menos foi consultado. O soberano Senhor Deus dos céus e da terra trouxe-o à existência sem ao menos indagar-lhe como-você-se-sentiria-a-respeito!

Outro tanto ocorre no caso de nosso nascimento espiritual. Deus não nos consultou. Deus nos traz à vida eterna mediante o Seu próprio poder soberano. Que é necessário para que um homem nasça de novo? Duas coisas: o Espírito de Deus e a Palavra de Deus. Foi isso que Jesus quis dizer, quando falou com Nicodemos. Ele declarou que o indivíduo deve nascer da água e do Espírito. Nas Escrituras, água é símbolo freqüente da Palavra de Deus. "Vós já estais limpos, pela palavra que eu vos tenho falado."

João 3:5

João 15:3

É mister que ocorra a chamada externa, através da Palavra escrita. Essa Palavra é acompanhada pela chamada interna, mediante o Espírito Santo, o qual toma o evangelho de Jesus Cristo e faz dele uma força que cria vida, que vivifica o pecador morto e o levanta de sua

morte no pecado, conferindo-lhe a vida que há em Cristo. O Espírito Santo tira do pecador a sua mente entenebrecida, ilumina o seu entendimento, destapa-lhe a audição, retira o seu coração de pedra, outorga-lhe um coração de carne, e renova a sua vontade morta. Após ter ouvido o convite, o pecador diz: “Irei a Ti, ó Cristo”. Mais tarde, fica *sabendo* que foi Cristo quem o trouxe a Si.

João 6:37

Porém, que sucede àqueles que não são eficazmente chamados? Esses também ouvem a chamada externa. Seja-me permitido dizê-lo novamente, pois a Palavra de Cristo é explícita quanto a isso: “. . . e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora”. Sim, posso declarar isso para você, mas também sei que, a menos que o Espírito de Deus se aproxime e transforme toda a sua natureza, você jamais virá. E isso por uma única razão: Você não querará vir! Você gostaria de saber se você é um dos eleitos de Deus? Venha a Cristo, e compreenderá que jamais poderia ter vindo a Ele de outra maneira. “Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo.” Quando você fizer isso, compreenderá que foi o Espírito de Deus quem o atraíu para Si mesmo. Há um poema que expressa essa idéia como segue:

Romanos 10:13

Procurei o Senhor para então aprender
Que Ele mesmo moveu para Si o meu ser;
Não fui eu quem Te achou, Salvador verdadeiro,
Mas sim, foste Tu que me achaste primeiro.

Autor Desconhecido

Não é a ovelha perdida que busca e encontra o Pastor!

5 O CRISTO INCOMPARÁVEL

Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.

Filipenses 2:9-11

Voltando de uma conferência por via aérea, estava eu sentado ao lado de um jovem que era diretor de televisão, na cidade de Boston. Com o tempo, nossa conversa começou a girar sobre assuntos religiosos. Ele mencionou o fato que acreditava ser um cristão, pois cria em Jesus Cristo. Em seguida, juntou: “Entretanto, como é natural, isso não significa que eu também não acredite que todas as outras religiões sejam boas e válidas, ou que todos os demais fundadores de movimentos religiosos também não tenham sido grandes homens. E, é claro, não sigo a idéia de que Jesus é o ‘único caminho’ ”.

Isso trouxe-me à memória o grande número de indivíduos que, hoje em dia, indagam: “Cristo é, realmente, o único caminho?” É Ele o incomparável Cristo? Não há algum outro com quem Ele possa ser legitimamente comparado? Desconhece Ele algum igual? É Ele uma pessoa ímpar? É Ele, realmente, *O CAMINHO, A VERDADE e A VIDA*, ou é Ele meramente um caminho, uma verdade e uma vida? Poderíamos considerar o incomparável Cristo, tirando proveito do conselho dos propagandistas, os quais aconselham-nos a confrontar e a determinar o que há de melhor em todas as coisas,

João 14:6

desde automóveis até as mais ínfimas coisas. Passemos a comparar Jesus Cristo, bem como aquilo que Ele nos proporciona, com os fundadores das demais religiões e o que eles têm transmitido a seus seguidores, de acordo com os seguintes critérios: Em primeiro lugar, com o intuito de podermos perceber, com maior clareza, exatamente quem é Jesus Cristo. Conforme declarou certo filósofo, a única forma de realmente compreendermos qualquer coisa é quando sabemos o que essa coisa é. Penso que compreenderemos melhor quem é Cristo quando examinarmos as demais religiões do mundo.

Em segundo lugar, cumpre-nos compreender, de uma maneira mais apreciativa, aquilo que nos foi dado em Cristo, se é que somos crentes. O fato que alguém é membro de uma igreja cristã não significa necessariamente que esse alguém seja crente; entretanto, se você é um crente autêntico, espero que você seja capaz de ver mais claramente os tremendos privilégios e bênçãos que tem recebido em Cristo.

Em terceiro lugar, para que melhor possamos entender qual deva ser a nossa atitude para com os aderentes das religiões não-cristãs. Deveríamos exibir uma atitude arrogante e hostil? Dificilmente! Antes, deveríamos ter uma atitude de piedade, compaixão e amor. A maioria dos evangélicos não parece perceber a infelicidade dos povos pagãos. Os evangélicos têm imaginado um tipo de indivíduo que, na realidade, não representa as populações do mundo, as quais se debatem no tenebroso lamaçal de seu paganismo. Os evolucionistas pretendem dizer-nos que a religião tem evoluído a partir de um animismo politeísta, subindo daí à fé monoteísta que vemos hoje em dia. A Bíblia, porém, narra algo bastante diferente disso. O que se reveste de imenso interesse é que os arqueólogos, durante os últimos cinquenta anos, têm descoberto um fato após outro que comprovam que, por detrás da vastidão de religiões politeístas e animistas do mundo, há um âmago básico e original de monoteísmo, que tem sido encoberto. As Escrituras revelam-nos que, originalmente, os homens conheciam a Deus, mas que se tornaram vãos nos seus

pensamentos. Seus corações insensatos foram obscurecidos, e, supondo-se sábios, tornaram-se estultos e passaram a servir e a adorar a criatura, e não mais o Criador, o qual é bendito para sempre. Destarte, em todos os lugares vemos homens adorando serpentes, répteis e aves, bem como toda variedade de ídolo, o que nos capacita a compreender que a suposta evolução religiosa é, na realidade, uma involução, um retrocesso a partir da revelação original de Deus.

A primeira religião que poderia ser considerada é aquela adotada por centenas de milhões de pessoas ao redor do mundo, desde a África até ao Pacífico Sul. É conhecida pelo nome de animismo. Essa é a religião dos aborígenes da maioria dos continentes. É a religião dos povos primitivos – a mais primitiva religião à face da terra. *Animismo* deriva-se de um vocábulo latino que significa mente ou alma. Alicerça-se sobre a idéia de que os objetos inanimados são habitados por uma alma viva – um espírito vivo – algo que vive dentro deles. Ora, pelo menos essa gente chegou a discernir entre o mundo material e o mundo espiritual. Eles têm forte consciência da existência de um mundo espiritual, como também têm consciência de um Deus que é um Ser ímpar e supremo. Cada uma das religiões animistas da África tem um nome diferente para Deus. . . mas essa gente não está interessada em Deus, porquanto acreditam que Ele as deixou aos cuidados de divindades inferiores, após havê-las criado. Por conseguinte, tais pessoas mantêm-se ocupadas na tentativa de aplacar essas divindades ou espíritos inferiores, a maioria dos quais seria hostil aos homens. Também acreditam que os espíritos das pessoas transferem-se para outras coisas – talvez para alguma pedra ou árvore, crocodilo, rio ou pássaro. É importante que entendamos o animismo, porque se trata de uma camada subjacente que penetra e explica melhor cada religião pagã. O animismo contém elementos que podem ser encontrados em quase cada religião pagã. É no animismo que se acham os primórdios de certo conceito de transmigração da alma ou reencarnação, defendido por determinado

número de religiões. E, visto que essa gente vive em um mundo controlado pela selvageria e pela opressão, destituído de qualquer verdadeira lei moral, ali prevalece a selvageria. O animismo é um caminho de trevas espirituais. Os animistas vivem sob um constante temor e pavor do mundo espiritual, o qual por toda parte viveria a persegui-los. Com frequência, percebe-se entre eles certo senso de reverência, temor e profunda admiração e adoração a coisas tais como as serpentes. As credences do fetichismo, das artes mágicas e da "macumba" fazem todas partes integrantes dessa horrenda e primitivista religião dos homens. Jamais trocaríamos tais superstições pelas glórias imorredouras de Cristo!

Ora, passemos daí para as religiões do vastíssimo continente asiático, para aquele sub-continente da Ásia — a Índia, com sua religião hindu. Hinduísmo é um termo que vem da palavra *Hind* (de onde se derivou também o vocábulo Índia), sendo essa, na verdade, a religião da Índia, a qual nunca adquiriu caráter expansionista. Para que alguém seja um hindu, é mister que tenha nascido numa família dessa religião. O hinduísmo originou-se em cerca de 1500 A.C., na época em que os israelitas sofriam perseguições no Egito. Os arianos, um povo do platô iraniano, aparentados dos persas, chegaram ao norte da Índia atual e conquistaram os aborígenes, chamados dravidianos, subjugando esse povo de tez escura. Esse foi o começo do elemento mais fundamental da religião hindu — as "castas". O hinduísmo é a única religião do mundo que encerra como parte integrante um sistema de castas. As pessoas foram divididas em castas. Ora, o vocábulo do sânscrito para "casta", *vama*, significa cor. Trata-se de um sistema de segregação racial, de acordo com a cor da pele. Existem os brâmanes, a casta superior; os chátrias, que são os nobres; os vaixiás, que são os comerciantes; e, finalmente, os sudras, que são os indivíduos pertencentes à casta mais inferior. Aqueles que pertencem a esta última casta jamais se relacionam com as pessoas de outras castas. Outrossim, essa casta inferior não tem qualquer

esperança de salvação, sendo-lhe negado até o privilégio de ler os livros sagrados dos hindus, porquanto não lhes é permitido aproximarem-se de um brâmane. Um sudra não pode aproximar-se mais do que vinte metros de um brâmane da casta superior, a fim de que o ar que ele exala não venha a contaminar a este último. Tal sistema evoluiu a partir de um politeísmo extremamente simplista, onde são adorados cerca de trezentos e trinta milhões de deuses e deusas, daí partindo para um panteísmo filosófico um pouco mais sofisticado.

Nos escritos hindus posteriores, chamados Upanixades, há um panteísmo onde tudo é Deus. E Deus é tudo. Segundo os ensinamentos do hinduísmo, existe aquilo que seria a Alma do Mundo, Brama. Ora isso é que é Deus, havendo uma porção de tal coisa em cada pessoa. Os hindus sentem que a grande coisa a ser compreendida é que somente a Alma do Mundo, igualmente denominada *Atmã*, é real, e que uma fagulha dela reside dentro de cada pessoa. O resto do mundo seria apenas uma ilusão. Simplesmente inexistiria. Nosso corpo não existe. A dor não existe. A morte não existe. O mundo não existe. "Tudo é Brama, e Brama é tudo." Essas pessoas têm a esperança que, através de sua compreensão de que o mundo realmente não existe, e de que tudo é Deus, e, por meio da meditação sobre este grande Deus existente, elas, finalmente, através de numerosas reencarnações, possam atingir o *nirvana*. Sentem que esse processo pode envolver milhares de reencarnações que envolvem um contínuo sofrimento. Embora a religião original da Índia fosse extremamente otimista, na medida em que foi progredindo foi-se tornando pessimista, o que sempre acontece onde imperam o paganismo e a idolatria. A vida vai-se tornando gradativamente pior, até que as pessoas chegam ao extremo de odiar a própria vida. O grande alvo delas é a extinção da vida. E nessa extinção é que consiste o *nirvana*, onde, finalmente, alguém ao se extinguir interrompe para sempre os intermináveis ciclos da existência, onde a alma do indivíduo volta ao oceano, e deixa de ter qualquer consciência separada, individual.

Em cerca de 560 A.C., um príncipe dos saquias, de nome Siddhartha Gautama, nasceu no norte da Índia. Foi homem rico. Seu pai também era príncipe, e ele foi criado no interior do palácio, sem qualquer contacto com o mundo exterior, até aos vinte e nove anos de idade. Desconhecia totalmente os sofrimentos que há neste mundo. Finalmente, saiu e viu um homem que estava enfermo, outro que estava moribundo, outro que era aleijado, e outro que já havia falecido. Ficou tão abalado diante do que viu que resolveu descobrir uma resposta para a causa do sofrimento. Após seis anos de pesquisas, ainda não descobrira a resposta, e, finalmente, resolveu sentar-se debaixo de uma tamareira, sem levantar-se dali enquanto não achasse o que buscava. Após muitos dias, finalmente recebeu iluminação e descobriu a causa do sofrimento que há no mundo. Os hindus vinham afirmando que a razão do sofrimento é a ignorância. O povo pensa que o mundo é real e, por isso mesmo, sofre; e eles sentiam-se responsáveis em modificar a maneira de pensar das pessoas. “Não é assim”, retruca Buda, agora chamado de O Iluminado. (Buda é palavra relacionada ao termo pressagiar — saber.) Dizia Buda que a causa do sofrimento não se acha nem na mente e nem no intelecto. A razão se encontraria nas emoções. Na realidade, Buda não foi um fundador de religião; foi antes um psicólogo, que se interessava pelas emoções das pessoas — concentrando sua atenção sobre o problema dos desejos. De acordo com Buda, o homem sofre porque este deseja coisas que não pode possuir; assim, se ao menos deixasse de desejar coisas, o homem não mais sofreria. Se pudéssemos adquirir uma atitude mental na qual evitássemos todos os desejos, então não mais sofreríamos. Se o hinduísmo e o budismo buscam a resposta para o problema do sofrimento, buscam-na para o problema errado. O verdadeiro problema do homem é o pecado, o que nunca preocupou aos adeptos dessas duas religiões, embora seja o pecado a causa real do sofrimento humano. Tudo quanto Buda tinha para oferecer a seus semelhantes era tão-somente uma maneira mais rápida de se atingir a

extinção, de tal modo que, no espaço de uma única vida aqui na terra, o indivíduo saltaria imediatamente para dentro do oceano chamado *nirvana*. O budismo não é uma religião. Permita-me citar de uma revista budista de grande prestígio, intitulada *The Buddhist*. Diz essa revista: "Etiologicamente é incorreto referir-se alguém ao budismo como uma religião". Os budistas não admitem a existência de Deus. Buda era ateu. Ele negava Deus ou qualquer divindade. Também negava a eficácia da oração. Combatia todos os sacerdotes e os brâmanes. Foi antes um psicólogo, à semelhança de Freud, e não um líder religioso. O budismo *não* é uma religião.

Um homem que atendia pelo nome de Confúcio (em chinês, Kung Fu-tze), nasceu na China no ano de 551 A.C. Ele foi um sábio que ensinou muitas coisas boas; mas, à semelhança de Buda, também não foi o fundador de nenhuma religião. Ensinava a piedade filial, o bom relacionamento entre súditos e imperadores, entre os maridos e suas mulheres, entre pais e filhos, entre os idosos e os jovens. Esses eram os ensinamentos de Confúcio. No tocante a Deus, entretanto, Confúcio era um agnóstico. Quando alguém indagou dele: "Que dizer sobre a vida após a morte?", ele retrucou: "Que podemos saber a respeito da morte, se nem ao menos sabemos alguma coisa sobre esta vida?" Essa foi a esperança oferecida por Confúcio — nada!

Devemos também mencionar o xintoísmo, de acordo com o qual os imperadores japoneses eram adorados. O golpe de morte contra o xintoísmo foi desferido com a derrota do Japão, em 1945. E quando alguém vai à África ou ao Oriente Médio, encontra o islamismo. Foi ali que Maomé, seiscentos anos depois de Cristo, deu o Alcorão aos homens. O Alcorão que oferece aos homens um paraíso sensual, é uma distorção de uma grande parte do Antigo Testamento da nossa Bíblia. O islamismo é uma crença que se tem espalhado através da força da espada. Ao passo que milhões de cristãos morreram por não quererem renunciar à sua fé, os islamitas tiveram uma estranha maneira de fazer prosélitos. Eles tomavam da espada e, se a pessoa não quisesse tornar-se islamita, lá

se ia, decepada, a sua cabeça! Assim a religião islâmica tem sido espalhada por grande parte da África do Norte, pelo norte da Índia etc., mediante a conquista belicosa.

O judaísmo é simplesmente a religião bíblica com a cabeça cortada — está truncada, sem Jesus Cristo. O coração do judaísmo é um sistema de sacrifícios que diz que sem derramamento de sangue não há remissão. O sistema inteiro de holocaustos terminou por ocasião da destruição de Jerusalém, pelo que, atualmente, o judaísmo tem um oco vazio em seu âmago. Não há algo, fora de Cristo, para o qual os homens possam recorrer. Quão vastamente diferentes de Jesus Cristo são essas religiões! Existe apenas uma coisa que elas realmente têm em comum: todas elas ensinam algo acerca de princípios éticos e acerca de Deus — não necessariamente acerca de ambas. Há muitas pessoas, hoje em dia, que superficialmente supõem que Jesus Cristo é apenas um mestre. Mas não foi para ser um mestre que Ele veio ao mundo.

Três são as profundas diferenças que eu gostaria de destacar diante do leitor, entre Cristo e outro qualquer fundador de religião. Essas diferenças são simbolizadas pelas três grandes festividades do cristianismo. A primeira delas é o Natal. Jesus Cristo é a deidade que se fez carne. Ele é o próprio Deus que veio a este mundo. Buda jamais pensou nisso. Para Ele, nenhum Deus haveria de vir ao mundo, de onde quer que fosse. Confúcio teria abominado tal idéia. Maomé teria proferido blasfêmias, se alguém lhe tivesse sugerido ser ele Deus. Nenhum desses líderes religiosos fez tal reivindicação, mas Cristo Jesus a fez. Ele afirmou ser o Deus Todo-poderoso, diante de Quem todo joelho haverá de dobrar-se. Sua divindade foi confirmada por uma vida absolutamente ímpar. A vida de Jesus é diferente de qualquer outra vida que tenha vivido neste mundo. Ele teve a única vida impecável que o mundo já conheceu.

O Dr. Saunders apresenta alguns aspectos desse caráter sem igual de Jesus Cristo. Penso que ele salientou alguns pontos interessantes. Permita-me compartilhá-los com você. Uma das coisas que torna-

ram a vida de Jesus Cristo diferente de qualquer outra, antes ou depois dEle, foi a seguinte: Cristo jamais retirou e nem modificou qualquer das Suas declarações. Gostaria de saber quantos de meus leitores poderiam dizer a mesma coisa sobre suas pessoas. Quantas vezes tenho tido de corrigir minhas opiniões, conforme o tempo se vai passando. Mas Jesus nunca fez isso — nem uma vez sequer.

Outra coisa que observamos em Cristo é que Lhe faltava certa característica que, com freqüência, afirmamos ser um sinal de todo grande homem, ou seja, a capacidade e a força moral para pedir desculpas. Quando duas pessoas entram em choque uma com a outra, sempre eu posso dizer: “Sou capaz de determinar qual delas é a maior — é aquela que pede desculpas”. Jesus, entretanto, jamais teve de pedir desculpas por qualquer coisa que Ele tenha feito ou dito. Não porque as pessoas nunca se tenham irado contra Ele. Mas, sem importar quais fossem as circunstâncias, Ele nunca teve de pedir desculpas. Por quê? Porque nunca agiu erradamente. De uma maneira totalmente diferente de nós todos, Ele *jamais* errou a respeito de qualquer coisa!

Um outro fato admirável é que Jesus jamais pediu conselhos de outrem. Embora tivesse nascido na obscuridade, nunca procurou quem O aconselhasse. De maneira diferente de Confúcio, Ele não recebeu educação esmerada. De fato, não recebeu educação nenhuma. Esse Homem nunca teve de aprender. Nunca Lhe ensinaram coisa alguma. Ao contrário de Buda, Ele nunca foi iluminado. Ele sempre *sabia*. E, contrastando com Maomé, que era semi-alfabetizado, Cristo jamais mostrou ser um ignorante. Ele sabia de tudo. Nunca procurou a opinião de outra pessoa, embora tivesse vindo para deflagrar um plano que haveria de transformar o mundo. Andou no meio dos doutores somente para ensinar-lhes algo; e corrigiu aos escribas e aos fariseus. Moisés buscou o assessoramento de setenta conselheiros, e Salomão, o homem mais sábio que já viveu, buscou conselho alheio; mas Jesus nunca fez tal coisa. Nunca freqüentou uma escola, e também nunca

perguntou de outra pessoa qualquer informação que fosse. Por quê? Porque Ele *sabia* de tudo — pois Ele é Deus.

Outra característica admirável da vida de Cristo é que Ele nunca se preocupou em justificar Seu comportamento que parecia ambíguo. Quando Jesus dormia na popa do barco, e a tempestade chegou, enquanto Seus discípulos remavam e baldeavam a embarcação em perigo, que fazia Jesus? Continuou dormindo na popa do barco! E quando os discípulos despertaram-No e perguntaram: “Mestre, não te importa que pereçamos?”, pôs-se Ele a ajudar a baldear o barco? De maneira nenhuma. Antes, disse ao mar e ao vento: “Acalma-te, emudece!” E aos discípulos disse: “Por que sois assim tímidos? Como é que não tendes fé?” E quando Lázaro morreu, Jesus continuou no lugar onde se encontrava, por mais quatro dias . . . E então, quando da chegada de Jesus, Marta lhe disse: “Senhor, se estiveras aqui não teria morrido meu irmão”. Porventura Jesus pediu desculpas? Não, não houve nenhuma palavra de desculpas! Simplesmente Ele permitiu que o tempo desvendasse o plano de Deus, a fim de que fosse justificado tudo quanto Ele vinha fazendo.

Marcos 4:38

Marcos 4:39-40

João 11:21

Ainda uma outra faceta notável da personalidade de Jesus é que Ele nunca pediu que alguém orasse em Seu favor. Quantas e quantas vezes tenho solicitado que outras pessoas orem por mim! No entanto, Jesus nunca pediu que alguém orasse por Ele. Nunca! Ele nem ao menos permitiria tal coisa. E que opinar sobre os três discípulos que O acompanharam até ao jardim do Getsêmani? A esses, Ele dissera: “Ficai aqui e vigiai”. E também lhes recomendou: “Vigiai e orai, para que não *entreis* em tentação”. Jesus nunca pediu que alguém orasse por Ele. Não precisamos orar em favor de Deus. Por isso é que Jesus não permitiria tal tipo de oração; e isso é tanto mais admirável quando se leva em conta que Ele foi o mais humilde dos homens. Mas, por outra parte, Ele permitia que as pessoas caíssem de rosto em terra perante Ele, a fim de adorá-Lo. Não obstante, ao prostrar-se João diante do anjo, este objetou: “Vê, não

Marcos 14:34

Marcos 14:38

faças isso . . .” Jesus, entretanto, nunca objetou à adoração à Sua pessoa. Apocalipse 22:9

Quais eram os pontos fortes de Jesus? Ele não tinha nenhum ponto mais forte — nem ao menos um! Para que alguém tenha um ponto forte, é mister que tenha algum ponto fraco, mas Jesus não tinha pontos fracos. Há homens que se destacam por alguma faculdade ou talento. Moisés foi o mais manso dos homens. Jó foi o mais paciente. Mas Jesus era amorável em todos os sentidos — o mais manso, o mais humilde, o mais paciente, o mais amoroso, o mais gracioso, o mais corajoso, o mais firme, o mais sábio — em tudo se percebe a incomparável simetria das perfeições de Jesus Cristo. Quão grande é o equilíbrio em Sua personalidade! Alguém já declarou: “Tentamos tanto andar por aquela linha do equilíbrio, mas fracassamos continuamente. Tentamos ser espirituais e terminamos sendo apenas estéticos; tentamos ser liberais em nossos pontos-de-vista do mundo e seus prazeres, e terminamos sendo sepultados pelo mundo; tentamos ser escrupulosos em nossa conduta e terminamos sendo legalistas; tentamos seguir as mais elevadas e enobrecedoras aspirações de liberdade, e terminamos na licenciocidade; tentamos ser fervorosos, e acabamos virando fanáticos; tentamos ser gentis, e hesitamos e deixamos de seguir a verdade. Jesus, porém, mesclava a verdade e a gentileza com perfeição. Jamais Ele teve de ajustar ou retificar a Sua personalidade, porquanto Jesus é Deus”.

Um outro fato admirável acerca de Jesus é que Ele veio a fim de realizar aquilo que nenhum fundador de outras religiões jamais fez. Ele veio a fim de morrer — não meramente a fim de ensinar. Ele veio para morrer pelos nossos pecados. Isso Confúcio nunca fez. Quando Confúcio estava com oitenta anos de idade, desiludido diante do fato que os homens não queriam seguir os seus ensinamentos, queixou-se: “Esboroam-se as montanhas, a grande viga partiu-se e a flor caiu por terra”, e então deitou-se e morreu. E Buda morreu envenenado com alguma coisa que ingerira; mas Jesus deu a Sua vida em favor do mundo. Que tremenda diferença!

Alguém disse que esta vida se assemelha ao caso de um homem que caiu em um buraco — um profundo, terrível e imundo buraco, com uma horrenda serpente a fazer-lhe companhia lá dentro, a qual o homem procura evitar. Pois bem, eis que chega um animista. Olha para dentro do buraco e vê a serpente. Seus olhos esbugalham-se e ele foge para a floresta, para que algum espírito maligno não o empurre para dentro do buraco também. Mais tarde, chega um seguidor de Confúcio, o qual diz: “Ah, os grandes homens nunca caem em buracos, mas andam circunspectos, e, por isso mesmo, cuidam onde põem os pés”. Chega o hindu, e afirma: “Ah, meu irmão, você pensa que está em grande buraco escuro, mas isso é apenas um equívoco da sua mente mortal. O fato é que tudo é Brama e Brama é tudo, e este mundo externo é apenas uma ilusão. Esse buraco não existe, e nem existe esta serpente, e tudo terminará bem. . . paz”. Aproxima-se então o muçulmano, que percebe o homem dentro do buraco e lhe diz: “Eu o ajudarei, meu amigo”, e então estende o braço, segura a mão do homem e começa a puxá-lo para fora. A meio caminho, entretanto, toma um punhal e indaga: “Você quer tornar-se um islamita, não quer?” E o homem retruca: “Nunca farei isso!” E lá se vai o homem de volta para o fundo. Depois chega o budista, o qual olha para baixo e assevera: “Prezado amigo, você está sofrendo tanto nesse buraco, sem saber que o motivo de seu sofrimento é que você deseja sair do mesmo. O que você precisa fazer é pôr fim a todos os seus desejos, e então você não se importará mais por estar dentro desse buraco”. Finalmente, chega Jesus e olha compassivamente para o homem no interior do buraco, naquela cova horrível e imunda. Jesus salta entre o homem e a serpente, a qual recua a feia cabeça e, com um golpe, fere o Salvador com suas presas, em Seu lado. Enquanto o veneno da serpente flui para a corrente sangüínea de Jesus, Ele tira o homem do buraco. Isso, meus amigos, é o ato do nosso Salvador. Essa é a grande diferença entre o cristianismo e todas as outras religiões.

Finalmente, precisamos considerar a páscoa, o

domingo da ressurreição. Confúcio morreu e foi sepultado. Lao-tsé pôs-se a vaguear e morreu junto com o seu búfalo. Buda apodreceu devido a um alimento envenenado. Mas Jesus ressuscitou dentre os mortos, e, mediante a Sua ressurreição, demonstrou que, verdadeiramente, Ele é o Filho de Deus, com poder. Mediante a Sua Vida, a Sua morte e a Sua ressurreição, Jesus declarou que é o próprio Deus.

Em seus últimos dias, Napoleão voltou-se para as Escrituras, na tentativa de descobrir o significado da vida, o que não descobrira durante os seus dias de fama; e assim descobriu quem é Jesus. E declarou na presença do general Bertrand, o qual era ateu: "Conheço os homens. E digo-lhe que Jesus Cristo não foi apenas um homem. As mentes superficiais vêem certa semelhança entre Cristo e os fundadores de impérios e os deuses de outras religiões. Mas essa semelhança simplesmente não existe. Podemos dizer a todos os demais fundadores de religião: 'Nem sois deuses e nem agentes da deidade'. O que esses outros deuses, tão jactanciosos, sabem mais que os demais homens mortais? esses legisladores, gregos ou romanos; esse Numa; esse Licurgo; esses sacerdotes da Índia ou de Mênfis; esse Confúcio; esse Maomé? — absolutamente nada. Eles têm provocado um perfeito caos entre os mortais. Nenhum deles tem dito qualquer coisa de novo em relação ao nosso destino futuro, à alma, à essência de Deus e à criação. Entrai nos santuários do paganismo; ali se acha o perfeito caos, um milhar de contradições, guerras entre os deuses, a imobilidade das esculturas, a divisão e o rompimento da unidade, o parcelamento dos atributos divinos mutilados ou negados quanto à sua essência. Mas não sucede assim com Cristo. NEle, tudo me provoca admiração. Seu espírito me avassala e Sua vontade me confunde. Entre Ele e qualquer outra pessoa do mundo não é possível qualquer termo de comparação. Ele é verdadeiramente um Ser em Si mesmo. Bertrand, se você não percebe que Jesus é Deus, muito bem: nesse caso eu errei quando fiz de você um general".

Filipenses 2:9

Jesus levantou-se dentre os mortos pelo poder do Pai, o qual Lhe deu o nome que está acima de todo outro nome. Diante de Jesus, pois, todo joelho se dobrará. É Ele o Senhor da sua vida? É Ele o Salvador da sua vida? Amigo, você tem estado tão atarefado, precipitando-se de cabeça no hedonismo do materialismo de nossos dias, que nem ao menos tem contemplado ao redor e meditado? Algumas pessoas andam tão cegas que nem ao menos sabem que já caíram dentro do buraco!

Oh, Deus, concede-nos compaixão e piedade por aqueles que vivem nas trevas e no temor, sem esperança para esta vida e para a vida futura. Oramos rogando-Te que nos proporciones um novo zelo para anunciarmos o amor de Cristo e a esperança da bem-aventurança eterna, a qual somente Ele pode dar a todos os moradores da terra. E agora oramos em favor daqueles que nunca se encontraram com Cristo. Que possam eles conhecê-Lo pessoalmente, ao convidarem-No a vir habitar em suas vidas e corações, pois rogamos assim naquele nome bendito que está acima de todo nome, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

6 O ARREPENDIMENTO

Não eram, eu vo-lo afirmo; se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis.

Lucas 13:3

“Não eram, eu vo-lo afirmo; se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis.” Essas foram as palavras de Jesus Cristo acerca do arrependimento. De certa forma, trata-se de uma doutrina estranha, porquanto o arrependimento, por si mesmo, não é capaz de salvar uma pessoa. Contudo, ninguém pode ser salvo sem arrepender-se! Meramente arrepender-se dos próprios pecados não garante a entrada no céu. Os humanistas dizem que tudo quanto uma pessoa tem a fazer, a fim de entrar no reino dos céus, é sentir contrição autêntica pelos seus pecados, confessando-os e arrependendo-se dos mesmos, e daí por diante, esforçar-se por levar uma vida correta. Isso é arrependimento, mas não daquela espécie que obtém o perdão de nossos pecados ou a nossa admissão à vida eterna. Por quê? Porque o indivíduo deve dar a Jesus Cristo o lugar que Ele merece em sua vida. Pois a verdade é que a lei de Deus foi desobedecida, e a transgressão da lei requer que a penalidade imposta pela lei seja saldada. A mudança de coração não é o bastante.

Lucas 13:3

Apesar de muitas igrejas ignorarem essa doutrina, a Bíblia empresta-lhe considerável importância. Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento conclamam os homens ao arrependimento. Noé foi pregoeiro da justiça, conclamando os homens para que abandonassem seus caminhos iníquos e se voltassem para Deus. Todos

os profetas também foram pregadores do arrependimento. De fato, o nome de *Naum* deriva-se de uma raiz que significa arrependimento. Tanto os profetas maiores quanto os menores convidavam o povo ao arrependimento. João Batista dizia: “Arrependei-vos . . . quem vos induziu a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, fruto digno do arrependimento”.

Mateus 3:2, 7-8

Quando chegou aos trinta anos de idade — quando os sacerdotes iniciavam suas funções sacerdotais — Jesus, nosso grande Sumo Sacerdote, foi batizado e começou a Sua obra como profeta e sacerdote. Como foi que Jesus deu início ao Seu ministério? Mateus registra Suas palavras: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus . . .” Seu coração e Seu ministério em favor do mundo concentravam-se em torno dessa idéia central. E Jesus dizia aos pecadores: “Arrependei-vos . . . se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis”. Diversas das parábolas de Cristo, como a do filho pródigo, abordam a questão da necessidade do arrependimento. Após a Sua ressurreição, na estrada para Emaús, Ele disse a dois de Seus discípulos: “Assim está escrito que o Cristo havia de padecer, e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia, e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém”. Cristo iniciou, deu prosseguimento e encerrou o Seu ministério com esse mesmo apelo central — *arrepender-vos!*

Mateus 4:17

Lucas 13:3

Lucas 24:46-47

No dia de Pentecoste, quando o Espírito do Senhor foi derramado e a Igreja começou o seu ministério distintivamente cristão, Pedro pregou seu primeiro sermão. Depois que o povo fora lembrado do que Deus fizera, eles perguntaram: “Que faremos, irmãos?” E Pedro retrucou: “Arrependei-vos . . .”

Atos 2:38

Paulo declarou que fora chamado por Deus a fim de pregar aos homens que eles devem arrepender-se para com Deus e depositar fé no Senhor Jesus Cristo. “Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam.” As cartas às sete igrejas do Apo-

Atos 17:30

calipse abundam em mandatos relativos ao arrependimento. Por nada menos de oito vezes, nessas cartas, Jesus põe-se a andar entre as Suas igrejas, que simbolizam as igrejas de todos os tempos, e recomenda: "... arrepende-te ... e se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro ...". Por cinquenta e três vezes, no Novo

Apocalipse 2:5

Testamento, os homens são chamados ao arrependimento, ou lhes é dito que precisam arrepender-se.

Há muitos que se iludem com a falsa esperança de cair no favor divino por motivo de algo que possam ter feito ou vir a fazer. Com base nas Escrituras a Confissão de Westminster afirma que tal esperança perecerá juntamente com os tais. E Jesus Cristo ensinou: "... se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis". Ora, se essa é uma doutrina tão essencial, por qual razão não é anunciada mais claramente dos nossos púlpitos, hoje em dia? R. B. Kuiper diz que isso se deve ao fato que os homens perderam de vista duas coisas. A primeira é o real significado do pecado; eles vêem o pecado como algo de pouca importância, como um pecadinho, algo desculpável porque faz parte de sua natureza humana. Esquecem-se que a natureza deles é uma natureza decaída, aviltada, depravada, e que o homem está inteiramente diferente daquilo como foi criado por Deus. Não percebem que o pecado inevitavelmente produz a morte. Em segundo lugar, que também é o motivo mais profundo desse estado de coisas, é que os homens perderam de vista a santidade de Deus. Não levantam os olhos, porque, se ao menos os erguessem e contemplassem a Deus, haveriam de abominar a si mesmos e de arrepender-se no pó e na cinza.

Lucas 13:3

Nas Escrituras, o arrependimento e a fé jamais são separados. Não pode haver arrependimento genuíno sem fé. E nem há fé genuína sem arrependimento. Essas duas coisas ocorrem paralelas, como o verso e o reverso de uma moeda. Podemos ter uma fé falsa, consistente de mero assentimento intelectual, fé essa que não produz qualquer arrependimento autêntico ou correção de um distorcido estilo de vida; ou pode haver um arrependi-

mento desacompanhado de fé salvadora, que leve o indivíduo a depender de seus próprios esforços. Isso é um arrependimento espúrio, através do qual a pessoa esforça-se por ser melhor, embora sempre confiando em suas próprias obras.

Visto que a alma humana se compõe de mente, coração e vontade, todas essas três porções precisam estar envolvidas em um verdadeiro arrependimento e fé. Precisamos perceber intelectualmente que o pecado, em face de sua hediondez, inevitavelmente será castigado por Deus. Também precisamos aprender e compreender intelectualmente o remédio de Deus para o pecado. Precisamos conhecer o caminho da salvação conforme foi divinamente determinado, não nos deixando iludir por algum falso plano de salvação, de nossa própria feitura. Devemos compreender que é somente por intermédio de Cristo, de Sua graça, de Sua morte sobre a cruz que temos esperança eterna. Todavia, a própria compreensão desses fatos ainda não basta. Tudo deve ir além da mente, atingindo o coração, os afetos. É necessário que nos aproximemos de Deus com coração contrito. "... coração compungido e contrito não o desprezarás, ó Deus".

Salmos 51:17

Uma pessoa pode comover-se até às lágrimas ao ouvir um sermão, chegando mesmo a decidir que precisa fazer alguma coisa a respeito de seus pecados. Entretanto, se sua decisão não estiver alicerçada sobre a correta compreensão do evangelho, tal pessoa confiará em seus esforços próprios a fim de melhorar sua conduta, e não demorará muito a voltar a revolver-se na lama do pecado, do desespero, da frustração.

Há também o caso daquelas pessoas que, tendo sido criadas no ambiente de uma igreja evangélica, supõem-se cristãs, mas que jamais, mediante um ato da vontade, renunciaram a seus pecados e se voltaram para Jesus Cristo. Porém, nada menos do que isso é mister para quem realmente se arrepende! Somente quando percebemos quão terrível é nosso pecado, e verdadeiramente desejamos, em nossos corações, abandoná-los e abraçar ao Salvador, é que Deus aceita o nosso

arrependimento. Visto que tal arrependimento não é algo que possamos fazer de moto próprio, a questão não é meramente virar uma nova página da vida e tentar agir melhor. O trecho de II Timóteo 2:24-25, diz: "Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e, sim, deve ser brando para com todos... na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento..." II Timóteo 2:24-25
E os primeiros crentes judeus glorificaram a Deus por ter Ele concedido aos gentios a dádiva do arrependimento. O arrependimento, por conseguinte, é um dom da graça divina, o qual transforma o coração, a mente e a vontade do homem.

De certa feita, ouvi Jerome Hines cantar aquela memorável porção de *O Messias*, que diz: "Quem permanecerá de pé quando Ele aparecer?" A minha pergunta é: Você permanecerá de pé quando Ele aparecer naquele dia? Não, a menos que tanto se tenha arrependido de seus pecados como também se tenha voltado com plena confiança para a cruz de Cristo. Você não permanecerá de pé naquela ocasião, a menos que tenha percebido que sua própria justiça nada é além de trapos de imundícia; a menos que você tenha percebido que todas as suas boas obras estão maculadas com seu próprio eu, com a vaidade e com o orgulho. Você não permanecerá de pé então, a menos que você tenha confiado exclusivamente na justiça de Jesus Cristo e em Seu sangue expiador.

Você já se arrependeu de seus pecados, ou vive na ilusão, acreditando que neste mundo pode viver no pecado, e, mais tarde viver no céu? A palavra que Jesus Cristo lhe dirige é inequívoca. Naquele dia, todos sairão de seus sepulcros — os ricos e os pobres, os sábios e os ignorantes, os justos e os injustos, os santos e os ímpios, os perversos e os piedosos, os senhores e os escravos, os grandes e os pequenos. Desde as profundezas dos oceanos, os navios entregarão os mortos que neles houver; aqueles que há muito jazem nos cemitérios também emergirão. Quando Cristo der Seu brado, todos ouvirão Sua voz, e sairão — querendo ou não querendo. Todos haverão de ressuscitar. E pôr-se-ão na presença Apocalipse 20:12-15

de Deus. E *então serão julgados*. Somente se nossos nomes estiverem escritos no Livro da Vida do Cordeiro é que entraremos na vida eterna. Seu nome está escrito no Livro da Vida?

Lucas 13:3

Jesus Cristo estipulou: “. . . se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis”.

Oh, Deus, livra-nos de sermos enganados. Dá-nos um novo senso da hediondez de nossos pecados e da Tua santidade. Que possamos abandonar de vez todos os nossos pecados, passando a andar nas veredas de uma nova obediência. Leva-nos a lamentar pelos nossos pecados e faze-nos voltar para Ti, ó Senhor Jesus Cristo, Tu, que foste levantado na cruz para que fôssemos salvos ao nos arrependermos e cremos. Amém.

7

FÉ

Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie.

Efésios 2:8-9

A ocasião foi um culto dominical típico de igreja, mas o local foi por detrás da cortina de ferro, na Europa Oriental comunista. O culto prosseguia normalmente quando, de súbito, dois soldados comunistas, brandindo metralhadoras, abriram a porta a ponta-pés. Agitando os braços e com vozes iracundas, denunciaram os cristãos e sua vil adoração. “Vermes como vocês não têm o direito de viver. Porém, aqueles que estiverem dispostos a renunciar sua fé e negar a Cristo, podem vir para o lado direito do templo; e nós deixaremos esses irem embora, livres”. Uma parte da congregação levantou-se e mudou de lugar. Então os soldados ordenaram que esses se fossem embora. Mas a maior parte da congregação continuou sentada, imóvel, em seus bancos. Foram fechadas as portas, e os soldados voltaram-se para aqueles que continuavam sentados à sua frente: “Nós também somos crentes. Viemos aqui para ter alguns momentos de comunhão com vocês, mas primeiro queríamos livrar-nos dos hipócritas”.

Gosto muito desse incidente, porquanto ilustra perfeitamente essa importante questão de fé. A fé é tão importante por ser a chave que abre a porta para a vida cristã e para tudo quanto Cristo tem feito em nosso benefício. Essa é a chave que abre para nós a porta do céu. As Escrituras dizem: “Quem crer . . . será salvo; quem, porém, não crer será condenado”.

Marcos 16:16

Gostaria de considerar essa questão de conformidade com três pontos-de-vista: em primeiro lugar, a natureza da fé; em segundo lugar, o objeto da fé; e, em terceiro lugar, a origem da fé. Muitas pessoas vão à igreja para ouvir palavras que não têm a mínima intenção de obedecer. Isso é deveras estranho, quando consideramos o mundo secular, onde facilmente se entende a fé e a crença.

Se, por exemplo, for dito a uma pessoa que o negócio em que ela está metida é inteiramente espúrio, e lhe forem apresentadas as provas que mostrem que as coisas são assim, ela dará ouvidos aos motivos expostos, e então resolverá aceitá-los ou rejeitá-los. Se vier a crer, então removerá imediatamente todo o capital que houver investido na aventura mal dirigida. Se alguém aproximar-se de você e lhe disser, em tom de voz aflitivo: "A parte traseira de sua casa está se incendiando!" e você acreditar nesse alguém, imediatamente saltará da cadeira para chamar o departamento de bombeiros, e fugirá do local com os seus familiares.

Se a um homem for mostrada uma chapa de raios-x, contendo uma mancha escura e tenebrosa, pressagizando sua morte certa, a menos que tome providências para imediata remoção da causa daquela mancha, e esse homem tiver dado crédito ao diagnóstico, imediatamente pôr-se-á aos cuidados de um cirurgião. Não há que duvidar quanto a isso!

No mundo secular, essa questão de crer ou não é uma questão clara, simples e compreensível para todos; porém, quando se trata das verdades cristãs, tudo parece transformar-se. A maioria das pessoas fica ouvindo, por muitas e muitas vezes que "... o salário do pecado é a morte ... Deus ... sente indignação todos os dias ... quem, porém, não crer será condenado ... Deus não inocenta o culpado ... se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis". Aqueles que têm vergonha de Cristo, neste mundo, descobrirão que Ele também se envergonhará deles no mundo vindouro. Esses também terão ouvido que Deus oferece-lhes o perdão, uma graciosa salvação, a vida eterna, e que esse

Romanos 6:23

Salmos 7:11

Marcos 16:16

Êxodo 34:7

Lucas 13:3

oferecimento não prosseguirá indefinidamente. Também terão ouvido que chegará o tempo em que o dia da graça será retirado para sempre, e que a oportunidade passará. Sabem que, para eles mesmos, esse momento é totalmente incerto. Sabem que, em um momento que jamais quizeram considerar, pode haver uma súbita dor no peito, ou o raspar de freios e o ruído de vidros estilhaçados, quando então a morte haverá de transportá-los para a perdição eterna.

Tudo isso as pessoas têm ouvido; no entanto, embora Deus chame por elas em altos brados e com toda a clareza, para que mudem de um caminho da vida para outro, não Lhe dão qualquer atenção. Como que fazendo um cálculo dos riscos, embora não arriscassem um centavo sequer em favor próprio, no mundo financeiro, enganam-se a si mesmos e convencem-se que são capazes de arrostar esse risco. E, embora já tenham ouvido essas advertências por tantas vezes, muitos não põem em prática as verdades que têm ouvido. Professando dar-lhes crédito, durante a semana inteira agem na mais completa oposição àquilo que ouviram no culto de domingo. Eis a condição de uma vasta multidão de pessoas que se consideram cristãs.

Ora, a pergunta que eu proponho é a seguinte: Esse assentir tão negligente merece ser chamado fé? Essas pessoas crêem verdadeiramente? Apresente-se a pergunta a qualquer júri secular e o veredito será inequívoco. Quando alguém, no mundo secular, acredita em algum negócio, começa a agir em harmonia com a sua fé. Sem importar o que você possa ter pensado sobre as pessoas que fugiram da igreja, naquela manhã, na Europa Oriental, existe algo que é indiscutível — elas acreditaram nos soldados! O homem que lhe disser que acredita no que você lhe disse acerca da situação de seus negócios, mas nada tiver feito a respeito, tão-somente o estará convidando a duvidar de suas palavras. O homem que dissesse: “Oh, minha casa está se incendiando? Sim, naturalmente . . .”, e então voltasse à leitura de sua página esportiva, estaria apenas lhe dizendo que não acreditava no seu aviso. O homem que

saiisse do consultório médico e nada fizesse diante da declaração do médico que acabara de dizer-lhe seu estado, simplesmente estaria declarando ao mundo não acreditar no diagnóstico. O mundo secular não se deixa burlar; todos sabem o que significa *crer*. Todos sabem que se alguém acredita em algo, a respeito de alguma questão que envolva a necessidade de ação, *inevitavelmente* fará aquilo que sua crença exigir.

O princípio em pauta é exatamente o mesmo quando se trata de assuntos religiosos. Aquele que não age de acordo com aquilo que ouviu é simplesmente uma pessoa que não creu no que ouviu. O indivíduo que não é impelido à ação ou volição correspondente é um homem sem fé. Martinho Lutero dizia que muitas pessoas se julgam possuidoras de fé, mas nem sabem o que está envolvido nisso. A verdadeira fé consiste em uma operação divina em nossos corações, fazendo-nos novas criaturas em todas as nossas faculdades. Trata-se de algo ativo, atarefado, que não estaca para indagar se deveriam ou não ser realizadas boas obras. Somos justificados exclusivamente pela fé. Somente a fé serve de instrumento da justificação. Mas a fé que justifica nunca se manifesta isolada no indivíduo justificado. Ela sempre é acompanhada pelas obras que inevitavelmente são produzidas pela fé viva. Tiago escreveu: "... a fé sem obras é morta". E isso simplesmente quer dizer que a fé que não produz uma vida transformada é vã, ilusória e vazia, não sendo a fé verdadeira sob hipótese alguma.

Tiago 2:26

Longas dissertações tem havido sobre essa questão da fé, mas a maior parte desses debates mais confunde do que esclarece. Inúmeros teólogos se têm dedicado assiduamente à tarefa de distinguir entre os vários tipos de fé, os vários instrumentos da fé, os vários tipos de assentimento mental etc. E assim o leigo comum, que lê tais obras, chega à conclusão que a fé é algo reservado para o santo místico ou para o teólogo embotado. Embora a Bíblia afirme, se é que nela acreditam, que terão a vida eterna, muitas pessoas vêem-se incapazes de compreender o que se entende

João 6:47

por fé. A fé que justifica não é algo de natureza diferente daquilo que normalmente conhecemos por fé ou por acreditar.

Como foi que Cristo iniciou o Seu ministério? Começou-o estabelecendo alguma escola, onde passou o primeiro ano, ou algo parecido, em meio a argumentos teológicos e filosóficos intermináveis a respeito da natureza dessa nova coisa chamada fé, que Ele viera revelar ao mundo? E porventura, após muitíssimas dissertações e explicações sobre o significado da fé, teria Ele dito ao povo: “Agora que vocês já sabem o que significa *crer*, vocês podem *crer*”. Jesus nunca fez tal coisa! Pelo contrário, lemos na Bíblia: “. . . foi Jesus . . . pregando o evangelho de Deus, dizendo: . . . arrependei-vos e crede no evangelho”. Nas Escrituras inteiras há indicações de que Jesus usava os vocábulo *crer* e *fé* de uma maneira que todos podiam compreendê-Lo. Nada havia de confuso em Sua maneira de falar. Assim sendo, ter fé é *crer*; *crer* é ter fé.

Marcos 1:14-15

Quando percebo que alguma coisa é veraz (e não meramente a *compreendo*, mas realmente vejo que corresponde à realidade dos fatos), então exerço fé — quer eu goste quer não goste da coisa. Posso aceitá-la voluntariamente, ou posso aceitá-la a contra gosto. Porém, se eu chegar a *crer* que algo é veraz, então é que tenho fé nessa coisa. Esse é o significado da fé.

Talvez você pense que *crê*, mas que não tem o temperamento ou a disposição para servir a Cristo e entregar-se a Ele sem restrições, para então testificar sobre o Seu evangelho, conforme Ele ordena, e também para ler a Bíblia, para orar, para pôr em execução a Grande Comissão, e, de fato, esforçar-se, com toda a sua potencialidade, para andar pelo caminho de uma nova e completa obediência. Não, não é que a sua disposição seja diferente. O que eu desejo que você perceba é que você não tem fé. Enroscada lá no fundo de sua alma encontra-se a serpente da incredulidade. Se você viesse a *crer*, seria transformado por sua fé. “E assim, se alguém está em Cristo é nova criatura [nova criação] . . .” Essa é a natureza da fé; não há nada de confuso a seu respeito.

II Coríntios 5:17

Você crê na Palavra de Deus? A nossa confissão de fé afirma categoricamente que, mediante essa fé, o crente acredita ser verdadeiro tudo quanto se encontra revelado na Palavra de Deus, porquanto ali se expressa a própria autoridade divina. Eis aí! O crente acredita ser essa a verdade. Quando você realmente crê que algo é a verdade, invariavelmente age em consonância com sua fé. Por conseguinte, os problemas que envolvem a nossa conduta são apenas evidências da nossa própria incredulidade.

No que deveríamos crer? Qual é o objeto de nossa fé? No seu sentido mais amplo, esse objeto é toda a Palavra de Deus, tudo quanto nos foi revelado na Bíblia. Nosso modo de agir varia conforme cada passagem bíblica particular — obedecendo aos mandamentos e acolhendo as promessas de Deus para esta vida e para a vida futura. Nisso consiste crer na Palavra de Deus. Isso é fé. Todavia, a fé inevitavelmente opera através do amor. O supremo objeto da nossa fé é a pessoa do próprio Jesus Cristo. Os principais atos da fé salvática são: aceitação, recepção e descanso exclusivamente em Cristo, com vistas à justificação, à santificação e à vida eterna. Esse é o principal ato da fé salvadora: receber a Cristo, descansar nEle, pois Ele se nos apresenta em toda a Sua glória e graça, na qualidade de nosso Sumo Sacerdote, de nosso Sacrificio, de nossa Garantia, o qual se ofereceu a Si mesmo em nosso lugar e nos prometeu a vida eterna. O fato que aceitamos a Jesus alicerça-se sobre as promessas da Palavra de Deus. Jesus Cristo asseverou: "... para que todo o que nele crê não pereça, mas *tenha* a vida eterna ..." "... e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora ..." "Quem nele crê não é julgado ..." A fé, pois, consiste em se acreditar ser verdade aquilo que Deus disse.

João 3:16

João 6:37

João 3:18

Muitas pessoas destituídas de fé são justamente aquelas que acreditam em noções falsas ou distorcidas, que lhes não permitem compreender ou crer no que diz a Palavra de Deus. Supõem que a Bíblia apresenta Cristo como se fora algum capataz que requeira deles que façam algo para poderem salvar-se. Não entendem que

Jesus Cristo não é algum capataz, mas antes, é nosso Garantidor, o qual cumpriu as exigências de Deus e morreu pelos nossos pecados. Quando chegamos a crer em Sua Palavra e confiar nEle, reconciliamo-nos com Deus, nossos pecados são perdoados e tornamo-nos herdeiros da vida eterna, além de sermos adotados em Sua família, por nos havermos tornado filhos de Deus. Quando cremos que fomos salvos, invariavelmente as nossas vidas são transformadas.

Nesse caso, por qual razão existe o problema da incredulidade? O problema é que somos cegos, não podendo enxergar o Salvador, porquanto Satanás nos ofuscou a mente. Jesus disse: "... tendo olhos, não vedes?" Cegos! Tateando nas trevas! Cristo também ensinou: "... se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" — e muito menos pode nele entrar!

Marcos 8:18

João 3:3

Após ter conversado com uma amável e jovem senhora a respeito do que significa o Cristo, disse-lhe eu: "Se você quer realmente que Ele venha ao seu coração, vá para casa e peça-Lhe para que Ele venha, para que Ele abra os seus olhos, para que Ele lhe dê a vida eterna". Alguns dias mais tarde ela me telefonou para dizer que havia recebido a Cristo. E afirmou: "Ah, pela primeira vez em minha vida o culto de adoração significa algo para mim. Agora estou em um mundo inteiramente novo!"

"... se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus." A fé começa quando o Espírito de Deus opera em nossos corações; contudo, há muitas pessoas que não podem crer porque seus corações estão endurecidos pelo pecado. Todavia, eu lhe digo: Olhe para Aquele que morreu em seu lugar e pagou a sua pena. Olhe para Aquele cujas mãos estão estendidas em sua direção, oferecendo-lhe a vida eterna. Há vida para quem olhar para o Crucificado. Olhe — e creia!

João 3:3

Pai, oramos para que o Teu Espírito abra, soberana e graciosamente, os olhos dos cegos, a fim de que vejam a luz de Tua glória, brilhando no rosto de Jesus Cristo. Que eles, então, se apossam dEle mediante a fé, que sejam transformados pelo amor de Cristo. No amorável nome de Jesus.

Amém.

8 A JUSTIFICAÇÃO

Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei.

Romanos 3:28

Neste capítulo atingimos o pináculo da *ordo salutis* — o caminho da salvação — e estamos pisando em terreno santo. Chegamos ao grande tema central das doutrinas da redenção na Igreja de Cristo. Chegamos na *justificação*. Essa é a doutrina que rompeu as algemas que prendiam a alma de Martinho Lutero e a libertou. E ele exultou em seu Deus e gloriou-se na misericórdia de Jesus Cristo. Essa é a doutrina que Martinho Lutero tomou nos lábios e, com flamejante eloquência, proclamou-a por toda a Europa. Essa é a doutrina que se tornou o próprio pulsar da Reforma Protestante. Essa é a doutrina sem a qual não haveria protestantismo. João Calvino declarou: “É a coluna-mestra da religião cristã”. E o grande Geerhardus Vos disse: “Ela é o eixo em torno do qual gira tudo mais”. E o imortal Bavinck disse: “Esse é o artigo do credo junto com o qual a Igreja ou permanece de pé ou cai”.

A doutrina da justificação é o evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. É nela que a plena e completa misericórdia e graça de Deus atinge seu ponto máximo. Infelizmente, porém, vivemos em uma época em extremo semelhante à de Lutero. As trevas da ignorância espiritual têm invadido de tal modo as mentes dos homens que vasto número de pessoas, neste chamado Brasil cristão, vive na mais abjeta ignorância desse ensinamento cêntrico da fé cristã, dessa doutrina cardeal da Bíblia. Penso que se pode afirmar que, se pelo

menos não tiver um conhecimento rudimentar do princípio básico envolvido nessa doutrina, ninguém jamais verá o céu. Na verdade, com ela a Igreja ou permanece de pé ou cai, e nossas almas permanecem de pé ou caem juntamente com ela. Se esse é o caso, pois, a maior parte da Igreja encontra-se verdadeiramente derrotada em nossos dias. E quão grande tem sido essa derrota! Desde aquela época, somente quatrocentos e cinquenta anos atrás, em que a justificação foi o toque de clarim que despertou centenas de milhares de almas de sua morte no pecado para a vida eterna, temos chegado aos nossos próprios dias, quando, em miríades de igrejas de nossa própria pátria, a pergunta "Que é a justificação?" seria respondida com um ar de interrogação. "*O justo viverá pela fé*", foi o lema da Reforma Protestante.

Livro de Jó

Consideremos agora a natureza dessa doutrina e a sua importância para nós. Nessa doutrina jaz a verdade que preenche a maior necessidade que o homem tem. Como pode o homem relacionar-se devidamente com Deus? No livro de Jó, provavelmente o mais antigo livro da Bíblia, Jó clama das profundezas de seu coração, indagando como um homem pecaminoso poderia jamais postar-se na presença do Deus santo. Ora, esse é o clamor que tem emanado dos lábios esbranquiçados de incontáveis milhões de pecadores penitentes através dos séculos. Não obstante, trata-se de um clamor que, mui estranhamente, quase não se ouve atualmente. Por quê? Bem, a razão não é difícil de ser descoberta. Penso que a razão é apenas que o ser humano está tão abissalmente alienado de Deus que simplesmente ignora que está separado dEle. Não tem qualquer conceito de pecado. Não sente qualquer remorso pelo pecado. Não tem consciência da retidão e da santidade de Deus, e, em consequência, não sente de maneira alguma a necessidade de justificação. Aos seus próprios olhos, o homem se sente perfeitamente justificado. Se porventura o pecado chega a ser considerado por ele, tudo lhe parece um pecadilho do qual o homem pode livrar-se por meio de racionalizações, ou, quando muito, ao qual

ele é capaz de ajustar-se, mediante uma visita ao psiquiatra.

John Murray, o famoso teólogo, expôs o nosso transe de maneira bem sucinta, com estas palavras: "Como pode o homem entrar em boas relações com o Senhor? A resposta, naturalmente, é que não podemos entrar em boas relações com Ele, pois todos nós estamos errados diante dEle. E todos estamos errados diante dEle porque todos temos cometido pecado e estamos aquém da glória de Deus. Com freqüência demasiada não percebemos a gravidade do fato; daí, nem ao menos entram em nossas cogitações a realidade de nosso pecado e a realidade da ira de Deus contra todos nós, por causa de nossos pecados. Eis aí o motivo por que o grande artigo sobre a justificação não nos desperta desde a maior profundidade de nossas almas, nestes dias em que vivemos. E essa é a razão pela qual o evangelho da justificação quase soa como um ruído sem sentido, no âmbito da Igreja do século XX. Não estamos imbuídos do profundo senso da realidade de Deus, de Sua majestade e de Sua santidade. E o pecado, quando ao menos é levado em conta por nós, é considerado pouco mais do que um infortúnio ou um mal ajustamento. Se tivermos de apreciar convenientemente aquilo que é cêntrico ao evangelho, se a trombeta do jubileu tiver de achar eco em nossos corações, então toda a nossa maneira de pensar precisa ser revolucionarizada pela realidade da ira divina, pela realidade de nosso pecado, e pela condenação divina contra o mesmo".

Essas são palavras que raramente se ouvem hoje em dia, quando o pecado está sendo desculpado, ignorado ou escarnecido — Deus, entretanto, não se deixa impressionar por nossa atitude negligente em relação àquilo que Ele odeia. Deus jurou que punirá "com vara as suas transgressões, e com açoites a sua iniquidade". Há um castigo divino contra o pecado. O homem do século XX tem-se esforçado por esquecer, por negar, por ignorar e por volver as costas a essa realidade, preferindo afastar-se dela, escapar dela e embalar tolamente a esperança de que, de alguma

Salmos 89:32

maneira, o castigo será suspenso e o deixará em paz. Porém, não acontecerá tal coisa! A realidade da culpa humana tem feito transbordar de gente as instituições mentais, ao ponto delas se espriaiarem como se fossem cidades intermináveis, de tão espaçosas que se têm tornado. Nessas instituições, ali após ali vive repleta de pessoas que ali foram internadas primariamente porque suas vidas foram avassaladas e esmagadas pela carga do senso de culpa, embora tanto se esforcem por ignorá-lo e negá-lo.

Quando enfrentaremos a realidade tal e qual ela é e buscaremos o remédio divino para nossa realidade, ao invés de passarmos nossas próprias pomadas nas manchas superficiais de nosso fatal câncer interno? O próprio Freud, incrédulo como era, em seus estudos psicanalíticos sondou profundamente a alma humana. Ali, enquanto perscrutava as camadas mais internas da alma humana, que ele denominou de "id", encontrou ocultos, em todos os meandros e cavidades da alma uma imundícia tal, um ódio tão inacreditável e atitudes tão erradas contra aqueles que supostamente deveria amar, sem falar na concupiscência, na ganância e no orgulho, que ele mesmo ficou chocado diante de suas descobertas. Sem que disso tivesse consciência, entretanto, ele estava apondo o seu "*imprimatur*" à Palavra de Deus, a qual assegura: "... pois todos pecaram e carecem da glória de Deus ... Enganoso é o coração ... e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá? Eu, o Senhor, esquadrinho o coração ..."

Romanos 3:23

Jeremias 17:9-10

Somente depois que o apóstolo Paulo já nos impressionara com esse fato de nossa culpa é que ele começou a destacar o tema da justificação. No primeiro capítulo da epístola aos Romanos, o seu tema é: todos os povos gentílicos pecaram, e Deus os entregou à condenação. No segundo capítulo seu tema é: todos os judeus têm pecado e Deus tem entregue todos à condenação. No terceiro capítulo, é: todos, judeus e gentios, igualmente, estão debaixo do pecado, não havendo entre eles qualquer diferença — "... pois todos pecaram e carecem da glória de Deus ... ninguém será justificado diante de-

Romanos 3:23

le por obras da lei . . .” É somente nessa altura da exposição quando todo homem e mulher de nosso planeta estão condenados debaixo do pecado, que Paulo apresenta a nova revelação da misericórdia divina: “Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus . . .” Trata-se de uma justiça gratuitamente conferida, que nos é proporcionada por Deus: “... sendo justificados gratuitamente, por sua graça . . .”

Romanos 3:20

Romanos 3:21

Romanos 3:24

Qual, pois, é a natureza dessa justificação? O Catecismo de Westminster descreve-a com requintes de beleza e aptidão, quando afirma que a justificação é um ato da livre graça de Deus, mediante o qual Ele perdoa todos os nossos pecados e aceita-nos como pessoas justas — não em face de qualquer coisa feita por nós ou operada em nós, mas tão-somente em virtude da retidão de Jesus Cristo, a nós imputada, a qual é recebida exclusivamente pela fé. Vejamos agora o que isso significa. Em primeiro lugar, aprendemos que se trata de *um ato de Deus*. É Deus quem nos justifica. Quem é que condena? O homem vive procurando justificar-se. De certa feita, alguém me disse: “Posso justificar diante de Deus tudo quanto tenho feito”. Ora, embora poucas pessoas mostrem-se tão precipitadas a ponto de fazerem tal declaração, isso é precisamente o que a maioria das pessoas está procurando fazer. Ouço constantemente essa idéia. As pessoas querem justificar-se: procuram pleitear sua própria inocência. “Eu não sou tão ruim assim. Na verdade, tenho praticado algum bem. Tenho feito isto . . . não tenho praticado aquelas coisas piores . . .” Sim, as pessoas procuram justificar-se.

A doutrina da justificação condena todo esforço humano tendente à auto-justificação. É Deus quem justifica, e não o homem. Pois trata-se de um ato, e não de um processo. Tudo acontece num piscar de olhos. Em um único instante fica completa e perfeita para sempre. É um ato da graça gratuita de Deus. Vemos, pois, que a justificação flui do favor do Deus Onipotente. Não se deve a qualquer coisa que tenhamos feito. Não somos justificados por causa de nossas obras; não somos justificados por causa de nosso caráter; não somos justi-

ficados por causa de nossas virtudes ou boas qualidades. Pois o homem natural, em seu estado não-regenerado, não possui essas virtudes ou qualidades nem no menor grau. Somos justificados pura e simplesmente pela graça, pelo não merecido favor de Deus.

A justificação não se deriva de qualquer coisa feita por nós ou *operada em nós*. A justificação não transforma nosso coração, nossa alma ou nossa vida, nem um pouco sequer. Pois é algo externo a nós mesmos. Antes, a justificação consiste em uma declaração feita por Deus. Não se trata de Deus agindo como um médico ou cirurgião, que se aproxime e transforme os nossos corações. Na verdade, Deus nos transforma internamente, mas isso Ele faz através da regeneração e da santificação. A justificação — aquele ato divino mediante o qual damos início à vida cristã — consiste em algo que ocorre inteiramente fora de nós. Trata-se de uma declaração a nosso respeito; é o ato declaratório de um Juiz a respeito de um pecador. Nessa declaração, portanto, Deus declara-nos justos.

Algumas pessoas encontram certa dificuldade acerca desse ponto. Em primeiro lugar, elas não compreendem o que significa a palavra *justificar*. Permita-me dizer que não significa santificar; nem significa tornar virtuoso; e também não significa tornar alguém bondoso. Você não é melhor um momento após ser justificado do que o era antes. Você não é mais santo, um pouco sequer, depois de ser justificado do que o era antes. Todavia, não podemos separar inteiramente a justificação da santificação. E isso porque Deus fez residir em nós o Seu Santo Espírito, e Ele haverá de continuar Sua atuação em nós, daí por diante a fim de santificar-nos. Não obstante, nossa justificação não é algo que ocorra no final de tal processo, quando já tenhamos atingido certo grau de aceitabilidade diante de Deus. Somos justificados ainda no estado de ímpios pecadores. Deus justifica o ímpio. Como é que Deus pode fazer tal coisa? Justificar não significa tornar santo.

Mas Deus justifica o *ímpio*. Que isso é uma verdade pode ser facilmente comprovado pelo uso que as Es-

crituras fazem do vocábulo *justificar*. Por toda a Bíblia, esse termo é empregado como o oposto e a antítese da palavra *condenar*. A Bíblia declara que os juízes justos devem justificar os retos e condenar os ímpios. As Escrituras ensinam que é uma abominação diante de Deus quando um juiz qualquer justifica o ímpio e condena o justo. A justificação, portanto, consiste em uma declaração a respeito de alguma pessoa — não sendo uma mudança efetuada em sua natureza íntima.

Por exemplo: “Todo o povo que o ouviu, e até os publicanos, justificaram a Deus . . .” Seria um absurdo supormos que um publicano pecaminoso pudesse tornar Deus santo. Mas meramente declararam Deus como tal. A Bíblia ensina ser pecado um homem declarar justo a outrem que é um ímpio. Sem embargo, é exatamente isso que Deus faz. Mas fá-lo sem cometer pecado. Como é que Deus pode fazer tal coisa? Ele o faz através daquele instrumento admirável que é o evangelho. Ele o faz por meio de Seu Filho, o Senhor Jesus Cristo. Somos justificados gratuitamente pela Sua graça, em virtude da redenção que há em Cristo Jesus, o qual foi por Deus apresentado como propiciação — como um holocausto — pelos nossos pecados, a fim de que Ele fosse tanto o justo quanto o justificador daqueles que vierem a confiar em Jesus. É por intermédio de Cristo que Deus faz isso.

A obra de Cristo pode ser dividida em duas porções. Os teólogos descrevem-nas como a obediência *ativa* e a obediência *passiva* de Cristo. Antes de tudo, precisamos considerar aqueles trinta e três anos durante os quais Ele teve uma vida perfeita, obedecendo perfeitamente a cada mandamento de Deus. Que qualidade de vida Deus requereria de você, se um dia você tivesse de entrar no céu? Ele requereria uma vida perfeita. Você tem essa vida perfeita? “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste”. Não, você não possui esse tipo de vida. Porém, Cristo viveu em seu lugar — perfeitamente, vicariamente, em seu lugar — e essa vida Ele está disposto a dar a você. A obediência passiva de Cristo (de onde também se deriva o nosso vocábulo *paixão*)

Lucas 7:29

Mateus 5:48

consiste naquilo que Cristo padeceu em nosso lugar, naquilo que Ele sofreu por nós, mormente na cruz do Calvário. Foi na cruz que Cristo tirou todos os nossos pecados e pagou toda a nossa dívida. Porém, é por meio de Sua vida, de Sua obediência ativa, que recebemos uma perfeita retidão, em virtude da qual podemos postar-nos na presença de Deus.

Se, conforme alguns supõem, a justificação tivesse de ser identificada meramente com o perdão do pecado, então seríamos tão-somente perdoados e conduzidos ao lugar onde Adão começou. Teríamos ainda de desenvolver nossa própria retidão, o que, com sua natureza perfeita, Adão não foi capaz de fazê-lo. (Muito menos nós seríamos capazes de um tal prodígio!) Por conseguinte, no ato da justificação Deus realiza duas coisas. Em primeiro lugar, Ele nos constitui justos, lançando em nossa conta a perfeita retidão de Jesus Cristo. Tendo feito isso, Deus declara qual é a nossa situação diante de Seus olhos. Destarte, Deus declara que as exigências da lei foram plenamente satisfeitas em nosso caso, visto que Jesus Cristo cumpriu todas as obrigações que tínhamos diante da lei de Deus. Antes de tudo, Ele nos *constitui* justos; depois, Ele nos *declara* justos. Todavia, justos devido à justiça de Seu Filho, bem entendido. Isso poderia ser comparado à graciosa doação de polpuda importância a um homem, para então ele ser declarado rico. É isso que Deus faz conosco. Ele nos proporciona a perfeita retidão de Seu Filho e, em seguida, declara que somos retos. A Bíblia ensina que através da desobediência de um único homem, muitos foram contados ou constituídos pecadores; e, por semelhante modo, através da obediência de Um só, muitos estão sendo constituídos justos, mediante a retidão de Jesus Cristo.

A doutrina da justificação envolve infinitamente mais do que o perdão dos pecados. Um governador ou executivo pode perdoar um criminoso; um juiz também. Não obstante, jamais um juiz conseguiu que um criminoso perdoado se tornasse um justo. E nem o adotou jamais em sua família; e nem lhe conferiu uma herança; e também nunca lhe conferiu o seu nome. Todas essas

Gênesis 3
Romanos 5

coisas, porém, e muitas outras, Deus tem feito por nós. Todavia, Ele nos declara justos somente por causa da justiça de Jesus Cristo, o nosso Senhor.

Algum dia todos teremos de apresentar-nos diante de Deus. Com qual retidão haveremos de aproximar-nos daquele tremendo trono? Naquele grande dia, no qual os céus haverão de dissolver-se em fervente calor, e no qual a terra ficará carbonizada, juntamente com todos os elementos naturais, como nos aproximaremos do trono de Deus? O profeta Isaías descreve a cena para nós, nos seguintes termos: "Regozizar-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegra no meu Deus; porque me cobriu de vestes de salvação, e me envolveu com o manto de justiça, como noivo que se adorna de turbante, como noiva que se enfeita com as suas jóias". É conforme diz o hino:

Isaías 61:10

Jesus, Teu sangue e retidão,
Beleza e glória, minhas vestes são.
Em meio ao mundo em chama assim disposto,
Com alegria erguerei meu rosto.

Essa é a natureza da justificação. Como a recebemos? Nós a recebemos pela fé, simplesmente confiando em Cristo. "Coisa alguma na mão eu trago; e só na Tua cruz me agarro." Mas é nesse ponto que inúmeras pessoas enfrentam um problema. Pois o leitor deve ter notado que se trata de algo extremamente humilhante. Requer de nós, tal como sucedeu ao apóstolo Paulo, que consideremos todas aquelas coisas que chamamos de "boas obras", e que antes eram o orgulho e a alegria de nossas vidas, como mero esterco, a fim de que sejamos achados em Cristo. Não temos justiça própria, derivada da tentativa de observar a lei, no que falhamos miseravelmente todos os dias; mas temos a justiça de Deus, que nos é dada mediante a fé em Jesus Cristo. Isso é muito humilhante para o homem. Porquanto temos de admitir nossa bancarrota moral e espiritual, sendo precisamente esse o aspecto tão indigesto para o orgulho humano, ferindo-o frontalmente em pleno rosto.

O brilhante Dr. Gerstner descreveu a situação do orgulhoso homem desta maneira: “Cristo fez tudo quanto é necessário para a nossa salvação. Coisa alguma se posta agora no caminho, entre o pecador e o Senhor Deus, exceto as ‘boas obras’ do pecador. Coisa alguma pode impedi-lo de vir a Cristo, exceto a sua ilusão de que não precisa dEle — pois o homem teria suas próprias boas obras, que poderiam satisfazer a Deus. Se ao menos os homens pudessem ser convencidos de que não têm justiça própria que não seja trapos imundos; se ao menos vissem que não há quem faça o bem, não, nenhum; se ao menos percebessem que todos estão sujeitos ao pecado — então nada poderia obstaculizar-lhes a salvação eterna. Tudo o de que necessitam é do senso de sua necessidade. Tudo quanto devem ter é o nada. Tudo quanto se requer deles é que reconheçam sua culpa. Infelizmente, porém, os pecadores não sabem separar-se de suas ‘virtudes’. Tais virtudes são todas imaginárias, mas lhes parecem perfeitamente reais. Por outra parte, a graça divina lhes parece irreal. Desprezam a autêntica graça de Deus a fim de se apegarem às suas próprias ilusórias virtudes. Com os olhos fixos em uma miragem, negam-se a beber a verdadeira água. E sucumbem de sede em meio ao oceano da graça divina”.

Portanto, meu amigo, ao que você está se agarrando? À miragem ilusória de sua justiça própria? Você não quer se desfazer das folhas de figueira que você arrumou em torno de si, para tentar encobrir a nudez de sua alma? Ou você virá a Cristo para ser purificado por Seu sangue e revestido de Sua retidão, a fim de que Ele o apresente, diante do Seu trono, sem defeito e em meio a profunda exultação?

Conforme diz Cristo, um dia haverá um grandioso banquete de casamento. E todos quantos participarem do mesmo terão de vestir belas roupagens brancas, próprias para a ocasião — um símbolo da justiça de Cristo. Na parábola relatada no livro de Mateus, aparece um homem que não dispunha dessa veste nupcial. Então chegou o rei, a fim de dar uma olhada nos

Mateus 22:10-12

convivas. Seus olhos fixaram-se sobre o indivíduo que não trazia veste nupcial; e o soberano indagou dele: "Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial? Como ousaste entrar aqui vestido de trapos tão imundos?" Ah, mas é que aquele homem supunha estar usando seus melhores trajes domingueiros — todos os seus feitos na Escola Dominical, o seu caráter, a sua moralidade, o seu dinheiro doado para fins de caridade, a sua observância dos mandamentos e a sua vida diária em consonância com a Regra Áurea — ele pensara que era a pessoa mais bem vestida do salão! Mas foi então que acenderam as lâmpadas, e ele percebeu qual era o seu verdadeiro estado — imundícia da cabeça aos pés! E foi dada uma ordem atinente ao homem, que estava mudo: "Amarrai-o de pés e mãos, e lançai-o para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes".

Mateus 22:13

Sim, no que você se está agarrando? No que você está confiando? Na sua própria justiça ou na justiça de Cristo? Nos seus próprios méritos ou nos méritos dEle? Somos justificados gratuitamente, pela Sua graça, através da redenção que há em Cristo Jesus.

*Leva-nos à Tua fonte, ó Salvador; leva-nos ou de outro modo morreremos. Senhor, ilumina-nos a mente pelo Teu Espírito, para que nos vejamos como realmente somos, para que possamos repelir os nossos pecados, não confiando mais em nossa justiça própria, mas antes, para que possamos fugir para a Tua cruz. E, abraçando-a que sejamos lavados no Teu sangue, ó Cristo, lá em nosso íntimo, revestidos externamente da Tua justiça, tendo sido justificados de todos os nossos delitos e capacitados para entrar na vida eterna. Oramos em Teu bendito nome.
Amém.*

9 A SANTIFICAÇÃO

Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade... E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade.

João 17:17, 19

"Vamos parar com as palavras vazias . . . O cristianismo consiste em vida — e não doutrina . . . Nosso único credo é Cristo . . . Vamos dispensar os dogmas e começar a cumprir nosso dever." Palavras familiares? Você acredita nelas? Milhões têm acreditado. E, com lemas ociosos como esses, o machado tem sido posto à raiz da árvore do cristianismo genuíno pelo próprio Satanás. "Porque, como imagina [o homem] em sua alma, assim ele é . . ." Se existe algo de peculiar nas igrejas protestantes derivadas da Reforma, esse algo é o seguinte: toda vida deve estar fundamentada na verdade. Aquilo em que um homem acredita haverá de determinar suas ações, e a vida que vivemos inevitavelmente origina-se das crenças que professamos. Eis por que somos salvos pela fé; e a fé consiste na crença na verdade e no recebimento da mesma como tal.

Provérbios 23:7

De fato, o cristianismo não se constitui apenas de vida, mas também de doutrina. Trata-se de uma maneira de viver produzida pela fé. Aqueles que se manifestam contra o credo, o dogma e a doutrina deveriam, quiçá, examinar novamente o que esses vocábulos significam. A palavra *doutrina* vem do termo latino *docere*, que quer dizer ensinar. A palavra *credo*, que também vem do latim, *credo*, significa eu creio. E a palavra *dogma* vem do vocábulo grego *dokeo*, que significa pensar. Portanto, uma pessoa sem dogma, nem credo e nem doutrina é

uma pessoa que não pensa, não crê e não ensina. Porém, se você tiver de pensar alguma coisa, crer em alguma coisa e ensinar alguma coisa, então, meu amigo, você precisará de dogma, credo e doutrina. Essa é a substância que forma o fundamento da fé cristã.

O problema que aflige a tantos, hoje em dia, é que eles têm um dogma, uma doutrina e um credo, mas geralmente tudo é criação deles mesmos. De tudo isso fizeram uma grande mistura, fermentando-a em suas próprias mentes. O problema existe não por falta de tais crenças, mas pelo fato de que aquilo que praticam é corrompido pela inverdade e falsidade. Esse é o motivo para o baixo nível de moralidade e para a apatia que por toda parte se vêem hoje em dia neste país e na Igreja em geral.

Se quisermos que a Igreja demonstre vitalidade, então a nossa vida deve fluir da verdade. Abraham Kuyper, o grande teólogo holandês, apresentou a seguinte ilustração: Houve tempos, nos séculos passados, em que lá fora, no mundo, havia somente trevas e frio enregelante, ao passo que na Igreja havia calor, alegria e zelo, e os homens se aqueciam próximos às chamas da verdade da Palavra de Deus. Essas chamas, entretanto, foram corrompidas pela inverdade. Lentamente se foram apagando tais chamas, até que o frio invadiu a Igreja. Os que estavam do lado de dentro tomaram consciência do seu estado, bem como de sua frieza, e lançaram-se à tentativa de fazer alguma coisa a respeito. Entre eles levantaram-se aqueles que sugeriram uma solução para o problema. "Estais vendo, senhores, que não podeis obter calor das fogueiras. O que se deve fazer é remover totalmente a lareira, criando o calor em vossas próprias almas, sem emprego de fogo. Simplesmente esfreguem as mãos com bastante força, e em breve estarão aquecidos." Porém, a resposta das Escrituras é que devemos acender novamente as chamas da verdade. Essa foi a oração feita por Jesus Cristo: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade . . ."

João 17:17

Em nossa série de estudos doutrinários, finalmente chegamos à doutrina da santificação. Trata-se de impor-

tantíssima doutrina, porquanto ela chega até nós precisamente onde nos encontramos. Ela tem a ver com nossa vida cristã, conforme a estamos vivendo agora mesmo. Existem muitas pessoas que têm dito: “Por certo essa é uma doutrina tão simples que é impossível que ela tenha sido corrompida pela falsificação. Consiste meramente em vivermos a vida cristã; portanto, não nos precisamos preocupar acerca da doutrina da santificação; basta-nos o fato da santificação”. Mas o problema é que, atualmente, nem ao menos um em cada dez membros da igreja faz a mínima idéia do que realmente está envolvido na doutrina da santificação. Conforme creio, essa é a razão por que há pouca santificação autêntica na Igreja atual. A santificação tanto é uma doutrina quanto é uma maneira de viver.

No que consiste a doutrina bíblica da santificação? Do que ela trata? Qual é a sua natureza? Qual é a sua origem? Quais são os meios empregados para sua realização? A santificação está intimamente relacionada à doutrina da justificação, a qual estudamos no capítulo anterior. Visto que essas duas doutrinas geralmente são confundidas precisamos saber distingui-las. Embora elas não possam, realmente, ser separadas uma da outra, contudo devem ser distinguidas em nosso entendimento. De acordo com os reformadores do século XVI, a confusão entre a doutrina da justificação e a doutrina da santificação era um dos principais erros da Igreja de Roma, a qual ensina que, se nos tornarmos suficientemente santos, acabaremos também sendo justificados. Entretanto, a Bíblia ensina que primeiramente somos justificados, e que disso resulta a santificação.

Examinemos esses dois vocábulos para ver se podemos apreender a diferença entre a justificação e a santificação. Em primeiro lugar, a justificação é um ato; a santificação é um processo. A justificação ocorre uma única vez; quando então já está completa e perfeita; a santificação é imperfeita, sendo um longo processo que perdura desde os primeiros passos da vida cristã até ao momento em que morremos. A justificação é algo que ocorre fora de nós; a santificação é algo que tem lugar

em nosso íntimo. A justificação, em seu sentido metafórico, é o ato de um juiz (aquilo que um juiz declara a nosso respeito); a santificação consiste mais no trabalho de um cirurgião (algo feito em nosso interior). A justificação é algo que é declarado acerca de nós — a declaração que não somos culpados e que agora somos considerados justos; a santificação é algo que é feito em nós.

Tendo agora percebido essas poucas distinções entre as duas doutrinas em pauta, consideremos um pouco mais a diferença e o propósito dessas duas operações divinas. Ambas as questões têm a ver com dois mui diferentes aspectos do pecado, pois, de acordo com as Escrituras, o pecado tem dois lados. Se você não sabe distinguir esses dois lados, em sua mente, então terá grande dificuldade para entender a teologia cristã.

O *primeiro aspecto do pecado* é aquilo que se conhece por culpa. Ora, ser culpado é “ser passível de castigo”. Não quero que meu leitor confunda isso com os sentimentos de culpa, tão fortemente ressaltados em tantos dos escritos psicológicos de nossos dias, e que, mui estranhamente, são explorados até por aqueles que negam a realidade da culpa. Se uma pessoa desobedecer a alguma lei civil, torna-se passível de castigo, se vier a ser apanhada. Isso é culpa. Nós, que pecamos contra a lei de Deus, somos passíveis de castigo. E o *segundo aspecto do pecado* é algo que existe dentro de nós, isto é, a “corrupção”. Assim, pois, esses dois aspectos do pecado são culpa e corrupção. A culpa é algo que está fora de nós (não estamos nos referindo aos sentimentos de culpa). Ela diz respeito ao nosso relacionamento com a lei. Mas a corrupção tem a ver com algo que está dentro de nós — nossa natureza corrompida.

Deus trata desses dois aspectos do pecado. Ele trata da questão da culpa por meio da justificação. A culpa é tratada por um juiz. No ato da justificação, a retidão de Cristo nos é imputada, e somos declarados retos no que concerne ao nosso relacionamento com a lei. Isso ocorre de uma vez para sempre. Ninguém cresce na justificação. Não somos justificados vinte anos após

termos aceitado a Cristo mais do que no momento em que O aceitamos. Foi-nos conferida a perfeita retidão de Cristo. Fomos revestidos com as vestes da salvação e cobertos com o manto da justiça. Mas a santificação consiste na dissolução da nossa corrupção — mas não mediante o imputar da justiça de Cristo a nós, de uma vez por todas, e, sim, mediante a gradual infusão da santidade de Cristo em nós. Tanto a nossa justiça quanto a nossa santidade vêm da parte de Jesus Cristo.

Façamos uma pausa momentânea a fim de vermos se temos entendido a diferença entre esses dois aspectos do pecado: a culpa e a corrupção. No lugar da culpa, o de que precisamos é da retidão aos olhos da lei; e, no lugar da corrupção, o de que precisamos é da santidade.

É nesse ponto que as pessoas encontram dificuldades em apreender a questão da santidade. Talvez você pudesse compreendê-la melhor se a concebesse nos termos da ilustração abaixo. Haverá alguém que desconheça o que significa morder uma maçã somente para descobrir se a mesma está estragada, podre? Pois esse termo mais familiar, podre, significa corrupto. Isso equivale a dizer que, aos olhos de Deus, todos somos quais maçãs podres; e isso é corrupção.

Se isso não sacode a sua sensibilidade o suficiente, gostaria de destacar para você que também há um resultado da podridão. Se alguém deixasse abandonada por aí uma maçã podre, por tempo bastante, ela começaria a emanar um estranho odor. Ora, Deus afirma que somos maus cheirosos ao Seu olfato. Isso não é um quadro muito agradável, mas é o retrato que Deus apresenta da humanidade. Do alto da cabeça à sola dos pés, nada existe em nós exceto corrupção. Por conseguinte, precisamos da santidade de Jesus Cristo. Santo tem o significado de separado, consagrado. Se alguém tivesse a capacidade para transformar uma maçã estragada em uma maçã boa, teria realizado um feito notável. Sabemos como fazer uma maçã boa ficar estragada; porém, como fazer uma maçã estragada ficar boa novamente? Só Deus é capaz de fazê-lo. Uma das

principais razões que leva uma maçã a estragar-se é que ela é tirada da sua árvore. Se você arrancar uma maçã da árvore e abandoná-la em algum lugar por tempo bastante, algum tempo depois ela estará estragada. Se estivermos separados da Videira verdadeira, logo estaremos estragados e corrompidos. A santidade é um atributo que pertence exclusivamente a Deus, e qualquer manifestação de santidade que porventura se veja neste mundo, em alguém ou em alguma coisa, só existe por estar relacionada com Deus. É que a santidade de Deus, de alguma maneira, fluiu para tal pessoa ou para tal coisa: o propósito e o objetivo da santificação é tornarmos santos aos olhos do Senhor.

Habacuque 1:13

Uma vez justificados, fica anulado o fato que estamos sujeitos à punição; pois então somos declarados inocentes, e não mais culpados. Tendo sido revestidos das roupagens de Cristo, agora é necessário que nos tornemos santos em nosso interior. A Bíblia declara que Deus é tão puro de olhos que nem contemplar pode a iniquidade . . . que todo pecado, do incrédulo ou do crente, é contrário à santidade divina, sendo uma abominação aos olhos de Deus. O pecado é desprezível para Deus. A ordem que Deus baixou para nós foi esta: " . . . vós vos consagrareis, e sereis santos, porque eu sou santo". A santificação está vinculada a essa particularidade. Deus determinou que fôssemos santos. O ensinamento da Bíblia recomenda: "Segui . . . a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12:14). Cumpre-nos aperfeiçoar a santidade no temor do Senhor. Se há alguma coisa de que a Igreja de Cristo mais está precisando atualmente, é de uma perspectiva da santidade e da majestade de Deus, bem como da conseqüente perspectiva das exigências que o Senhor nos impõe, no sentido que sejamos santos assim como Ele é santo. Você é santo?

Levítico 11:44

1 João 2:16-17

" . . . porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. E o mundo passa e a sua concupiscência . . ." Essas más qualidades não nos chegam da parte de Deus. São coisas

vis aos olhos dEle, pois são podres. Apesar disso, vivemos em um mundo extremamente podre. E aqueles que chegam a perceber a glória de Deus clamam, em sua angústia: "... sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos! E abomino a mim mesmo no pó e na cinza".

Isaías 6:5

Qual é a sua forma particular de corrupção? Será a concupiscência da carne? Deus nos tem chamado à santidade de corpo, de mente e de espírito. Qualquer coisa contrária a isso — qualquer podridão ou corrupção — Deus requer que seja substituída por aquilo que é hígido e santo. Quantas mentes, hoje em dia, são virtualmente pornográficas? E que dizer sobre o corpo, que Deus ordena que Lhe seja oferecido como um sacrifício vivo, santo, e, portanto aceitável diante de Seus olhos? Portanto, seu corpo é santo ou está contaminado por toda variedade de atos e hábitos vis? O seu espírito é santo? Que dizer acerca da concupiscência dos olhos (a cobiça)? As Escrituras declaram que a cobiça é uma corrupção aos olhos de Deus. E que dizer sobre o orgulho da vida? A vã ambição ... em que o indivíduo pensa que é superior ao próximo ... que precisa acompanhar a afluência dos vizinhos ... o orgulho de nossa própria aparência ... o orgulho em face de nossos conhecimentos ... o orgulho por causa de nossas aptidões. O orgulho da vida é outra forma de vil podridão, ensina Aquele que pôde dizer: "... aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração ..."

Mateus 5:28

Mateus 11:29

Sem a santificação, ninguém jamais verá a Deus. Portanto, onde poderíamos obtê-la? A santificação não é mero esforço da parte dos crentes para que vivam uma vida cristã aprimorada. Na verdade, a santificação nem ao menos consiste em um esforço por parte do homem; a santificação é uma operação de Deus. É Deus quem santifica. A salvação vem de Deus, quer se trate do seu aspecto passado da justificação, do seu aspecto presente da santificação, ou do seu aspecto futuro da glorificação, quando então os vestígios finais do pecado serão totalmente removidos. A salvação vem inteira-

Hebreus 12:14

mente de Deus. Por conseguinte, é Deus quem santifica.

O agente da santificação não é o homem, mas o Espírito Santo. Trata-se da infusão da santidade de Cristo. Não existe santidade em nós. Uma maçã estragada poderia saltar para cima e para baixo, poderia agitar-se, bater palmas ou fazer qualquer coisa que quisesse, mas jamais deixaria de ser mais do que uma maçã estragada. Portanto, nada existe em nós que nos possa tornar santos.

Isso não significa, todavia que sejamos passivos na santificação. Na regeneração, sim, somos passivos; mas em nossa santificação agimos ativamente, embora tudo proceda da graça divina. Compete-nos fazer uso dos meios da santificação, que são a Palavra de Deus, a oração, a obediência a todos os mandamentos de Deus, as ordenanças e a adoração. O Espírito Santo vale-se do uso que fazemos desses meios e faz deles o método pelo qual somos santificados. Porém, quero lembrar aqui que uma pessoa pode ler a Palavra de Deus até ficar de rosto esverdeado, e pode orar até que seus joelhos se alisem, sem que isso santifique mais do que antes, se porventura o Espírito Santo de Deus não o santificar. Por conseguinte, pode-se ver que temos necessidade do instrumento apropriado da fé, que se estenda e alcance a Deus. É a fé que olha para o Espírito de Deus e clama para que Deus nos faça santos, tornando-nos pessoas santificadas, fazendo-nos puros e limpando-nos de todos os nossos pecados.

Há necessidade de fé, pois percebemos que não podemos santificar a nós mesmos, percebemos que Deus requer de nós a santidade e percebemos que somos incapazes de produzi-la. Portanto, não somente lançamos mão dos meios de graça, mas também confiamos no Doador de toda graça e no Santificador dos homens, que é o Santo Espírito de Deus.

Você tem consciência de sua própria corrupção? Seu coração grita angustiado, ao dar-se conta de sua enfermidade interna? Você está crescendo na graça? Está se mostrando mais fiel em sua vida de oração? Se

youê quiser crescer na santificação, utilize-se então dos meios da graça. Comece a dedicar mais tempo à oração. Comece a estudar a sério a Palavra de Deus. Resolva que você se dedicará a uma nova e mais profunda obediência, andando na observância de todos os mandamentos do Senhor. Muitos crentes estão resolvidos que obedecerão aos mandamentos do Senhor apenas em parte, e, por isso mesmo, não avançam de forma alguma. O arrependimento requer grande determinação, após uma total nova obediência de nossa parte.

Você quer conhecer a santidade de Deus? Nesse caso é mister que você conheça Aquele que é santo, pois, à parte dEle, o Deus três vezes santo, nada existe senão morte e corrupção, neste nosso mundo maculado pelo pecado. Acerque-se dEle. Dedique mais tempo para passar em companhia dEle. Pela fé, toque nEle. E você chegará a conhecer as bênçãos da santidade de Deus e o significado de Sua santificação.

Ó Deus, pedimos-Te que nos livres de uma perspectiva errada de Tua santidade. Que nunca nos olvidemos do que disseste: "Sede santos, porque eu sou santo . . ." "... sem a santificação, ninguém verá o Senhor". Pois Tu és Aquele que é totalmente santo. Oh, Senhor, ensina-nos a desprezarmos os nossos pecados, a nossa corrupção, a nossa vileza e podridão, a fim de que possamos chegar diante de Tua pessoa, oh, Tu, que és a Origem da pureza e da santidade, para que possamos ser curados, tornando-nos hígidos de corpo, mente e alma. Oramos assim em nome de Cristo.

Amém.

10 A ADOÇÃO

Porque não recebestes o espírito de escravidão para viverdes outra vez atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai.

Romanos 8:15

Vimos nos capítulos anteriores como Deus revela a Si mesmo por meio das Escrituras, e, acima de tudo, em Seu Filho. Também vimos que o Personagem central, de quem fala essa revelação, é o Deus Triúno: Pai, Filho e Espírito Santo. Aprendemos também que Deus é infinitamente soberano, exercendo o controle sobre todas as coisas neste mundo, desde a menor à maior delas, e que nada sucede que não esteja sob o Seu domínio. Deus segura firmemente as rédeas do mundo; os reis e os súditos destes agem conforme aquilo que Deus ordena. Quer por Seu decreto diretivo, quer por Seu decreto permissivo, todas as coisas acontecem de conformidade com Aquele que predeterminou tudo em consonância com o conselho de Sua própria vontade.

Vimos ainda que, após ter resolvido criar o mundo, Deus criou o homem em um estado perfeito e impecável. Todavia, em seguida sujeitou o homem a uma prova e lhe deu um mandamento que, se o tivesse guardado, teria ganho para si mesmo e para toda a humanidade uma eterna bem-aventurança, felicidade e paz permanente. Mas o homem, por ser um ente falível e impelido pela sua própria vontade, preferiu rebelar-se contra o seu Criador, e assim mergulhou a raça humana inteira no pecado e ganhou para a sua posteridade não uma herança de vida e paz, mas de morte e de miséria.

Deus poderia ter permitido que o homem conti-

Gênesis 2 e 3

Romanos 3:11-12

nuasse em seu próprio caminho, deixando que ele enfrentasse o juízo e a punição eterna. Porém, em Sua infinita misericórdia, Deus achou por bem demonstrar misericórdia e graça à Sua criação, e ofereceu ao homem a vida eterna. Não obstante, Deus previu que esse oferecimento seria desprezado pelo homem, pois "... não há quem busque a Deus; todos se extraviaram ...". Abandonado aos seus próprios recursos, o coração do homem se mantém em inimizade contra Deus. Sua mente nem compreende nem aprecia as realidades do Espírito.

Apocalipse 5:9

Isso posto, Deus resolveu que, dentre as massas da humanidade decaída, Ele escolheria alguns, a quem salvaria resolutamente. Com essa finalidade, Ele predeterminou um grande número de indivíduos, provenientes de todas as nações, línguas, povos e tribos, para que se tornassem Seus filhos. E não somente os convida, como igualmente lhes envia Seu Espírito Santo, a fim de atraí-los irresistível, invencível, eficaz e infalivelmente a Si mesmo, renovando seus corações e suas mentes, vivificando-os da condição mortal de seus pecados e conduzindo-os a Cristo. E eles achegam-se mui voluntariamente ao Senhor, tendo sido inclinados a isto em virtude da graça divina.

Colossenses 4:3

Com o intuito de prover essa salvação aos homens, Deus deu Seu próprio Filho unigênito para que desse a Sua vida por eles, por causa dos pecados deles, para que Ele fosse castigado pelas transgressões deles, a fim de que Deus pudesse mostrar-lhes o Seu favor e ainda assim permanecer o justo Juiz de toda a terra. No tempo certo e determinado por Deus, o Senhor envia o Seu Santo Espírito para chamar eficazmente os Seus escolhidos, e, mediante Sua Palavra e Seu Espírito, o pecador morto salta para a vida, e sua mente é revivificada, a sua alma é renovada, a sua vontade é alterada, tornando-se maleável. Após ter ouvido a voz de Deus, que bate à porta, a alma humana diz: "É o meu Amado; irei e abrirei para Ele a porta". Vemos que depois de ter recebido fé da parte de Deus, como uma dádiva, o homem também é justificado com base nessa mesma fé, de maneira tal que

a sua salvação seja motivada inteiramente pela graça divina. A salvação vem de Deus. Mas a *ordo salutis*, ou o caminho da salvação conforme foi divinamente revelado nas Escrituras, como já examinamos até agora não é completo.

Neste capítulo quero discutir uma das mais profundas doutrinas da fé cristã: a doutrina da adoção. É doutrina grandemente negligenciada através de toda a História da Igreja. Não obstante, a Confissão de Westminster contém um breve capítulo acerca da adoção.

Por haver sido negligenciada, penso que é importante que tornemos a descobrir esta grande doutrina. Primeiramente, por ser ela motivo de incomensurável consolo para os santos de Deus, quando a calamidade os avassala e quando a tribulação avança qual dilúvio. Qual é o filho de Deus que nunca se voltou para Ele, ao perder algum ente querido? Não é para o lar de nosso Pai celeste que se volta o nosso coração quando este tabernáculo terreno começa a desmantelar-se e a dissolver-se? A adoção envolve precisamente questões como essas.

A adoção também é doutrina importante por ser bíblica — é a grande finalidade da doutrina da predestinação. Fomos predestinados para que nos tornemos filhos adotivos de Deus. É a consumação final, a bênção final da vida cristã. Mas ela também é importante porque é o ponto de contacto teológico com a maior heresia do nosso século.

Alguém já asseverou que cada século tem sua heresia peculiar, e este século XX não difere da regra geral. O universalismo é um conceito que se está espalhando, sendo proclamado vigorosa e eloquentemente de muitos púlpitos ao redor do mundo, até mesmo quando os credos das denominações a que pertencem tais pregadores neguem peremptoriamente essa idéia. Estamos falando da falsa doutrina que diz que, de alguma maneira, em algum ponto, em algum tempo, todas as criaturas de Deus chegarão finalmente ao paraíso. Esse é um ensino que renega e abomina totalmente a doutrina bíblica do castigo eterno, rejeitando

Mateus 7:13-14

a instrução escriturística que diz que é possível um homem ficar eternamente separado de Deus. No entanto, a Bíblia ensina inequivocamente, e as igrejas evangélicas assim acreditam, que haverá pessoas que ficarão alienadas de Deus para sempre. O próprio Jesus Cristo, o Rei do reino celeste, deixou cristalinamente clara essa fatalidade: “Entrai pela porta estreita (larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz para a perdição e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela”.

O ponto que o universalismo tenta impingir, acrescentando à doutrina bíblica da adoção, é aquela idéia intitulada “paternidade de Deus e fraternidade de todos os homens”. Suponho que há muitos evangélicos que acreditam ser ensino bíblico esse conceito da universal paternidade de Deus e fraternidade dos homens. Isso meramente prova aquilo que Hitler dizia como um adágio: “Diga uma mentira suficientemente grande, repita-a em alto e bom som por vezes suficientes, e você fará com que a maioria das pessoas acredite nela”. É exatamente isso que Satanás tem objetivado, quanto à questão que estamos ventilando, e isso com notável sucesso. O conceito da paternidade universal de Deus e da fraternidade universal dos homens é idéia totalmente estranha às Escrituras Sagradas. Somente nestes últimos cinquenta ou setenta e cinco anos é que ela ao menos tem sido encontrada nos escritos teológicos. É doutrina inteiramente desconhecida para os eruditos bíblicos mais antigos, porque é completamente estranha à Bíblia.

João 8:44

Efébios 2:2

Jesus declarou: “Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe aos desejos”. Paulo ensina que éramos “... filhos da desobediência...” Esse é o estado em que se encontra o homem natural, conforme ele já nasce neste mundo. É um filho do diabo, que se mantém em desobediência contra Deus e debaixo de Sua ira. Uma família com um único Pai? Sob hipótese nenhuma! Todos precisamos ser transferidos do reino das trevas para o Reino do querido Filho de Deus. São todos filhos

de Deus? Então ouça: “Mas, a todos quantos o [a Cristo] receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus . . .”

João 1:12

Como é que alguém poderia tornar-se naquilo que já é? Naturalmente, isso é impossível. “Isto é, estes filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa.” “Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em cousas impuras; e eu vos receberei, serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso.” O diabo tem enganado a muitos com a idéia que todas as pessoas são filhos de Deus, e que Deus é o Pai de todos os seres humanos, mas essa idéia não se harmoniza com o ensinamento da Bíblia.

Romanos 9:8

II Coríntios 6:17-18

Para que eu me mostre preciso, exato, permita-me salientar que a expressão *filhos de Deus* é usada na Bíblia de três maneiras diferentes. Em primeiro lugar, quando Deus criou originalmente o homem, este era filho de Deus. Esse é o conceito mais inferior da expressão. (Tal estado desapareceu inteiramente, conforme veremos adiante.) Em segundo lugar, há aquele sentido em que todos os crentes foram adotados como filhos de Deus. “Pois todos vós sois filhos de Deus, mediante a fé em Jesus Cristo.” Somente aqueles que exercem fé em Jesus Cristo é que são filhos de Deus. E, em terceiro lugar, há o sentido restritivo, único, particular, que se refere ao Filho de Deus por excelência, Jesus Cristo, o qual é a eterna Segunda Pessoa da Trindade e desde a eternidade passada tem sido o Filho de Deus.

Gálatas 3:26

Averiguemos o princípio de tudo; vejamos o que realmente aconteceu. Deus criou Adão como filho Seu — perfeito, sem pecado. Adão, porém, não era apenas filho de Deus, pois também era Seu súdito, e vivia diante de Deus sujeito a esses dois relacionamentos. Se quisermos compreender a teologia ensinada pelas Escrituras, importa que entendamos que Adão não era somente *filho*, mas também *súdito*. Ele era membro do Reino de Deus, embora também fizesse parte da família de Deus. Para Adão, Deus era Soberano e Senhor, tanto

quanto era Pai e Amigo. Adão foi submetido a uma prova quanto a ambos esses relacionamentos, isto é, tanto na qualidade de cidadão do Reino quanto na posição de filho do Pai celestial. Se Adão houvesse sido obediente, todos teríamos recebido a cidadania celeste, própria do Reino de Deus, bem como a posição de filhos permanentes na casa do Pai. Ao invés disso, entretanto, Adão pecou contra o favor magistral do Rei e contra os interesses paternais de seu Pai. Com um único ato, Adão pecou em ambos esses sentidos. E o resultado foi a morte espiritual. Ora, isso significa que, como cidadão, Adão tornou-se um fora da lei, e que, como filho, foi banido e deserdado. Portanto, todos os seus filhos (cada um de nós, que neste mundo nascemos) já nascem debaixo da reprimenda de um reto Juiz, bem como sob o cenho cerrado de um Pai benévolo.

Essa é a situação do ser humano. Essa condição foi sucintamente descrita pelo Dr. Robert Webb, que declarou a respeito de Adão e todos os seus filhos naturais, nascidos após o pecado adâmico: "Houve, só podia haver, e teve de ser assim, isto é, apenas um resultado dessa situação — um filho dotado de coração tão perverso tinha de ser expulso. Deus o banuiu. Hoje, o homem não tem direito nem espírito de filho. Ele é legalmente desligado do Pai, por ser moralmente perverso. Não se deixa governar, pois é ingovernável. Tem-se retirado de sob a autoridade do Pai, por haver rejeitado os preceitos do Pai. A gravitação moral, mui natural e logicamente, empurrou-o para onde as ultrajadas sensibilidades do Pai com justiça o condenaram, isto é, para a comunhão com as trevas. A disciplina paterna tratou com ele em consonância com as exigências e desejos de sua própria natureza degenerada. Foi-lhe permitido seguir pelo caminho por ele escolhido; e a miséria desse curso será a justa retribuição contra sua teimosa e impertinente carreira. O homem é um filho de Satanás; portanto, é um 'filho da ira' ”.

Ora, do que precisa agora o homem? Ele precisa de um duplo remédio para a sua condição. O estado exato de um homem decaído é o de um *cidadão proscrito* e o

de um *filho deserdado*. Isso significa que ele precisa ser restaurado à sua cidadania legal dentro do Reino de Deus, que é necessário recuperá-lo para o seio e ao lar de seu Pai. Ora, isso constitui o problema do homem. E qual é a solução? Essa dupla solução é claramente descrita na Bíblia. Por um lado, o problema de cidadania do homem é abordado pela doutrina da justificação. Quando da justificação, a lei de Deus, transgredida pelo homem, aparece cumprida por Cristo; e a pena imposta por essa mesma lei ressalta como pena paga por Ele. O pecador é então revestido da justiça de Cristo e restaurado ao reino de Deus. A sua filiação é tratada dentro da doutrina da adoção, mediante a qual ele é adotado na família de Deus, sendo restaurado à sua original família celeste.

Quando examinamos mais detidamente essa doutrina da adoção, observamos que ela tem alguma relação com a doutrina da justificação. Também notamos que ela tem certa ligação com a doutrina da regeneração, porquanto o problema da adoção é duplo. Não somente o filho precisa ser restaurado à sua posição filial, mas também é necessário que lhe seja devolvida uma atitude tipicamente filial. É preciso que o indivíduo receba a natureza filial, a natureza própria de uma criança, porquanto o homem natural é dotado de uma atitude de desprezo para com seus pais. Trata-se da mesma atitude do adolescente que diz para os seus pais: "Eu odeio vocês. Nunca mais quero vê-los. Eu não poderia desprezar mais a vocês, por aquilo que vocês têm feito por mim". Entretanto, quando uma pessoa com tal atitude é regenerada, mediante a fé em Cristo, recebe um novo coração e uma nova natureza, sendo-lhe também devolvidos os direitos e privilégios próprios da família de Deus. Ora, é isso que acontece quando da nossa adoção.

Examinemos cuidadosamente a teologia da paternidade de Deus e da fraternidade de todos os homens. Quero reiterar que esse é um conceito religioso inteiramente estranho à religião histórica de Cristo. É a religião do paternalismo. Penso que é ponto interessante que o universalismo haja surgido em nosso século

XX, no qual temos visto o aparecimento das mesmas idéias no âmbito do governo. Os povos desejam um governo paternalista, segundo a qual imaginem que Deus é, naturalmente, o Pai de todos. Tais pessoas costumam afirmar que Deus criou os homens porquanto sentia-se sozinho. Não percebem as tais que Deus é Pessoa absolutamente perfeita; as três Pessoas do Deus Triúno jamais se sentiram sozinhas umas com as outras. Deus não criou o homem porque se sentia solitário; mas criou-o tendo em mira a Sua própria glória. Tais indivíduos também não percebem a diferença entre o governo divino e a disciplina divina; entre o governo de um Soberano e o governo de um Pai.

Ora, quais são essas diferenças? Elas podem ser vistas de muitas maneiras. Por exemplo, o governante de um estado soberano exerce justiça e pune os cidadãos rebeldes, transgressores da lei. Mas um pai age fundamentado no amor e castigo, ao invés de punir seus filhos.

É apreciável a distinção entre a punição e o castigo. A punição é retrospectiva — olha para trás, para a lei transgredida, e não tem por finalidade aprimorar o criminoso. Antes, é aplicada porque a legislação requer tal punição. Mas o castigo é prospectivo — olha para o futuro. Não é aplicado por motivo de alguma lei desobedecida, mas devido à intromissão de uma falta. Sua finalidade é tornar melhor a criança. Uma cadeira elétrica nunca melhorou quem quer que fosse. Talvez aprimore a sociedade como um todo, visto que uma das razões da justiça é proteger a sociedade; mas a razão do castigo é melhorar a criança.

Outrossim, os universalistas negam a necessidade da expiação, reduzindo a Bíblia à história do filho pródigo, onde o pai abraça o filho sem qualquer expiação ou pagamento prévio por seus pecados. Todavia, você há de compreender que essa é a natureza da disciplina paterna, tudo quanto um pai requer é o arrependimento e as evidências do desejo de agir melhor no futuro. Os universalistas, pois, supõem que o caminho da salvação é assim simples. Acreditam que se

uma pessoa meramente arrepende-se e evidenciar que agirá melhor no futuro, tudo lhe irá bem.

Isso equivale a acreditar que um assassino, sob a sentença de prisão perpétua, possa, após dois dias no cárcere, pôr-se a bater nas grades e dizer ao guarda: "Guarda, meu coração mudou. Você ficará feliz em saber que lamento por tudo quanto pratiquei. Tenho concluído que eu não deveria ter morto todas aquelas pessoas. Simplesmente não era a coisa certa a ser feita. Por favor, diga ao carcereiro que abra a porta da cela e me deixe sair, porque nunca mais farei aquelas coisas". Sim, há uma diferença imensa entre a disciplina paterna, a prática da justiça e a pena imposta pela lei!

Os universalistas, pois, não entendem que Deus não somente faz um homem tornar-se um novo membro do Seu Reino, mas também adota-o como membro de Sua família. Ambos esses aspectos podem ser notados naquilo que Jesus Cristo veio realizar, pois Ele não veio somente como Servo, mas também como Filho. Na qualidade de Servo sofredor, Jesus sujeitou-se ao Rei, tendo-se tornado obediente a Deus Pai em tudo. Jesus pagou nossa pena na qualidade de Servo, e assim Deus O restaurou à Sua cidadania legal no reino. Mas Jesus é, igualmente, o próprio Filho de Deus, porquanto foi necessário ao Filho prestar obediência filial a fim de restaurar os filhos desobedientes à relação filial. E foi assim que Cristo, como Servo sofredor e como Filho sofredor, veio e proveu para nós não apenas a nossa justificação e restauração ao reino de Deus, mas também a nossa adoção e retorno à própria família de Deus. Nisso, pois, consiste a grande doutrina bíblica da adoção.

Somos trazidos para a família de Deus, recebemos o Seu nome, e nos tornamos herdeiros mediante um ato da graça divina. Também temos a promessa de que o Seu Espírito tem sido colocado dentro de nós; assim, Ele se compadece de nós como Pai, provê para todas as nossas necessidades, vigia a cada um de nós, defende-nos de todo inimigo, e haverá um dia de transportar-nos para aquela mansão na glória que Ele tem preparada para

nós. Quão maravilhoso é tudo isso, pois, através do Espírito de Adoção, podemos contemplar Deus face a face, ao qual muitos temem, e dizer-Lhe: "Aba, Pai".

De certa feita salientei, diante de um *Testemunha de Jeová* que a *Nova Tradução Mundial*, por eles publicada, é incorreta. Essa tradução inclui, no Novo Testamento, vintenas de vezes, a palavra *Jeová*, a qual nem uma única vez faz parte do Novo Testamento Grego. Mas essa pessoa respondeu perguntando de mim: "Por que Deus não usaria o Seu nome no Novo Testamento?" Não posso responder em lugar de Deus. Entretanto, embora não possa dizer com certeza a razão pela qual Ele assim não fez, pelo menos posso afirmar com certeza que Ele *não* o fez. Porém, tenho uma idéia a respeito de qual poderia ter sido a razão divina. Deixe-me explicar através da seguinte ilustração. Quando nossa filha, Jennifer, era pequena, com cerca de cinco anos de idade, passou por um período em que começou a chamar sua mãe e a mim pelos nossos primeiros nomes: Ana e Jim (porquanto ouvia outras pessoas fazerem o mesmo). Após algumas semanas desse tratamento, um dia eu a sentei sobre meus joelhos, e lhe disse: "Jennifer, querida, há milhares de pessoas neste mundo que podem chamar-me de Jim; mas não há outra pessoa na terra que me possa chamar de 'papai', excetuando você. Portanto, para você, Jennifer, o meu nome é 'Papai' ".

Por semelhante modo, Deus revelou o Seu nome no Antigo Testamento como Jeová — Aquele que vive para sempre. No Novo Testamento, entretanto, quando recebemos o espírito de adoção e somos postos naquela íntima relação de filhos de Deus, podemos contemplar o rosto de nosso Pai celeste e dizer, "Aba", o que é a forma diminutiva da palavra aramaica que significa pai, e que, essencialmente, tem o sentido de "papai".

Você é filho de Deus? Já chegou ao ponto de receber a Jesus Cristo como Salvador? Pode você afirmar: "Sou filho do Rei"?

Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome.

11 CERTEZA DE SALVAÇÃO

Estas cousas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus.

1 João 5:13

Não faz muito tempo, um repórter de rádio dirigiu uma enquete em uma estação ferroviária. Indagou de cerca de vinte e cinco ou trinta pessoas se elas sabiam com certeza que estavam indo para o céu. E o resultado foi interessante — um “não” unânime. Realmente, algumas daquelas pessoas mostraram-se indignadas e replicaram: “Ninguém pode ter certeza de uma coisa dessas!”

Contrastemos essa resposta com a declaração do grande cientista, Miguel Faraday, descobridor do magnetismo, o qual, em seu leito de morte, foi interrogado como segue: “Quais especulações tem o senhor a respeito da vida após a morte?”

“Especulações?!” replicou ele, atônito. “Ora, eu não tenho especulações! Antes, estou firmado em certezas! Sei em quem tenho crido, e estou certo de que Ele é poderoso para guardar aquilo que Lhe entreguei, até àquele dia.”

II Timóteo 1:12

Essa certeza de ir para o céu não é possessão somente dos grandes e dos sábios deste mundo, mas também dos pobres e humildes. Uma idosa mulher escocesa, cujo momento de morrer se aproximava, foi visitada por seu pastor. E este indagou dela: “Suponhamos que quando você morrer Deus permita que você pereça! E então?”

“Bem”, respondeu ela, “isso depende dEle. Deus faz

João 11:26

o que quer. Porém, se Ele permitir que eu pereça, perderá muito mais do que eu; pois, embora eu perca a minha alma, Ele perderá a Sua honra, porque me prometeu, em Sua Palavra que 'todo o que crê em mim, não morrerá, eternamente' ”.

Um idoso pescador, que vivia à beira-mar, quando um amigo dele indagou se ainda cria que iria para o céu, por sua vez perguntou: “Olhe pela janela. As sete pedras grandes ainda estão no seu lugar?”

“Sim”, retrucou o seu amigo.

“E o antigo penhasco, continua lá?”

“Sim”, veio a resposta.

“Pois bem”, completou o pescador, “os montes desaparecerão e as colinas serão niveladas, mas a Minha Palavra ficará para sempre”.

I Pedro 1:25

A Bíblia deixa bem claro que podemos saber o que sucederá conosco, na eternidade. Mas por que será que a tantas pessoas, em nossos dias, dentro e fora da Igreja, falta a certeza que estão a caminho do céu? É porque elas *não estão* a caminho do céu! De fato, seria deveras estranho que Deus injetasse no coração de uma pessoa a certeza de que ela está indo para o céu quando, na realidade, ela está se precipitando no inferno.

Isso ficou comprovado em uma enquête, efetuada por um repórter de rádio, que indagava das pessoas no que elas alicerçavam a sua esperança de ir para o céu. Sem nenhuma exceção, elas responderam: “Eu mesmo, os meus esforços, as minhas tentativas, a minha frequência à igreja, a minha bondade, o meu caráter, a minha moralidade, a minha observância dos mandamentos”. Não admira, pois, que nem tivessem a certeza e nem ao menos soubessem se estavam indo ou não para o céu, porquanto as respostas que deram àquela pergunta são a antítese mesma do cristianismo bíblico. Todo aquele que está indo para o céu *sabe* disso. Você está indo para o céu?

Semanas atrás, recebi de uma jovem senhora uma chamada telefônica. Ela estava profundamente perplexa. Vinha freqüentando uma igreja cujo ministro modernista estava muito bem informado acerca dos acon-

tecimentos correntes, mas que evidentemente estava muito mal informado a respeito das eternas verdades da Palavra de Deus. Ele a deixara totalmente confusa, ao ponto dela não saber mais para onde estava indo, ou por quê. Ele lhe havia dito que ninguém pode saber se está indo mesmo para o céu, e que era impossível alguém passar por uma conversão súbita, instantânea. “A salvação”, declarou ele, “é um longo processo, e não algo que se possa receber da noite para o dia”.

“E que tipo de igreja é esta igreja?” perguntei dela.

“É uma igreja protestante”, replicou ela.

Então rematei: “Bem, recomendo que esse ministro torne a examinar os fundamentos do protestantismo em suas raízes históricas”.

Sugeri que ele pesquisasse a vida de Martinho Lutero, o qual lutou durante anos para merecer sua salvação. Finalmente, estando a subir de joelhos os degraus da *sancta scala* (escada sagrada) da cidade de Roma, ao mesmo tempo que ia recitando entre dentes a sua reza, subitamente rebrilharam-lhe na memória as palavras da Bíblia: “O justo viverá por fé”. Somos justificados pela fé, e não por nossas vãs boas obras! Com a certeza da vida eterna transbordando de seu coração, Lutero deu início à Reforma Protestante.

Romanos 1:17

Consideremos sobre João Calvino, o fundador dos ramos presbiteriano e reformado do mundo protestante. Calvino relatou sua conversão por meio de uma única sentença: “**Subitamente Deus converteu-me a Ele mesmo**”.

João Wesley, fundador da Igreja Metodista, deixou escrito no seu diário: “Eram nove horas menos um quarto quando, pela primeira vez em minha vida, eu sabia que estava confiando somente em Jesus Cristo para a minha salvação. Senti o coração estranhamente aquecido, e *compreendi* que Ele me havia libertado do pecado e da morte, e que me dera a vida eterna”. Wesley não falou sobre o ano, o mês, a semana, o dia ou a hora — mas falou sobre o *minuto*! Era um quarto para as nove! Ele soube de tudo em um momento!

Então esclareci àquela jovem senhora que as nega-

tivas do ministro de sua igreja não envolviam apenas questões periféricas, mas feriam o próprio coração do evangelho. Tais negativas pervertem a fé cristã.

A Bíblia ensina que a vida eterna é um dom gratuito da parte de Deus. Trata-se de algo que não merecemos, pela qual não podemos trabalhar, pelo que não podemos nos esforçar, porquanto é uma dádiva desmerecida. É uma dádiva que foi inteiramente paga por Cristo, sendo agora oferecida através de Sua graça gratuita. Além disso, quanto tempo é necessário para que alguém obtenha essa dádiva? Basta-nos estender a mão e apanhá-la. “Veio Jesus para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quanto o receberam, *deu*-lhes o poder de *serem feitos* filhos de Deus . . .” A vida eterna é um presente que pode ser recebido em um único instante.

João 1:11-12

Você recebeu algum presente no Natal passado? Foram necessários vinte anos para que você obtivesse esse presente? Você sabe se está ou não na posse desse presente? Outro tanto sucede no que concerne à vida eterna! Esse é o maior presente de Natal que Deus jamais deu ao mundo. “. . . o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor”.

Romanos 6:23

A essência do protestantismo declara: O céu é gratuito, e, por isso mesmo, podemos saber que o temos. A fé protestante não conserva os homens presos ao medo do que lhes sucederá ao morrerem. Isso faz parte da essência do romanismo. O Concílio de Trento, da Igreja Católica Romana, determinou: “Que aquele que diz que sabe que tem a vida eterna seja anátema”. Porém, a Palavra de Deus afirma: “Estas cousas vos escrevi a fim de *saberdes* que tendes a vida eterna . . .” A Bíblia não somente diz que *podemos* saber que temos a vida eterna, como também *ordena* que o saibamos. “. . . procurai, com diligência cada vez maior, *confirmar* a vossa vocação e eleição . . .” Isso não é um conselho, é um mandamento. A cada dia em que você deixa de fazer isso, está pecando contra Deus, por estar desobedecendo a um de Seus mandamentos. “. . . procurai . . . *confirmar* a vossa vocação e eleição . . .” “Estas cousas

I João 5:13

II Pedro 1:10

II Pedro 1:10

vos escrevi a fim de *saberdes* . . .” “Nós *sabemos* que já passamos da morte para a vida . . .”

1 João 5:13

1 João 3:14

Não, a Bíblia não trata de pontos de interrogação. A fé expressa nas Escrituras pode ser melhor comparada a um notável ponto de exclamação! “Porque eu sei que o meu Redentor vive.” “. . . sei em quem tenho crido, e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia.” Em tal certeza há um regozijo como nenhuma outra coisa nos é capaz de infundir, pois essa certeza é a fonte da alegria do crente. É esse tipo de alegria em nossas almas que revigora os nossos passos e nos faz entoar hinos de louvor, enquanto caminhamos pelas ruas.

Jó 19:25

II Timóteo 1:12

Foi essa a alegria que levou a cega Fanny Crosby a escrever: “Bendita certeza, Jesus é meu, oh, que antegozo da glória divina!” Não admira que muitas pessoas não gostem de sorrir ao ouvir esse hino. Estão espiritualmente cegos para a grande verdade que o hino encerra. É o paganismo que lhes repleta o coração de trevas, dúvidas e temores, quando a morte se aproxima. Mas o cristianismo é uma religião que nos infunde certeza, fé, confiança, alegria. A razão pela qual um verdadeiro cristão se regozija é porque sabe que está a caminho do céu. O apóstolo Paulo recomendou: “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, alegrai-vos”.

Filipenses 4:4

Charles Spurgeon relata que, quando era um jovem em Londres, com o coração carregado de pecado, anelava por Deus. Por cinco anos ele vagueava de um lugar para outro, procurando alguém que lhe pudesse dizer uma palavra que lhe infundisse segurança. E afirmou que não temia tanto a ira de Deus quanto temia o pecado, devido àquilo que o pecado é. E igualmente asseverou: “Se algum pregador me tivesse dito que desnudasse as costas e me vergastasse com cinqüenta chicotadas, pois isso me faria ganhar a vida eterna, no instante seguinte eu teria rasgado a camisa e teria dito: ‘Mostre-se severo comigo. Não poupe a vara, se isso puder trazer paz à minha alma perturbada’. E se me tivessem recomendado que corresse descalço cem quilômetros, teria começado tal corrida imediatamente,

contanto que isso pudesse conquistar para mim a vida eterna. Porém, confiar em Cristo, meramente descansando em Sua obra terminada, através da fé apegar-me a Ele, sem rival, sem fazer outra coisa além de crer e receber, isso era algo que eu não sabia fazer de modo algum”.

E então, um dia, quando ele estava com dezesseis anos e meio, ainda preso ao pecado, Spurgeon entrou por acaso em um pequeno templo evangélico. Estavam presentes apenas doze ou quinze pessoas. O ministro regular estava ausente, e um leigo de pouca educação, analfabeto, levantou-se para falar. Escolheu como texto estas palavras: “Olhai para mim, e sede salvos, vós, todos os termos da terra...” O leigo começou a falar, usando a linguagem mais simples possível: “Não é preciso levantar a mão, e nem mexer o pé; coisa alguma precisa ser feita. Basta um olhar, porque há vida para quem queira olhar para o Cristo crucificado. No caso de muitos, o problema é que olham para si mesmos. Enquanto você estiver olhando para o seu próprio interior, nunca encontrará o segredo da salvação. ‘Olhai para mim’, é o convite de Cristo. Não para Deus Pai — isso virá mais tarde; nem para o Espírito Santo — mas olhai para Jesus Cristo, o qual veio da glória eterna para morrer por nossos pecados”.

Subitamente o leigo parou, olhou para baixo e viu o jovem Charles Spurgeon. Apontando-lhe um dedo, disse: “Jovem, você está se sentindo miserável e terá de sentir-se um miserável para sempre, a menos que obedeça ao meu texto: Olhai para Cristo”.

Anos mais tarde, testificou Spurgeon: “Naquele momento a minha alma foi invadida pela realidade da graça de Deus. Olhei para a cruz de Jesus Cristo, e ali contemplei Suas mãos traspassadas por meus pecados; vi-O suportando a carga de minha culpa nas Suas costas; vi que a ira de Deus, que eu merecia, caíra sobre Ele. De repente, percebi que tudo *estava consumado*! Tudo já fora feito, o pagamento estava terminado, tudo fora completado, e eu sabia que recebera a vida eterna. Grande alegria invadiu-me a alma. Eu poderia ter

dançado por todo o caminho de volta para casa. Não pude evitar de contar a outrem acerca de Jesus, o bendito Jesus a quem eu encontrara e que me havia encontrado”.

Você desfruta dessa bendita bem-aventurança? Essa é a fonte de onde manam todos os motivos cristãos para uma vida santa. A menos que você saiba que tem a vida eterna, tudo quanto você jamais tiver feito para Cristo terá sido apenas pecado. Repito: a menos que você saiba com certeza que possui a vida eterna, tudo quanto jamais tiver feito para Jesus Cristo terá sido pecaminoso — porquanto o seu *motivo* estava errado! Se você não sabe que *tem* a vida eterna, então tudo quanto você estiver fazendo serão esforços para *obter* a vida eterna, e desse modo o seu motivo terá sido a vantagem própria e a cobiça. Mas Deus, em Sua misericórdia, desceu, encarnado em Cristo, morreu na cruz e pagou pelos nossos pecados, adquirindo para nós a vida eterna; e, impelido por Sua graça, agora oferece-a gratuitamente a nós como um dom, um presente. A fé consiste apenas na mão de um esmoleiro que se estende para receber a dádiva oferecida por um Rei. Portanto, o motivo do crente em viver a vida cristã não é alguma vantagem pessoal, mas a *gratidão* pelo dom da vida eterna. Deus começa dando-nos tudo!

Você já recebeu a vida eterna? Ou, para você, a morte continua acenando com uma incerteza — um pulo para dentro das mais espessas trevas? Nesse caso, asseguro-lhe que será precisamente isso: as trevas exteriores, totais, onde haverá choro e ranger de dentes. Entretanto, você *pode saber*. Tal dúvida pode ser mudada para a certeza, num cântico que o encherá de alegria e paz. Você quer receber o dom que o Senhor lhe oferece? Você quer aceitar sem distorções o que Ele diz em Sua palavra? “. . . Aquele que não dá crédito a Deus, o

1 João 5:10-12

faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca do seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida . . .” Você crê nisso? Você já recebeu a vida eterna? Você já convidou o Filho de Deus para vir à sua vida como Salvador, Mestre e Senhor? “Aquele que crê no

Romanos 8:16

Filho de Deus tem em si o testemunho." "O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus."

Agora, se você realmente fez isso então poderá entoar com sentimento verdadeiro: "Bendita certeza, Jesus é meu, oh, que antegozo da glória divina!" Amém.

12 AS BOAS OBRAS

Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.

Efésios 2:8-10

Neste capítulo, quero discutir o lugar das boas obras dentro do esquema da teologia cristã. O homem é redimido pelas suas próprias obras? É exigido de nós que pratiquemos boas obras, e podem elas ser-nos realmente atribuídas?

Sendo crentes em Cristo, fomos santificados ou separados para as boas obras. Com base nisso, vemos que a santificação consiste, essencialmente, na mortificação do velho homem e na criação do novo homem. Quando discutimos sobre o processo da santificação, que produz boas obras, temos de lembrar que a santificação é a operação do Deus Espírito Santo em nós. A santificação é a criação de uma nova natureza, de um novo coração, de uma disposição santa. As camadas profundas de nosso caráter, de nossas almas, sofrem modificações, e a santificação é em nós implantada. As boas obras, por outra parte, são realizações nossas. “Fiel é a palavra, e quero que, no tocante a estas cousas, faças afirmação, confiadamente, para que os que têm crido em Deus sejam solícitos na prática de boas obras.”

II Timóteo 2:21

Tito 3:8

Se a obra de Cristo tem um aspecto vicário, a operação do Espírito Santo não tem tal caráter. Jesus fez algo por nós, em nosso lugar, como nosso substituto. Ele

morreu em nosso lugar, no Calvário. A expectativa de nossa salvação alicerça-se sobre a obra vicária de Jesus Cristo em nosso favor. A obra do Espírito Santo não é assim. Ele não faz algo em nosso favor; antes, Ele opera diretamente em nós. O que Ele realiza nunca pode ser considerado propriamente nosso. Ele cria algo em nós, e então impele-nos para que realizemos algo, em reação a isso. Esse algo é exatamente aquilo que chamamos de *boas obras*. A santificação é algo que nos é conferido. As boas obras são extraídas de nós.

Ora, que é uma *boa obra*? Três são os requisitos relativos a qualquer ato para que seja considerado uma boa obra, no sentido bíblico. O primeiro e mais óbvio requisito é uma coisa que muitas pessoas parecem incapazes de apreender. Qual é a coisa básica, requerida em uma ação, para que ela seja boa? Tenho feito essa indagação a dúzias de pessoas, inclusive em classes de anciãos e diáconos que tenho ensinado. Tenho recebido toda espécie de resposta, mas aquela que é a mais simples e óbvia sempre escapa deles. A primeira exigência para que uma ação mereça o título de boa obra é que tenha sido ordenada por Deus, isto é, que esteja em consonância com a legislação divina. Não importa quão santas ou zelosas sejam as nossas inclinações, quando decidimos fazer algo em favor de Deus, o fato é que nenhum ato será agradável a Deus se Ele não o ordenou. Deus ainda fala: “Quem ordenou que você fizesse essas coisas?”

Atos 5:38

Através dos séculos, as religiões têm ordenado aos homens que façam toda sorte de obras humanas, criadas por elas mesmas, na suposição que são agradáveis a Deus. Porém, a única maneira de agradarmos a Deus é obedecendo-Lhe.

Os filósofos têm traçado esquemas a fim de determinar o que é bom. A famosa definição de John Stuart Mill é: “Aquilo que faz o maior bem para o maior número de pessoas”. Isso se chama “utilitarismo”, mas nem sempre funciona. Hitler foi um utilitarista. Outrossim, com frequência é totalmente impossível determinar-se o que fará o maior bem para o maior número de

peçoas. Os comunistas estão certos de que estão fazendo o maior bem ao maior número possível de peçoas, quando matam milhões de indivíduos para abrir caminho para novos avanços do comunismo.

Alguns dizem: Boa é a coisa que me traz o maior prazer. Outros têm dito que bom é aquilo que oferece vantagem, e, se tem aparência de ser vantajoso é bom. Há outros que afirmam que bom é aquilo que aprenderam de seus avós. É espantoso quantos padrões éticos são transmitidos desde vovô e vovó, papai e mamãe, ou mesmo tia Susana. “É conforme o meu idoso avô costumava dizer . . . É nisso que acredito e é isso que faço.” Não lhes importa que a Palavra de Deus contradiga tais opiniões: vovô agia assim, e é assim que terá de ser! Ora, isso transforma um antepassado nosso em um deus. Todas as opiniões humanas, entretanto, precisam ser sujeitadas à confrontação minuciosa com a Palavra de Deus. Somente Deus, o absoluto Criador e Legislador deste mundo, pode determinar o que é bom.

Isso posto, podemos começar afirmando que o homem bom é o homem obediente a Deus. As peçoas ocasionalmente dizem de outrem: “Oh, ele era um homem tão bom. É verdade que ele não freqüentava a igreja, nem lia a Bíblia e nem orava. Ele não fazia isto ou aquilo . . . mas era um homem bom”. Isso não é verdade. Se alguém é desobediente, segundo a definição bíblica sobre aquilo que é bom, tal indivíduo não pode ser bom. O homem bom, antes de tudo, é o homem obediente — obediente à vontade de Deus. E a santa lei de Deus é a transcrição divina da imutável e eterna vontade do Senhor. Outrossim, o homem bom obedece por amor a Deus. Jesus disse: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos”.

João 14:15

O primeiro aspecto de uma boa obra, pois, é que se trata de algo que Deus ordenou que fizéssemos. Não se preocupe, pois as diretrizes são amplas, porquanto a lei do Senhor, que começa no tronco básico da vontade divina, divide-se nos dez ramos dos Dez Mandamentos, e subdivide-se em milhares de raminhos e de folhas, cobrindo todos os aspectos da conduta humana. Deus

asseverou claramente, em Sua Palavra, o que Ele quer que façamos. Nunca terminaremos de fazer nesta vida aquilo que Ele nos ordenou, e muito menos precisaremos inventar algo que Ele nunca nos disse para fazer.

Admira-me o número de pessoas que supõem que o crente nada tem a ver com a lei de Deus. Esse ensino antinomiano (contrário à lei) se tem apegado à Igreja, durante séculos, como um câncer, mas é idéia totalmente contrária à Palavra de Deus. Jesus Cristo cumpriu a lei como um pacto de obras e recebeu em Si mesmo a penalidade imposta pela lei quebrada, mas a lei de Deus continua sendo a única transcrição da imutável vontade de Deus. “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama . . .”

João 14:21

O segundo requisito para que uma ação seja considerada boa é que proceda de um coração purificado pela fé. Qualquer ação hipoteticamente considerada por si mesma (por exemplo, doar cem mil cruzeiros aos pobres), é uma coisa; mas considerada em relação ao motivo, ao objetivo ou à finalidade daquele que assim age, é outra coisa. Assim sendo, averiguamos que é possível uma pessoa fazer dezenas de milhares de coisas que Deus nos ordenou fazer, sem que, realmente, tenha praticado alguma boa obra — porquanto uma boa obra deve proceder de um coração purificado pela fé. Jesus deixou isso explícito, ao declarar: “Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons”. É simplesmente impossível que o coração humano, no estado natural, pecaminoso e depravado que lhe é próprio, venha a produzir qualquer coisa que, aos olhos de Deus possa ser dita por boa.

Mateus 7:18

O coração humano precisa ser purificado pela fé, porquanto “. . . sem fé é impossível agradar a Deus . . .” A fé é aquela atitude do espírito que se vale da graça justificadora e santificadora de Deus. A fé traz o Espírito Santo ao coração do homem, a fim de que Ele nos limpe, lave e purifique, injetando em nós santas inclinações e disposições, pois só assim faremos coisas que, realmente são agradáveis a um Deus santo. Sem a purificação da fonte, desde o seu manancial, ela nunca poderá

Hebreus 11:6

produzir água pura. Uma fonte amargosa não pode produzir água pura, da mesma maneira que uma árvore corrompida não pode dar bons frutos. Que significa isso? Significa que o indivíduo não-regenerado (um ser humano conforme nasce neste mundo, antes de receber o Senhor Jesus como seu Salvador e antes do Espírito Santo ter criado nele um estado de santidade) só pode produzir maus frutos, enquanto Deus não lhe transformar o coração.

Por conseguinte, a razão pela qual o homem não regenerado não pode chegar ao céu por suas boas obras não é porque não as tenha em número *suficiente*, e, sim, porque não tem *nenhuma*! "... e tudo o que não provém de fé é pecado."

A Bíblia ensina que "Olhar altivo, coração orgulhoso e até a lavoura dos ímpios é pecado". Consideremos essa devastadora afirmação! Ela significa que o fazendeiro descrente que acorda antes de nascer o sol e faz os seus deveres, trabalhando no campo enquanto o sol escaldante se projeta sobre suas costas suadas está pecando à vista de Deus porque mesmo que Deus tenha mandado que o homem trabalhe com as suas próprias mãos para ganhar o pão diário, seu motivo em trabalhar não procede de um coração que tenha sido purificado, limpadado e feito santo. Por isso o seu trabalho é pecado.

Idêntica situação poderia ser aplicada aos piratas que por muito tempo infestaram as costas marítimas brasileiras. Se procurássemos sondar as atividades deles, veríamos que praticavam muitas coisas recomendáveis aos olhos dos homens. Talvez eles se mostrassem gentis com suas esposas, e cuidavam dos filhos. Talvez até se mostrassem generosos para com os esquecidos da sorte, e trabalhavam diligentemente em suas embarcações. Alguns deles trabalhavam arduamente e plantavam e colhiam. Não obstante, cada semente que plantavam, cada espiga de milho que colhiam, tão-somente faziam parte do esforço para obterem mais alimentos, para ganharem mais forças, para darem prosseguimento à sua rebeldia voluntariosa contra o governo então constituído! Por essa razão, eram culpados, e o governo

Romanos 14:23

Provérbios 21:4

só podia ordenar-lhes que se rendessem.

Assim sendo, a lavoura dos perversos consiste em esforços para obterem mais alimentos, para ganharem mais forças, para continuarem em sua rebeldia voluntariosa contra a legítima e soberana autoridade de Jesus Cristo. Existem até mesmo membros de igreja que trabalham ou estudam com diligência; sem embargo, visto que estão obtendo mais energias para prosseguirem em sua rebeldia contra o Deus Todo-poderoso, o qual ordena-nos que deponhamos as armas e nos rendamos a Ele, tudo quanto fazem é pecado. Uma boa obra deve proceder de um coração purificado — de um coração limpo mediante a fé, de mistura com o autêntico amor a Deus.

Ora, uma boa obra não somente precisa ser algo que foi determinado por Deus em Sua Palavra, não somente precisa ser algo que proceda de um coração purificado pela fé, mas também precisa ser algo realizado com a finalidade correta em mira. Esse é o terceiro e último aspecto que se faz necessário a fim de que tenhamos verdadeiras boas obras.

Em um pique-nique dos “homens da igreja”, um dos presentes trouxe um magnífico conjunto de arco e flechas. Nunca vi algo semelhante; não, porém, porque tal esporte me fosse totalmente estranho, já que no passado eu muito o apreciara. (Antes de casar-me, comprei à então minha futura esposa aquilo que muitas jovens muito desejariam — dois conjuntos de arco e flecha! Você acha que meu motivo era certo?) Aquele conjunto de arco e flechas era admiravelmente bem feito — forte, com flechas bem retas e polidas. Porém, sem importar quão magnífico fosse o arco, quão longe pudesse atirar as flechas, ou de quão perfeitas fossem as flechas, de nada elas valeriam se não fossem atiradas com certa pontaria.

Você está percebendo o ponto crucial da questão? Não faz a mínima diferença quão bela seja, por si mesma, uma ação qualquer. Não faz diferença quão altamente polida, quão magnífica e extraordinária seja uma obra, e nem quanto esforço e energia sejam

dispendidos nela, se a sua direção não for certa ela de nada valerá e tal obra não será tida por boa; pelo contrário, será apenas um pecado.

Suponhamos que, enquanto estivesse admirando o conjunto de arco e flecha, eu o tivesse apanhado e, acidentalmente, tivesse atirado uma flecha no coração de um de meus amigos presentes. Nesse caso, aquele belo aparelho tornar-se-ia um objeto de horror — um instrumento mortífero! A menos que as nossas obras tenham por objetivo e direção a glória de Deus, não poderão ser consideradas boas!

Qual é a principal finalidade do homem? Qual é o propósito da existência humana? Por qual motivo estamos aqui? Que se espera que façamos? Qual é a principal função de um abridor de latas? É abrir lata! Já tivemos um abridor de latas que parecia muito atrativo. Tinha um intrincado jogo de peças, que girava ao redor da beira de uma lata, sem abri-la, porém! Você quer saber o que acabou acontecendo ao abridor? Acabou na lata de lixo! É precisamente isso que Deus diz que sucederá conosco. Fomos criados por Deus para a glória dEle; mas, caso nos tornemos inúteis e não cumpramos a função para a qual fomos criados, então terminaremos naquilo que Deus chama de Geena de fogo — o monturo de Jerusalém. Iremos para o fogo eterno.

Mateus 3:10

A principal finalidade do homem é glorificar a Deus e desfrutar dEle para sempre. “. . . na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra delícias perpetuamente.” Cumpre-nos usufruir de Deus e glorificá-Lo. Por semelhante modo, a finalidade de todas as nossas ações é a glória de Deus. A finalidade consciente, refletida, proposital e dirigida das nossas ações deve ser sempre a de glorificar ao Senhor, e qualquer ação que fique aquém desse alvo glorificador não pode ser uma boa obra, pois é pecaminosa. Abraham Kuyper declarou que a intenção, a direção e o alvo do coração é *tudo*, quanto àquilo que fazemos. O escopo e o alvo de todas as coisas, portanto, deve ser, exclusivamente, o Senhor Deus. Fomos criados para Lhe servirmos de glória, e tudo quanto fazemos, sem importar qual seja o alvo

Salmos 16:11

mais próximo, o nosso alvo final deve ser glorificar a Deus.

Muito falam os homens em abnegação, mas o verdadeiro conceito bíblico da abnegação consiste em negarmos completamente a nós mesmos, não somente no que concerne aos homens, mas também no que concerne a Deus; consiste em deixarmos de atribuir a nós mesmos as nossas boas obras; consiste em deixarmos de buscar o louvor dos homens. Jesus condenou certos indivíduos, dizendo: “. . . amaram mais a glória dos homens, do que a glória de Deus”.

João 12:43

Certa ocasião, um jovem disse-me que nada percebia de errado numa pessoa buscar cumprir o seu alvo na vida, procurar obter sucesso, fazer para si mesma um nome, tornando-se famosa e rica. Mas Deus ensina que a essência do pecado consiste nisto: pôr-se o homem no lugar de Deus, tendo por escopo glorificar a si mesmo o seu próprio ego. Satanás disse: “Elevar-me-ei até tomar o lugar ocupado por Deus”.

Abraham Kuyper ilustrou isso dizendo que em cada embarcação há um pequeno objeto, que não vemos, mas que controla o destino do barco — o leme. Não importa quão magnífico seja o cordame, quão bem feitas as velas enfundadas, quão rica e preciosa a carga, ou quão bem formado o casco, se o leme não dirigir o barco ao seu destino, terminará naufragando nos escolhos do desastre.

Outro tanto acontece às nossas boas obras. Abaixo das ondas de nossas vidas, invisível aos olhos humanos, há um leme que dirige tudo quanto fazemos. Esse leme dirige nossas ações para que visem à glória de Deus, ou fá-las voltar para a nossa glória pessoal. Ou temos por finalidade a glória e a magnificência de Deus, ou temos por finalidade o nosso próprio avanço e o louvor da parte dos nossos semelhantes. Não interessa quão belamente arquitetadas e quão magnificantes sejam as nossas boas obras na vida, ou quão preciosa a carga de aparentes boas obras que carreguemos em nossa experiência, o que faz toda a diferença é o leme.

O grande lema da Reforma Protestante era *Soli deo*

glória — somente para a glória de Deus. Compete-nos conquistar homens para Jesus Cristo, não meramente a fim de que sejam salvos ou a fim de sermos obedientes à ordem divina acerca do evangelismo; antes, para que transpareça a glória da majestosa misericórdia de Deus. Somente então é que estaremos praticando boas obras.

Faço novamente a pergunta: Você tem boas obras? Quanta insensatez demonstra o homem não-regenerado quando acredita que pode adquirir a vida eterna e merecer a entrada no céu através de suas boas obras? Porventura podemos ser salvos por essas boas obras? É evidente que não, pois enquanto não somos salvos, não possuímos qualquer obra boa. Fomos "... criados em Cristo Jesus para boas obras..." A salvação vem "... não de obras, para que ninguém se glorie". Tudo se assemelha à questão do cavalo e da carroça. "... ninguém será justificado diante dele [de Deus] pelas obras da lei..." Somos salvos exclusivamente pela fé em Jesus Cristo — e nada mais!

Efésios 2:10

Efésios 2:9

Romanos 3:20

As boas obras fazem parte da salvação? A resposta é: *Sim, fazem*. Pois elas são a consequência necessária da nossa salvação. Essa é a resposta dada não somente pelas Escrituras, mas também pelos chamados Pais da Igreja e pelos reformadores (Lutero, Calvino, João Knox). Essa é a resposta dada pelas declarações de fé de todas as grandes denominações protestantes. Faz parte da Confissão de Fé de Westminster. Assim estipula a Palavra de Deus: "Assim também a fé, se não tiver obras, por si só está morta [vã, vazia, sem sentido, não-existente]". Ou então, é conforme declarou Martinho Lutero: "Há pessoas que falam em ser salvas mediante a fé mais as boas obras. Tal conceito não é verdadeiro. As boas obras são a consequência necessária da nossa salvação. Não são necessárias para sermos salvos; mas são o resultado necessário da nossa salvação, a evidência de que nossa fé é autêntica". Ninguém pode ter fé sem boas obras, da mesma maneira que não há relâmpago sem trovão, ou fogo sem calor. Se temos a fé salvadora, inevitavelmente teremos também boas obras.

Tiago 2:17

Lutero também disse que essa fé é uma obra divina em nossos corações. Ela nos faz nascer de novo. Ela nos cria como novos homens e novas criaturas, modificando todas as diversas faculdades que possuímos, além de ocupar-se constantemente em produzir boas obras. Não espera até que a indagação seja feita; pelo contrário, antes mesmo da pergunta ser feita, a fé já pôs em prática as boas obras, e constantemente se ocupa com as mesmas; e, precisamente por essa razão, aquele que não pratica tais obras é um homem destituído de fé.

As Escrituras declaram que somos justificados exclusivamente pela fé. Essa fé que justifica jamais se manifesta isolada no indivíduo justificado, pois é sempre acompanhada pelos frutos por ela produzidos na vida. A fé em Cristo, pois, produz uma vida de boas obras. Por conseguinte, aquelas pessoas que fazem profissão de fé em Jesus Cristo, para em seguida sentarem-se e nada fazerem em prol da causa do Senhor, que não têm qualquer serviço ou quaisquer boas obras em favor de Cristo, estão apenas se enganando a si mesmas, pensando que estão no estado de salvação e desfrutam do favor divino — esperança essa que perecerá juntamente com elas!

As boas obras são um resultado absolutamente necessário da fé salvadora, como também são a **única evidência** da salvação. "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas."

Efésios 2:8-10

Oh, Deus, que possamos dar provas de nossa fé mediante nossas boas obras. Que possamos examinar os nossos próprios corações. Que a Tua glória esteja sempre diante de nós, como nosso alvo e finalidade. Que tudo quanto fizermos seja realizado tendo em mira a Tua glória e louvor. Pedimos isso em Teu bendito nome, ó Tu que, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, és o Eterno e Santíssimo Deus, agora e para todo o sempre.

Amém.

13

A PERSEVERANÇA DOS SANTOS

E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.

Romanos 8:30

A pergunta com a qual quero chamar a atenção do leitor, é: *Pode um cristão deixar de ser um cristão?* ou, conforme alguns chegam a formular a pergunta: *Uma pessoa que foi salva, pode vir a perder-se afinal?* Pode uma pessoa que foi regenerada, vir a perder algum dia essa regeneração? Pode alguém que foi trasladado para o Reino do querido Filho de Deus ser trazido de volta ao reino e à família do diabo? Pode uma pessoa receber a vida eterna, para depois ir para o inferno para sempre? Essa é uma questão importantíssima, porque tem a ver com um aspecto crucial de nossas vidas e fala acerca de nosso eterno bem-estar.

Examinemos o problema do ponto-de-vista histórico para ver o que outros têm dito a esse respeito. Poderíamos começar pela Igreja Católica Romana. Sua resposta a essa indagação é “*sim*”, uma pessoa pode ser cristã e depois deixar de sê-lo; uma pessoa pode ser salva para, em seguida, perder-se novamente. Em seguida, examinemos a resposta dada pela Igreja Luterana. Os luteranos também replicam que uma pessoa pode ser salva e depois vir a perder-se. E que dizer sobre aqueles cuja teologia é conhecida por arminianismo (a Igreja Metodista representa esse grupo, o qual também inclui os grupos “holiness” e as igrejas pentecostais)? A resposta desses grupos, à indagação, também é um

enfático “sim”. Para todos eles, uma pessoa pode ser salva, e depois vir a perder-se.

E que resposta é dada pelos calvinistas, à indagação: *Pode alguém ser salvo, para depois vir a perder-se?* A essa pergunta, os calvinistas respondem com um “não”. Aí encontramos um sinal distintivo da fé calvinista, pois virtualmente todas as demais posições têm dito que é possível alguém perder-se, depois de haver sido salvo. Por conseguinte, é importante que sondemos criteriosamente a questão.

A doutrina da perseverança dos santos é um ensino que somente a posição calvinista, em toda a história cristã, tem reconhecido como doutrina verdadeira, pois virtualmente todas as demais facções cristãs têm negado essa doutrina. A propósito, quero salientar que o calvinismo envolve uma área muito mais ampla que a Igreja Presbiteriana como tal, porquanto existem outras denominações evangélicas que, historicamente, poderiam ser classificadas entre as agremiações calvinistas. A Igreja Anglicana da Inglaterra era historicamente calvinista, a Igreja Batista era calvinista em sua quase totalidade, e, pelo menos no começo, as igrejas congregacionais eram todas calvinistas.

Muitas dessas igrejas, entretanto, têm abandonado algumas das suas crenças, e não mais defendem a fé calvinista, tendo-se bandeado para aquele outro ponto-de-vista doutrinário largamente difundido entre os protestantes, a saber, o arminianismo. De acordo com a perspectiva arminiana, uma pessoa pode ser salva para, em seguida, perder-se novamente, ser outra vez salva, somente para novamente vir a perder-se, e isso inúmeras vezes, até ao momento mesmo da morte. Isso posto, a grande indagação a ser feita, é: *Em qual estado tal ou qual pessoa morreu?* Em qual estado se encontrava a alma de um indivíduo, no instante em que saiu deste mundo? Pois isso é o que determinaria para onde foi a alma dessa pessoa.

Notemos agora, mui cuidadosamente, a questão da definição daquilo sobre o que estamos falando. E também penso que seria recomendável observarmos

sobre o que *não* estamos falando. Se uma pessoa não entende no que consiste a graça de Deus, também não poderá entender no que consiste a perseverança na graça. Se não sabem o que é um santo, dificilmente compreenderão o que está envolvido na perseverança dos santos. Aqueles que não são crentes supõem que a vida eterna é algo adquirido pelo esforço do indivíduo em levar uma vida recomendável. Tais pessoas não têm a vida eterna; portanto, nada possuem que possa vir a ser perdido, excetuando a possibilidade de obter a vida eterna. Essa gente não entende que a Bíblia ensina que a salvação se deve à graça divina, a qual nos é proporcionada como um dom de Deus, mediante a fé em Jesus Cristo. Todavia, não estamos falando aqui sobre alguém que esteja procurando levar uma vida recomendável a fim de obter a vida eterna. Isso não é o cristianismo em qualquer de suas formas. Visto que a vida eterna é uma dádiva concedida gratuitamente pela graça de Deus àqueles que confiam no Salvador, estamos indagando se realmente Deus nos dá o dom da vida eterna, somente para depois pedi-lo de volta.

Esta semana conversei com um homem que recebera a Cristo como seu Salvador e ganhara a dádiva da vida eterna. Um de seus primeiros comentários, durante a nossa conversa, foi: "Bem, espero que dentro de três semanas eu continuarei sendo um crente". Haveria Deus de dar-lhe a vida eterna para depois tomá-la de volta? As Escrituras ensinam: "... porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis". A dádiva divina da vida eterna, Sua graça e Sua chamada para a salvação nunca são revertidas por Deus.

Romanos 11:29

Algumas pessoas têm pensado que essa doutrina ensina que uma pessoa pode professar fé em Cristo, para então viver como bem entender, para então, quarenta anos mais tarde, morrer e ir para o céu. Sob hipótese nenhuma! O nome da doutrina que estamos examinando chama-se *perseverança dos santos*. Mas tem sido chamada por outros grupos por títulos como *segurança eterna* ou *uma vez salvo — salvo para sempre*. Entretanto, penso que seu verdadeiro nome teológico é o mais

apropriado, pois foi mui cuidadosamente formulado. Esse nome é “perseverança dos santos”. Não está em pauta a preservação daqueles que se professam religiosos, e, sim, a perseverança dos santos.

Cumpra a você observar que essa doutrina refere-se aos “santos”, aqueles que têm sido santificados por Deus (aqueles que pertencem ao Senhor). Essa doutrina é declarada de forma bem sucinta pela Confissão de Fé de Westminster, a saber: “Aqueles a quem Deus aceitou no Seu Amado, chamou eficazmente e santificou pelo Seu Espírito, não podem nem total e nem finalmente decaírem do estado de graça, visto que certamente perseverarão nesse estado até ao fim, sendo eternamente salvos”. Estão, pois, envolvidos, aqueles que foram regenerados por Deus e chamados pelo Espírito, bem como santificados e aceitos no Amado. Essa doutrina alude àqueles que foram verdadeiramente regenerados.

Observemos que a doutrina fala a respeito da perseverança dos que são santos. Ora, a Bíblia ensina que aquele que perseverar até ao fim será salvo. Isso não indica que alguém possa fazer profissão de fé para então viver para o mundo, a carne e o diabo durante anos, e, finalmente, ir para o céu. Somente os que perseverarem até ao fim é que irão para o céu.

A questão que se impõe, é: *Perseveraremos até ao fim?* Não há que duvidar que aqueles que não perseverarem até ao fim, *não* serão salvos. Podemos então perseverar? Podemos agüentar firmes? Isso faz-me recordar o alcoólatra que, pela quinquagésima vez, estava assinando o pacto de que desistiria de beber. E foi na oportunidade que alguém lhe recomendou: “Dessa vez, assine e mantenha o pacto”. E o bebedor retrucou: “Mantê-lo? Cara, eu é que preciso de alguém que me mantenha!” Esse tem sido o clamor de inúmeros corações que reconhecem sua própria fraqueza e fragilidade. Precisamos de alguém que nos guarde. Graças a Deus, existe Alguém. A Bíblia declara: “... sois guardados pelo poder de Deus ... para salvação preparada para revelar-se no último tempo”. O onipotente poder de Deus é que

Mateus 10:22

I Pedro 1:5

nos guarda e nos segura nesta salvação. Se não fosse assim, nenhum de nós iria perseverar por um dia. Isso não deveria despertar em nosso coração qualquer sentimento de orgulho, pois o crente autêntico bem sabe quão fraco é. Não que tenhamos forças, em nós mesmos, mas é que somos ajudados e capacitados por Deus.

Eu gostaria de salientar que a menos que alguém creia que o verdadeiro crente persevera até ao fim, também não poderá ter certeza que chegará no céu. Pode saber que no momento encontra-se em estado de graça, mas não dispõe de meios para certificar-se de que amanhã não cairá desse estado de graça, perecendo totalmente. Portanto, são somente aqueles que aderem claramente à posição calvinista e bíblica que podem afirmar: “Sei que estou a caminho do céu”. Existem muitos irmãos, dentro daquelas denominações evangélicas que também mencionei que (embora suas igrejas não creiam oficialmente nisso), em face de serem crentes autênticos, regozijam-se em seus corações por possuírem a vida eterna, e porque Cristo jamais permitirá que eles pereçam.

Pode você dizer: “Sei que estou indo para o céu”? Você tem a certeza de haver sido salvo? Naturalmente, essas são duas perguntas diferentes. Pode você dizer: “Sei que tenho a vida eterna e sei que estou no estado de graça”? Se você não puder replicar na afirmativa, então o assunto que ora ventilamos não tem qualquer valor para você. Pois, antes de mais nada, você precisa arrepender-se dos seus pecados, deixando de confiar em suas próprias boas obras, em seus próprios esforços, depositando toda a sua confiança exclusivamente em Cristo, para a sua salvação. Somente então você poderá asseverar: “Sei que estou no estado de graça. Sei que fui perdoado”. E então você poderá, igualmente, reivindicar a promessa de Deus de que Ele guardará aquilo que Lhe foi entregue, para ser guardado em segurança até aquele dia.

II Timóteo 1:12

Temos observado que uma pessoa pode cair, parcial e temporariamente, embora não total e final-

João 6:70

mente. Quanto a isso, há muitos exemplos, não somente nas vidas dos personagens cujas histórias são oferecidas nas Escrituras, mas também ao longo da História da Igreja. Pedro caiu em flagrante pecado: negou seu Senhor e blasfemou. Mas, visto que a semente divina estava em seu coração, devido ao eterno pacto da graça, porquanto Deus o estava segurando pela mão, já que o Senhor jurara que nunca o abandonaria, e em vista do fato que ele fora selado pelo Espírito Santo, Pedro foi trazido de volta e se tornou um servo fiel, embora houvesse caído temporária e parcialmente. No caso de Judas Iscariotes, entretanto, vemos que não ocorreu idêntica recuperação. É que Judas não tinha recebido nova natureza. Ele não era um crente legítimo. De fato, desde há muito Cristo declarara: “Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo um de vós é diabo”. Foi por esse motivo que Judas não retornou, mas saiu e cometeu suicídio.

Que diríamos, pois, acerca das multidões que têm professado fé em Cristo e têm demonstrado grande interesse por Cristo e pela religião cristã? Há pessoas que fazem profissão de fé, durante certo período de tempo elevam-se a grandes alturas, tornam-se tremendamente entusiasmadas e zelosas pelas realidades de Cristo; mas então, súbita ou lentamente, afastam-se. O zelo delas desaparece, tornam-se desinteressadas pelas realidades de Deus, mas finalmente até mesmo isso cessa. Seus corações se esfriaram.

I João 2:19

Sim, que diríamos no tocante a tais pessoas? Bem, não precisamos conjecturar, porquanto as Escrituras nos ensinam com cristalina clareza acerca delas. No segundo capítulo da primeira epístola de João, é-nos dito o seguinte: “Eles saíram de nosso meio, entretanto não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos”.

Nem todos aqueles que professam ter fé possuem necessariamente o que professam. Há muitos hipócritas que, externamente, podem parecer professar interesse

pelas realidades de Cristo, mas internamente, seus corações nunca foram transformados. Finalmente, porém, manifesta-se seu verdadeiro estado íntimo, e a verdadeira natureza e os verdadeiros desejos de seus corações vêm à tona, e eles se voltam novamente para o mundo, para a carne e para o diabo. Neles torna-se real o provérbio que diz que o cão voltou ao seu vômito e a porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal.

II Pedro 2:22

Notemos agora, cuidadosamente, as palavras do nosso texto: “. . . e aos que justificou, a esses também glorificou”. A justificação é o primeiro ato da vida cristã; e a glorificação é o primeiro ato a ocorrer no céu. A justificação é a primeira fase daquilo que acontece na vida do crente, nesta terra. Ele é perdoado de seus pecados, e passa a ser considerado justo aos olhos de Deus. É revestido da justiça de Jesus Cristo. A glorificação é a primeira coisa que acontece a um crente, no céu. Até o último vestígio do pecado será removido. O crente será transformado em alguém absolutamente puro e santo, capaz de levantar-se na presença de Deus. “. . . e aos que justificou, a esses também glorificou”. Aqueles que começam a vida cristã neste mundo, a concluirão no céu. Aqueles que são “guardados pelo poder de Deus”, chegarão à salvação final. Esse é o ensino escriturístico.

Romanos 8:30

Romanos 8:30

I Pedro 1:5

Jesus disse: “Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar”. Quero salientar que tem havido muitas tentativas para escapar do significado dessas palavras. Existem aqueles que dizem que talvez o diabo seja capaz de arrebatar as ovelhas. Mas o texto grego simplesmente diz *ninguém* — não é a palavra *homem*, mas *ninguém*. Outros têm dito: “Bem, embora ninguém nos possa arrebatar, podemos arrebatar a nós mesmos”. Entretanto, não é você apenas um ser humano? E ousa você afirmar que tem poder para desfazer o poder sustentador do Deus Todo-poderoso? Ninguém pode tirar nada da mão de Deus — e isso inclui você. Todas as forças reunidas do inferno e da terra não podem arrancar alguém da mão de Deus. Você supõe

João 10:29

que é capaz disso? Supõe você que ao menos haveria de desejar fazer tal coisa?

Alguém perguntou de um crente: "Você não tem medo de escorregar por entre os dedos de Deus?"

E o crente retrucou: "Meu amigo, eu *sou* um dos dedos de Deus!" Cada crente verdadeiro faz parte do Corpo de Cristo.

Ora, se possuíssemos algo por algumas poucas semanas, ou meses, ou mesmo anos, para então perdermos esse algo e irmos para o inferno, poderíamos denominar isso como bem entendêssemos, menos de *vida eterna*. Quando muito, seria apenas alguma benção temporária. Mas Jesus disse: "Eu lhes dou a vida eterna . . ." Outrossim, Ele prosseguiu e disse: ". . . jamais perecerão, eternamente . . ." Portanto, caso recebêssemos a vida eterna e então perecêssemos, Cristo tornaria-se um mentiroso e a Palavra de Deus inverídica. "Eu lhes dou a vida eterna, jamais perecerão, eternamente . . ."

João 10:28

Jesus chegou mesmo a afirmar: "[O crente] não entra em juízo . . ." Assim sucede porque não estamos debaixo da lei, e, sim, da graça. A lei não nos pode condenar, porquanto não estamos sujeitos a ela, mas estamos dentro do pacto da graça. Por conseguinte, nada pode fazer a lei voltar-se contra nós. "Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou . . ." Ninguém e coisa alguma existe que nos possa condenar, porque Cristo já tomou sobre Si mesmo a nossa condenação.

João 5:24

Romanos 8:34

Há outros que afirmam: "Bem, então por qual razão Deus nos avisa, nas Escrituras, a respeito da possibilidade de nos desviarmos, se é que não nos podemos desviar? Se é verdade, conforme observou Charles Spurgeon, que podemos cair muitas vezes na coberta de um navio, mas Deus não nos permite cair fora do navio, então por que somos advertidos contra a apostasia? E qual a razão da recomendação bíblica que diz: "Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia"? E por que também lemos nas Escrituras: "Mas esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado

1 Coríntios 10:12

1 Coríntios 9:27

a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado"? Em relação a tudo isso, precisamos estar cômicos de que Deus é quem nos guarda. Porém, de que maneira Ele nos guarda — através de algum meio mágico, ou através de meios morais?

Deixe-me dar-lhe um exemplo. Certo dia recomendei à minha filha, Jennifer, quando ela ainda era pequena, e gostava de entrar no automóvel quando este estava estacionado defronte de casa, para que nunca ficasse mexendo na mudança do veículo, já que isso poderia soltar as engrenagens, fazendo-o descer pela rua e bater contra algum outro veículo, havendo até o perigo dela ser morta. Adverti severamente à menina: "Nunca mexa na mudança do carro!" Mas um dia, quando visitávamos alguém, e eu estava sentado na sala de estar da família visitada, notei quando Jennifer entrou no nosso carro, que estava parado defronte da casa. Ela não podia ver-me, mas eu a via perfeitamente bem. De súbito, observei que o automóvel dava aquele pequeno pulo que demonstrava que a mudança fora posta no neutro. Saltei da cadeira onde me achava e saí voando pela porta. Corri para o carro, puxei Jennifer para fora — e então apliquei-lhe aquilo que, espero, ajudará a melhorar a memória dela para sempre.

Ora, examinemos esse incidente. Por que eu dissera a ela para não mexer no carro, se eu haveria de apressar-me para fazer o automóvel parar? Porque eu queria treiná-la naquilo que ela deve fazer. E o fato que eu lhe dissera para não tocar na mudança do automóvel não significava que eu nada mais faria além de adverti-la.

Há um hino que expressa bem a situação: "Por trás do desconhecido, acha-se Deus entre as sombras, vigiando os que dEle são". Deus nos guarda através de meios morais, e não por algum passe de mágica; e é por essa razão que essas advertências foram dadas e reiteradas nas Escrituras. Além disso, entendemos que se cairmos em transgressão atrairemos contra nós mesmos uma severa disciplina — tal e qual minha pequena menina agora está perfeitamente consciente; ela não sofreu algum acidente, mas foi disciplinada.

Romanos 8:38 Eis a conclusão de Paulo quanto a toda essa questão doutrinária: “Porque estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem cousas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”. É o que também sucede na questão de irmos a Cristo. A Bíblia assevera: “Se alguém quer vir após mim...” E também: “Crê no Senhor Jesus, e serás salvo...” É como se tudo dependesse do indivíduo, como se não existisse o outro lado da questão. Mas bem sabemos que nas sombras do desconhecido está o Cristo que diz: “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim...” Nenhum desses perecerá, pois essa é a vontade do Pai. Deus declarou que nos tem amado desde antes da fundação do mundo; e que fomos eternamente predestinados para sermos moldados conforme a imagem de Seu Filho.

João 10:28
Marcos 8:34
Atos 16:31

João 6:37

Idêntica é a situação relativa ao poder guardador de Deus. Externamente, Deus como que nos diz: “Vocês devem manter-se no bom caminho. Caso se desviarem do caminho, sairão machucados! Portanto, permaneçam no bom caminho, no caminho apertado!” Nas sombras, entretanto, existe Aquele que afirma que somos sustentados pelo poder de Deus para a salvação; que afirma que Ele nos está segurando com Sua mão todopoderosa; que assevera que jamais nos deixará ou abandonará; que garante que não há reversão na chamada e nos dons de Deus; que afiança que aqueles que forem justificados também serão glorificados.

Mateus 7:13-14

Podemos aceitar o que Ele nos diz em Sua Palavra, regozijando-nos não somente no fato que Ele nos salvou, mas também no fato que Ele nos está segurando. Podemos afirmar: “Sim, cremos na perseverança dos santos”. Em consequência disso, você pode dizer: “Eu sei que estou seguindo no caminho para o Céu!”

Pai, agradecemos-Te pela dádiva da vida eterna, que é irrevogável. Agradecemos-Te que podemos ser Teus santos, separados e santificados através da simples fé em Jesus

Cristo: que agora mesmo podemos recebê-Lo em nossos corações como nosso Salvador e Senhor. Podemos saber que a vida eterna, a salvação, nos é conferida inteiramente pela graça divina; tudo vem de Deus, e não do homem. Senhor, oramos no sentido que salves, que guardes e faças com que nos valhamos inteiramente dos meios para a nossa preservação: a Palavra de Deus, a oração e o serviço obediente a Ti — a fim de não sermos enganados, supondo-nos seguros em nossa presunção carnal, e assim acabemos desviando-nos do Caminho certo. No nome dAquele que nos ama e deu a Si mesmo para nós. Amém.

14 O ASSUNTO MAIS DESCONHECIDO DO MUNDO

E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago do fogo.

Apocalipse 20:15

Depois de um dia de palestras muito cansativo, na viagem para Pittsburgh, eu liguei a TV no meu quarto de hotel. Estava gozando de alguns momentos de lazer antes de dormir.

Por acaso o programa era uma entrevista, e pouco a pouco minha mente acordou e ouvi a discussão. De repente, percebi que naquele programa nacional de televisão o assunto era a troca de cônjuges.

O casal (marido e esposa) que estava sendo entrevistado era obviamente "swingers" e pertencia a um grupo com este mesmo nome. Depois de apresentar o seu ponto-de-vista em apoio àquele imoral estilo de vida, os apresentadores convidaram os ouvintes do programa a lhes dirigirem perguntas.

Eram de natureza pragmática quase todas as perguntas feitas (essa troca de casais não parece forma muito prática de levar avante um casamento). Todavia, quando alguém apresentava uma opinião adversa, o casal de "swingers" procurava demolir o argumento contrário com alguma observação como: "Oh, você está sendo puritano demais!"; ou então: "Isso era apropriado na era vitoriana!" E não se deixavam abater diante de alguma pergunta franca, como o que pensavam eles do que Deus dizia a respeito do estilo de vida que eles levavam.

Mais tarde, quando refletia sobre tal programa,

1 Coríntios 5:1

tornou-se patente para mim, uma vez mais, que o homem se vai tornando cada vez pior, quando o Senhor Deus é deixado de fora de sua vida. E recordei-me também da declaração de Paulo, em 1 Coríntios 5:1. O que fora publicamente mencionado em um programa de televisão de alcance nacional, nem ao menos seria mencionado antigamente entre os gentios! Percebi novamente que todos os homens precisam compreender que as Escrituras ensinam a **existência do inferno**.

Romanos 3:10

Sei que muitos blasonadores, incoerentes e demagogos têm tornado excessivamente repulsiva a doutrina bíblica do inferno. E alguns pregadores se têm referido à eterna condenação dos ímpios com uma aparente alegria. Creio que tudo isso é verdadeiramente lamentável. Pois sempre que alguém fala sobre o inferno e sobre os que para lá irão, é mister que entenda que os habitantes do inferno serão pessoas de carne e sangue autênticos. Por conseguinte, precisamos falar a respeito do inferno com profunda sobriedade, e até mesmo entre lágrimas, percebendo que o inferno é o que todos nós merecemos. O trecho de Romanos 3:10, diz: "... Não há justo, nem sequer um . . ."

Contudo muitas pessoas fora de Cristo rejeitam o conceito do inferno. Para elas, o conceito de uma miséria interminável e infinita paralisa de tal maneira as suas mentes que elas se recusam a pensar a respeito. Outras simplesmente alegam: "Não acredito mais no inferno; é uma idéia ultrapassada", o que se assemelha à formação de uma sociedade onde todos concordem em que a Austrália não mais existe! Porém, a realidade da existência da Austrália em nada se modifica, sem importar quantas pessoas digam que ela não está mais lá. Por semelhante modo, Deus e a Sua Palavra em nada são afetados se os homens crerem nEle ou não. Jamais uma maioria dos homens poderá expulsar do tribunal a Palavra de Deus! Agora, o que é realmente trágico é que existem milhões de pessoas no inferno, hoje em dia, as quais, quando viviam na terra, cerravam as suas mentes para essa realidade.

Com freqüência alguém me diz que acredita na existência do céu, mas não do inferno. Quando indago como essas pessoas sabem que o céu existe, a maioria delas me diz: “Nunca pensei muito sobre o assunto — eu simplesmente sinto que o céu existe”.

Naturalmente, os sentimentos não são muito dignos de confiança. A única maneira através da qual algum de nós pode saber que o céu existe é que, em Seu amor, Deus fala-nos a respeito do céu em Sua Palavra. A pessoa que acredita que o céu existe, mas não o inferno, não percebe que, nas Escrituras, foi revelada por Deus a existência de ambos esses lugares. As mesmas Escrituras que tornam conhecidas as glórias e a felicidade celestiais, também tornam conhecidos os terrores e o horror do inferno. Não há qualquer coerência lógica em aceitar alguém a existência do céu, mas negar o inferno.

Portanto, sem nos deixarmos dominar pelos nossos terrores avassaladores, consideremos a questão de uma forma racional e inteligente. Após ter ouvido certo homem enfatizar suas frases com a expressão “Que inferno!”, por tantas vezes, um amigo meu finalmente indagou dele: “Parece que você conhece muita coisa sobre o inferno. É porque você já esteve lá ou é porque está indo para lá?”

Apanhado de surpresa, o homem retrucou: “Bem, suponho que é porque estou indo para lá”.

E meu amigo continuou: “Sabe de uma coisa? Você não precisa ir para lá”.

Naturalmente, é isso que a Bíblia nos ensina: “Você não precisa ir para o inferno, você sabe disso!”

Entretanto, um fato psicológico é que os seres humanos costumam suprimir de seus pensamentos aquilo que mais temem. Estou convencido que a pessoa que mais teme o inferno é justamente aquela que nega a sua existência com maior veemência. Entretanto, minha palavra a você, bem como a declaração da Palavra de Deus, é a seguinte: Ninguém precisa encolher-se de terror, com a preocupação se escapará ou não do inferno.

De certa feita, indaguei de três pessoas o que elas

pensavam a respeito do inferno, antes de se terem tornado crentes. As respostas que deram foram idênticas: “Eu não gostava de pensar sobre o inferno. Porém, quando eu o fazia, sentia-me tremendamente ameaçado, porque pensava que poderia acabar indo ao inferno. Eu não sabia exatamente o que fazer para chegar lá, e nem o que fazer para não chegar. Assim sendo, eu procurava nem pensar a respeito.

Em seguida, indaguei delas quais eram seus pensamentos e emoções, desde que se tinham convertido. Uma delas respondeu: “O único receio que sinto do inferno diz respeito às pessoas que estão se dirigindo para lá. O meu temor envolve outras pessoas, não eu mesmo!”

“E por qual razão você agora não tem medo do inferno?”, insisti. Você não acredita na existência do inferno?”

E todas aquelas pessoas responderam: “Acreditamos que o inferno existe. Mas não estamos receosos porque sabemos que não estamos indo para lá!”

Diante do aviso divino, nas Escrituras, essa é uma reação inteligente. Após ter-nos advertido acerca do inferno, Deus não nos deixa nesse ponto. Pelo contrário, Ele nos mostra um meio de escape. Ensina Deus que quando uma pessoa, mediante a fé, entra em um relacionamento pessoal com Jesus Cristo, imediatamente essa pessoa é salva das penas do inferno. Daquele momento em diante, por todo o resto da sua vida terrena e por toda a eternidade, essa pessoa conta com a garantia, dada por meio das Escrituras, de que nunca irá para o inferno.

Entretanto, se alguém jamais entrou nesse relacionamento pessoal com Jesus Cristo (embora possa ter sido membro de igreja durante anos), então esse indivíduo tem razão para realmente temer o inferno.

Deixe-me repetir! A pessoa que se recusa a acreditar na existência do inferno, ou que pensa que ao negar a sua existência pode fazê-lo desaparecer, está somente enganando a si própria. Jesus mesmo, acima de qualquer outra pessoa aludida nas Escrituras, falou da

João 3:18

tremenda realidade do inferno. Não obstante, quando Jesus se referiu ao inferno, não o fez com o propósito de assustar. Antes, falou a fim de advertir, bem como de oferecer-Se como a única alternativa do inferno.

Algumas vezes as pessoas indagam se a Bíblia alude ao inferno como um lugar real. De fato, é desse modo que a Bíblia se manifesta a respeito. Consideremos alguns dos termos descritivos usados nas Escrituras:

... *no inferno, onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga.* Marcos 9:47-48

... *no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte* ... Apocalipse 21:8

... *o poço do abismo* ... Apocalipse 9:1-2

... *para fora, nas trevas* ... Mateus 8:12

... *na fomalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes.* Mateus 13:42

... *o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.* Mateus 25:41

O inferno é um lugar de onde uma pessoa pode clamar: "... estou atormentado nesta chama". É um lugar onde a "... fumaça do seu tormento sobe **pelos séculos dos séculos**, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite ..."

Lucas 16:24

Apocalipse 14:11

Em cada um dos casos onde é frisada a duração do castigo no inferno, os vocábulos gregos usados indicam as idéias de **eterna, para sempre, interminável**. Foram empregados os termos mais vigorosos no idioma grego para indicar **duração sem fim**.

O grande A. A. Hodge declarou que todos os notáveis pais da Igreja, os reformadores, os eruditos bíblicos, com todos os seus dicionários, léxicos — no hebraico e no grego — comentários e teologias sistemáticas, concordam em que as Escrituras ensinam uma interminável punição para os que morrem finalmente impenitentes, e isso a despeito de um fortíssimo desejo humano na direção oposta. Assim afirmam os credos dos presbiterianos, dos episcopais, dos luteranos, dos metodistas, dos congregacionais, dos católicos romanos, dos ortodoxos gregos e de todos os grupos do protestantismo histórico. De fato, trata-se de uma filantropia equivocada que procura encorajar a idéia de

que o homem escapará da condenação predita na Bíblia contra aqueles que morrem fora de Cristo. Trata-se de uma caridade zombeteira que pretende encorajar os impenitentes para que suponham que haja alguma possibilidade que Deus não tenha querido dizer aquilo que realmente disse.

Existem aqueles que tentam criar uma divindade imaginária, inflando as suas mentes com suas próprias conjecturas. Quando muito, essas divindades tornam-se ídolos dotados de personagem diluída, sem nenhuma santidade, sem justiça, sem retidão.

Aqueles que imaginam que Deus é por demais amoroso para punir o pecado desconhecem o Deus que se revelou nas Escrituras. Aqueles que também supõem que o homem é bom demais para sofrer tal punição, desconhecem a revelação bíblica sobre o coração humano. Por outro lado, aqueles que percebem que Deus é santo — e que o homem é depravado, dotado de coração impuro — também percebem que a sua única esperança está na morte e ressurreição de Jesus Cristo. É isso porque, em uma cruz fincada fora dos muros da cidade de Jerusalém, o Filho de Deus suportou a ira do Pai, em lugar daqueles que nEle haveriam de confiar.

Estou convencido de que a única maneira através da qual alguém pode apreciar o ensinamento bíblico concernente ao inferno, consiste em saber, no próprio coração, que jamais o verá. Nosso Senhor afirmou: “Há um caminho largo que conduz à perdição, e há um caminho estreito que conduz à vida”. O Livro da Vida existe mesmo, e aqueles cujos nomes estão inscritos nele irão para a bem-aventurança eterna. Por outra parte, aqueles cujos nomes não forem encontrados no Livro da Vida, serão lançados no lago do fogo. Deus colocou nisso o Seu selo. Sua Palavra é veraz.

Mateus 7:13-14

Apocalipse 20:15

Está o seu nome registrado no Livro da Vida? Você se encontra naquele caminho estreito que conduz à vida? Você quer conhecer o caminho de escape, determinado por Deus? A nossa esperança é simplesmente isto: Cristo morreu na cruz, e nós, que nEle confiamos, por Sua graça estamos no caminho do céu.

Você se tem apegado a Jesus Cristo pela fé, convidando-O para que venha habitar no seu coração? Você já se arrependeu dos seus pecados? A promessa de Deus diz: "... se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago do fogo". Apocalipse 20:15

Pergunto a vocês, leitores, que pessoalmente nunca aceitaram a Jesus Cristo em sua vida, mas agora querem fazê-lo: Por que vocês não oram estas palavras simples?

"Pai celeste, neste dia aceito o Teu Filho, Jesus Cristo, como meu Salvador pessoal. Recebo, em meu próprio coração, Aquele que veio para que eu vivesse. Portanto, pela fé, creio nas promessas, e as reivindico, nas quais dizes que aquele que em Ti confiar não entrará em juízo, mas já passou da morte para a vida. Regozijo-me que, pela Tua graça, eu nunca verei o poço do abismo das trevas exteriores. Agradeço-te, ó Pai, porque, agora, que aceitei a Jesus Cristo como meu Salvador, no momento da morte serei transportado para o paraíso, a fim de estar contigo para sempre". Amém.

João 5:24

Pai, a grande pureza da Tua santidade faz violento contraste com o nosso pecado. No âmago de nossos corações sabemos que nenhum de nós é reto. Oh, Deus, que neste dia possamos contemplar o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Ajuda-nos a conhecer o único meio de escapar, através da reação pessoal e favorável ao amor de Deus, o qual proveu-nos o Seu Filho, Jesus Cristo, para morrer na cruz, a fim de receber a punição que tanto merecíamos.

João 1:29

Pai, se ainda existem aqueles cujos corações não estão reconciliados Contigo, oro a fim de que o Espírito Santo incline-os ao arrependimento, para que se volvem para Jesus Cristo, o qual está de mãos estendidas, receptivas.
Amém.

15

A VIDA DO ALÉM: O CÉU

Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também.

João 14:2-3.

Deus nos criou para a eternidade. Contudo, quase todos vivemos como se tivéssemos sido criados meramente para esta vida terrena. Nos séculos que se foram, era costume dizer-se de certas pessoas que elas viviam “muito afastadas do mundo” — que as suas mentes eram por demais celestiais. Isso certamente não é algo que possa ser afirmado acerca de muitas pessoas de nossos próprios dias, pois vivemos em uma época em que os homens são tão mundanos em sua mentalidade, que estão sendo controlados pelo mundo, bem como pela carne e pelo diabo. O resultado é uma sociedade que se está despedaçando, ao mesmo tempo que todos se precipitam para obter mais e mais daquilo que satisfaz à carne. Tais pessoas se assemelham àquelas a respeito de quem Paulo declarou: “O destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre . . .”

Filipenses 3:19

Acredito que um saudável antídoto para o câncer que hoje em dia está corroendo a sociedade seria uma saudável e nova mentalidade celeste. Ora, se o céu é a nossa verdadeira pátria, se o céu é o nosso destino, se o céu é a realidade mais magnífica que o homem jamais pôde contemplar, quanto tempo você costuma gastar meditando a respeito do céu? Isso bem pode servir de indicação que mostre se você está se encaminhando ou não para lá — porquanto aqueles que estão indo para lá

usufruem de um certo anelo, de um certo antegoço, de uma garantia do céu, nos seus corações; ao passo que aqueles que não estão indo para o céu, nunca lhe dedicam o mais passageiro pensamento.

O céu! Que é o céu? Bem, esse é um dos principais temas das Escrituras. O céu é mencionado por nada menos de quinhentas e cinquenta vezes nas Escrituras, somente por esse nome. E também recebe muitos outros designativos. O céu é a pátria superior que os profetas almejavam. É chamado não somente de um país, mas também de cidade: “... aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador”. Mas também é chamado de casa. “Na casa de meu Pai há muitas moradas...” Outrossim, é um lugar propriamente dito. Jesus disse: “Pois vou preparar-vos lugar”.

Hebreus 11:10

João 14:2

No tocante à passagem que temos à nossa frente, alguns têm comentado sobre a celestial cidade de Jerusalém nos seguintes termos: “Puxa, se fosse, realmente, uma cidade, todos ficariam tão apertados que ninguém teria espaço ao menos para virar-se! Imaginem todas as pessoas do céu em uma pequena cidade!” Sempre houve aqueles que escarnecem da Palavra de Deus; mas o problema dos tais é que, na realidade, nunca examinaram mais detidamente as Escrituras. Em Apocalipse 21:16, lemos a respeito daquela cidade, a qual será quadrangular, uma cidade com doze mil estádios de comprimento e doze mil estádios de largura. Ora, um estádio era uma medida antiga, equivalente a um quinto de quilômetro, ou seja, 200 metros. Isso quer dizer que essa cidade terá uma área de nada menos que 5.760.000 km², isto é, 67,5% da área do Brasil. Para fazermos uma idéia mais visual de suas dimensões, basta dizer que um dos lados desse quadrado iria de Curitiba, no Paraná, até Belém do Pará! E isso somente quanto à área, porquanto a cidade celeste terá comprimento, largura e “altura” idênticos! Será uma cidade verdadeiramente gigantesca, uma megalópolis de primeiríssima grandeza, como o mundo jamais viu. Contraste-se isso com a cidade de São Paulo, a maior cidade do Brasil, a qual, medida de uma ponta à outra, em sua

Apocalipse 21:16

maior extensão, pouco ultrapassa os 50 quilômetros!

O maior edifício do Brasil é o Edifício Itália, em São Paulo, com quarenta e seis andares. Pois bem, se calcularmos cada andar como três metros de altura, teríamos de imaginar um edifício de 800.000 andares, para fazermos idéia da altura da Nova Jerusalém! Isso dará à Nova Jerusalém a área de 4.608.000.000 mil quilômetros quadrados. O mundo inteiro tem uma área de somente 156.000.000 km², se incluirmos não apenas as terras emersas, mas também todos os oceanos. Isso quer dizer que os habitantes da Nova Jerusalém disporão de quase trinta vezes mais de área do que disporíamos na face da terra, se todos os oceanos fossem transformados em terra seca! Como haverá falta de espaço para os seus habitantes?

Ora, o Departamento de Eugênia dos Estados Unidos da América calculou que desde que o homem foi criado até hoje, têm vivido neste planeta cerca de trinta bilhões de seres humanos. Um matemático fez alguns cálculos simples e concluiu que isso daria uma área de 153 km², nessa cidade celestial, para cada família que já viveu neste mundo, desde a criação do homem — se todo o mundo que vivesse fosse para lá. Ora, o Senhor Jesus disse: “Muitos são os que entram pela porta que conduz à perdição, e poucos são os que acertam com a porta que leva à salvação”. Mesmo que metade de toda essa gente conseguisse chegar ao céu, isso daria um território de mais de 300 km² para cada família da pátria celestial! Penso que isso seria espaço mais do que suficiente para alguém virar-se. Não gostaria de comprimir com palavras humanas aquele lugar que tem sido descrito nas Escrituras como segue: “Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam”. Estou certo de que todas essas descrições bíblicas são simbólicas, e que elas visam a despertar-nos a imaginação; nem ao menos podemos começar a descrever as glórias daquela pátria superior que Deus tem preparado para nós.

Céu! Você pensa muito a respeito do céu? “Onde

Mateus 7:13-14

1 Coríntios 2:9

João 14:2

Hebreus 9:27

será o céu?" é a pergunta que algumas pessoas costumam fazer. Permita-me dizer o seguinte: O céu é um lugar real, porquanto Jesus mesmo asseverou: "Pois vou preparar-vos lugar". O vocábulo grego traduzido por "lugar" é *topos*, de onde também se deriva a nossa palavra *topografia* — o estudo de lugares. Não se trata de um estado mental, e nem o céu está agora aqui na terra, porquanto há pessoas que afirmam que nesta vida passamos por nosso céu ou por nosso inferno. Mas Jesus declarou: "E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo . . ." — após vem o céu ou o inferno. Um ou outro desses lugares segue-se depois da vida presente. Onde está, pois, o céu? Ora, qualquer pequeno astrônomo colegial dirá que, se olharmos para o espaço sideral à nossa volta, por toda a parte se verão galáxias rebrilhantes, exceto em um ponto. Diretamente por cima das nossas cabeças, ao norte, há uma vastíssima nebulosa que nem mesmo os mais poderosos de nossos telescópios têm sido capazes de penetrar.

Naturalmente, sabemos que houve um cosmonauta russo que, girando em torno da terra, tendo olhado para o espaço, voltou dizendo que não vira nem Deus e nem o céu. Mais recentemente, ele fez uma viagem um tanto mais longa, e, ao baixarem o seu corpo ao sepulcro, muitos russos lançaram ramos de pinheiro sobre seu esquife (o pinheiro é um símbolo russo da imortalidade). Ateus? Quero salientar que o próprio Kosygin também lançou um ramo de pinheiro. Agora aquele cosmonauta russo sabe melhor das realidades do outro mundo. Mas, pense só nisso! Ele subiu, contemplou, mas nada havia lá para ser visto! Entretanto, para onde ele olhou? Imagine as bilhões de galáxias do tamanho de nossa própria Via Láctea (a qual comporta bilhões de sóis dentro de si mesma); e nessa nossa pequena galáxia, conhecida por Via Láctea, havendo milhões de outras galáxias maiores do que a nossa, há uma estrela de terceira grandeza, chamada *sol*, sol esse invisível da maior parte de nossa própria galáxia. Em redor desse minúsculo sol circulam nove planetas,

todos os quais são invisíveis da estrela mais próxima de nós. Ao redor de um dos menores desses planetas circula uma lua, tão próxima de nós que quase não pode ser distinguida quando olhada de outros planetas de nosso próprio sistema solar. Até algum ponto entre a lua e a nossa própria terra, e tão perto de nosso globo que praticamente estava se arrastando à sua superfície, eis que se pôs a viajar em redor um pequeno cosmonauta russo para examinar o cosmo! E ele descobriu que Deus não estava ali! Ora, isso me faz lembrar da criancinha que pôs a flutuar seu barquinho de brinquedo na banheira, e daí concluiu que a África não existia, por não encontrá-la nem em uma e nem em outra das extremidades da banheira onde brincava!

João declarou que viu a Cidade Santa descendo do céu, como uma noiva adornada para seu noivo. O grande Dr. Charles Hodge, de Princeton, o ortodoxo dos ortodoxos, asseverou que tem sido o consenso dos teólogos ortodoxos que a residência final dos remidos, após o juízo, será não apenas o céu, mas igualmente uma terra renovada. João, o apóstolo, afirmou que haverá novos céus e uma nova terra. Essa nova terra será expurgada por meio do fogo, será reconstituída, será glorificada, e, ao que parece, os remidos residirão por toda a vasta extensão do universo que for expurgado da escravidão ao pecado, naquela ocasião. Quão grande será o estímulo intelectual para nós, os que tivermos de residir em um universo destituído de pecado, um universo que agora está muitíssimo além de nossa própria compreensão no que tange às suas dimensões!

Qual será a aparência do céu? Em primeiro lugar, não nos encontraremos ali como se fôssemos fantasminhas-camaradas, sentados em alguma nuvem a tocar uma harpa. Converso vez por outra com pessoas que dizem não ter qualquer interesse em ir para o céu. Quando ouço uma declaração dessa ordem, só posso concluir que: (1) essa pessoa não acredita na existência do céu; ou (2) essa pessoa é tão intoleravelmente ignorante, tão lerda de mente e intelecto, que seria para admirar se ela se interessa por qualquer coisa além de si

Apocalipse 21:2

Apocalipse 21:1

mesma! Porquanto, se há neste mundo qualquer coisa que mereça a atenção dos homens, essa deve ser a maior coisa que o homem é capaz de conhecer: o próprio paraíso de Deus. Se uma pessoa pode sentir-se inteiramente envolvida em seus próprios interesses pelas patéticas coisas que foram distorcidas pelo pecado, quão infinitamente mais interessantes serão novos céus e uma nova terra!

Nossos corpos serão corpos glorificados! Nossas capacidades serão tremendamente aumentadas. Já sabemos que, em comparação com outras criaturas deste mundo, somos quase cegos, surdos e mudos. Que nos acontecerá, pois, quando formos libertados da servidão ao pecado? Se agora podemos ouvir música que nos faz vibrar o coração, enquanto ainda estamos limitados a uma minúscula e estreita faixa do espectro dos sons, como será quando os nossos ouvidos forem abertos para que possamos ouvir todas as vastas harmonias dos céus? Agora mesmo somos quase cegos quando equiparamos nossa visão com a visão microscópica e telescópica de certos pássaros. Quase nem podemos ver, mas como será quando a nossa visão for aquela própria de corpos perfeitos?

Além disso, haverá o progresso contínuo e quase infinito do conhecimento. A perfeição moral não elimina o progresso. Existe tal coisa como progresso na perfeição. Adão era perfeito, e, contudo, não era onisciente. Ele não sabia todas as coisas; e ia crescendo em conhecimento. Jesus era perfeito, e, no entanto, a Bíblia diz que Ele também cresceu em sabedoria e conhecimento. Por igual modo, nós, que agora conhecemos em parte, então conheceremos perfeitamente. Quão maravilhoso será começarmos a usar aquela porção da capacidade da mente humana que, no nosso estado pecaminoso, permanece inativa em cerca de noventa por cento — incluindo os maiores gênios que já viveram na terra. Que tremenda aventura intelectual será aquela!

Além disso, como é óbvio, estaremos isentos de toda tristeza. É conforme nos diz o Dr. Charles Hodge: “O que nos furta da alegria de viver? O que quer que seja,

terá então desaparecido". Para muitas pessoas, essa coisa será a dor. A dor, agora, vem e perturba o sono delas. A dor bate à porta sem haver sido convidada, agindo qual intrusa. Intromete-se até à própria medula dos nossos ossos. Pulsa, lateja e dói. Quantas pessoas existem que, se pudessem ser livradas de suas dores, sentir-se-iam como se já tivessem sido guindadas ao paraíso. No céu terá desaparecido toda dor. "... já não haverá ... dor ...", diz a Bíblia. Mas, por enquanto, também há a dor da alma. Quantas pessoas sentem que lhes foi arrebatada a própria alegria de viver, por ocasião do falecimento de algum ente querido? Seus corações como que murcham, parecendo-lhes que a vida nunca mais lhes oferecerá alegrias. Mas lá no céu não haverá mais qualquer tristeza, e nem haverá morte, pois haverá tão-somente o aprazimento contínuo de todas as bem-aventuranças celestiais.

Apocalipse 21:4

Outrossim, não haverá mais pecado. Agora, não percebemos que o pecado é aquilo que realmente nos tira a alegria de viver. Que bendita comunhão — que bendito companheirismo haverá entre os santos quando o pecado não mais puder manifestar-se, quando tiverem desaparecido o egoísmo, a ira, as explosões temperamentais, o orgulho ou o engano, quando não mais estivermos caminhando nas trevas, que encobrem toda a real intenção dos corações. Todavia, haverá um amor puro e perfeito. Que profunda comunhão das almas e dos corações quando se harmonizarem uns com os outros, nas grandes aventuras que se estenderão à nossa frente, para sempre, no céu!

Naturalmente, haverá também as belezas externas e internas daquele local. Estive no estado norte-americano de Oregon, e contemplei a magnificente beleza daquela região, com suas belas montanhas que se erguem para o céu. Se este mundo, sob as algemas do pecado, pode exhibir diante de nós tanto encanto, que será isso, senão migalhas caídas da mesa, se o confrontarmos com aquela beleza indescritível que predominará no próprio paraíso do Deus infinito?!

Desfrutaremos da certeza que nunca perderemos

tanta felicidade. Sem importar o que você possua nesta vida, e sem importar onde você esteja residindo, ou no sul de Minas, com todos aqueles encantos naturais, ou nos Alpes suíços, ou em qualquer outro lugar, e sem importar quantos bens materiais você tenha, é claro que você sabe que, algum dia, todas essas coisas escorrerão para longe do seu domínio. Considere aquele temor de perda que a idade avançada traz, quando tantas pessoas idosas vivem na constante ansiedade de perderem tudo quanto possuem. Mas no céu haverá segurança eterna — o contínuo e interminável aprazimento de todo bem, para sempre. Essa será a bem-aventurança celestial.

No céu também haverá a felicidade do reencontro. Lembro-me da história comovente de Tony Fontaine, cuja bela voz enlevou os corações de tantos. Os seus progenitores eram crentes devotos, que trabalhavam para Cristo em regiões onde a pobreza imperava. Porém, o próprio filho deles se rebelou e rejeitou a vida disciplinada deles, bem como o amor que demonstravam ter a Cristo. Antes, ele queria dar largas às suas paixões da mocidade, buscando fama e fortuna neste mundo, com o talento que Deus lhe dera, mas que para ele parecia ser de sua própria autoria. Tony partiu para Hollywood, onde tornou-se astro famoso, enquanto sua mãe continuava orando em favor dele o tempo todo. Noite após noite ela umedecia o travesseiro com suas lágrimas, rogando em favor de seu jovem Tony. Ela envelheceu e ficou doente, e, contudo, Tony não vinha a Cristo. Finalmente ela faleceu e deixou Tony ainda envolvido em seu estado de perdição.

Algum tempo mais tarde, Tony foi novamente confrontado pelo evangelho. Pela providência de Deus, foi conduzido até diante da cruz e aceitou o seu Salvador pessoal. Entregou sua vida, sua alma, seu talento e seu tudo a Cristo, e desde então tem usado a sua voz para ajudar na transformação de inúmeras vidas.

Um dia, quando Tony Fontaine estava cantando em uma cidade norte-americana da costa do Pacífico, aproximou-se dele uma mulher (pois ele havia contado a

história de sua vida e mencionara sua mãe), a qual lhe disse: “Vou partir esta semana e me sentiria satisfeita em levar uma mensagem sua à sua mãe, se você assim quiser”.

Tony observou: “Eu . . . eu lhe agradeço, mas a senhora parece não me ter compreendido. Minha mãe já morreu”.

A idosa mulher retrucou: “Compreendi, sim, perfeitamente bem. Mas é que eu estou indo para onde ela já se encontra, e eu ficaria alegre em levar a ela uma mensagem sua, se você o quisesse”.

Ele estacou por um pouco, pensou, e proferiu aquelas palavras que desde então tem entoado por tantas vezes: “Diga à minha mãe que também chegarei lá, em resposta às orações dela. Diga à minha mãe, diga à minha mãe, que também chegarei lá”. Passado algum tempo, Tony ficou sabendo que a idosa senhora falecera naquela mesma semana. E estou certo que o recado dele foi entregue.

Que bendita oportunidade de reencontros será aquela! Certo homem declarou que nunca antes havia compreendido realmente o que Jesus quisera dizer ao falar em tesouro no céu, até que ele mesmo perdeu um filho. Sem embargo, quando esse tesouro foi depositado no céu, ele exclamou: “Ah, agora meu coração também está fixo lá. Quão real tornou-se o céu para mim”. “. . . onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração”. Sim, quão bendito será o reencontro no céu, naquele dia! Pois o céu é um lugar onde não mais haverá “adeus”, mas tão-somente “alô!”

Mateus 6:21

Todavia, a questão mais urgente não é se um lugar nos foi preparado, e, sim, se já fomos preparados para aquele lugar. O seu nome será chamado? Está o seu nome inscrito ali?

O campo de batalha estava juncado de cadáveres. O cirurgião já fizera tudo quanto estava ao seu alcance, e agora se sentara por alguns momentos, para descansar. De súbito, alguém disse: “Estou aqui!”

O cirurgião levantou-se de um salto e correu para o

soldado, ajoelhou-se ao lado dele e indagou: “Que posso fazer por você, filho?”

O soldado abriu os olhos, surpreso, e respondeu: “Nada. É que estavam chamando os nomes dos que estão registrados no céu. E acabaram de chamar também o meu nome; e então respondi!”

João 14:6

Está o seu nome registrado no Livro da Vida do Cordeiro? Você só pode ter o céu garantido, ali, se ele lhe for garantido desde aqui. A vida eterna encontra-se em Jesus Cristo, e aqueles que tiverem recebido a Jesus Cristo aqui serão aqueles que entrarão na vida eterna, ali. Cristo declarou: “Eu sou o caminho ... ninguém vem ao Pai senão por mim”. Cristo é a vida — vida abundante e vida eterna, e aqueles que O acolhem em seus corações, como seu Senhor e Rei, como seu Salvador e Mestre, são aqueles que haverão de residir no céu. Você será contado entre os habitantes do céu? Você já recebeu o Rei do Céu como o Rei de seu coração?

I João 5:13

Se você tiver de ir para o céu, então há certa coisa que você é capaz de afirmar: **Sei que eu estou indo para lá.** “Estas cousas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus.” Isso é o que as Escrituras ensinam. Porém, se você ainda não sabe se está indo para lá, meu amigo, então é que, realmente, você não está indo para lá — porquanto, se estivesse indo, saberia dizê-lo. Deus não daria Sua maior dádiva sem nos dar alguma certeza de que possuímos esse tesouro. Você já recebeu a Cristo? Ele é o seu Tudo em todos? É somente nEle que você está confiando, ou você continua dependendo de seus míseros trapos imundos de sua justiça própria? Pode você cantar: “Bendita certeza, Jesus é meu! Oh, que antegozo da glória divina”?

Eu estou indo para o céu. Disso sei muito bem. Não mereço o céu, nunca o mereci e nunca o merecerei. No entanto, pela pura e desmerecida graça divina, por meio da cruz de Jesus Cristo, meu Salvador, estou indo para o paraíso, para sempre — e sempre — e sempre — e sempre. **E você?**

Oh, Senhor, que a luz da vida rebrilhe nos corações daqueles que continuam tropeçando nas trevas, por entre a negridão deste mundo a caminho da morte eterna; que possam ver seu pecado e sua desesperança. Que possam olhar para o rosto de Cristo, sobre a cruz, e que possam saber que, por esse motivo, Ele veio lá do céu; por essa causa Ele abandonou momentaneamente a Sua glória, encarnando-Se na natureza humana. Por nós e por causa dos nossos pecados, Ele morreu, saldando assim nossa dívida e pena — a fim de que nos pudesse ser outorgado o dom de Deus, o dom da vida eterna. Senhor, que essas pessoas possam crer agora. Que seus corações clamem neste momento: "Senhor Jesus, abro para Ti meu coração. Vem, ó Tu que és luz, vida, paz e alegria. Vem, e traz Contigo o céu. Mediante a fé, vem habitar em meu coração. Eu Te recebo. Confio em Ti. Entrego-me a Ti. Toma-me e faz-me Teu para sempre, para que eu Te ame agora e para todo sempre". Em Teu memorável nome. Amém e Amém.

16 A BÍBLIA

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

João 1:1.

Disse nosso Senhor Jesus Cristo: "Santifica-os [muda ou transforma] na verdade; a tua palavra é a verdade". Por intermédio da verdade de Deus nossas vidas são alteradas, nós mesmos somos transformados. A verdade de Deus é viva, vital, transformadora da vida. Portanto, ela se reveste de importância vital, mormente nesta nossa época de confusões, nestes dias de ignorância no que tange às realidades divinas. Tudo isso exige que os crentes estejam bem firmados quanto à veracidade da Palavra de Deus.

João 17:17

Ainda recentemente, conversava eu com uma jovem senhora. Após ter-me certificado de que ela acreditava na Bíblia como a Palavra de Deus, perguntei-lhe: "Diga-me, o que a senhora recomendaria às pessoas que lhe pedissem para provar que a Bíblia é a Palavra de Deus? O que a senhora responderia?"

Ela pensou por um pouco, e respondeu: "Eu não saberia o que dizer para essas pessoas".

Você diz que acredita que a Bíblia é a Palavra de Deus. Esse seu parecer é apenas uma crença cega, algum salto no escuro, algum desejo que gerou o pensamento? ou, por outro lado, haverá alguma prova concreta, alguma demonstração do fato que a Bíblia é, de fato, a Palavra de Deus? Pergunto a mim mesmo quantos crentes saberiam o que responder a uma pessoa que lhes indagasse: "Você pode provar para mim a realidade de sua crença de que este livro foi inspirado por Deus?"

Há muitos livros que se afirmam inspirados. Há muitos livros que são considerados revelações inspiradas. Como é que você pode saber qual é a verdade?"

Informe-me, em livro recém-publicado, intitulado *Poeira da Morte*, de Os Guinness, que o grande avanço das religiões orientais na América do Norte, em anos recentes, deve-se ao fato que as pessoas realmente não entendem o significado da divina revelação. Não compreendem o que as Escrituras ensinam a respeito da natureza, do caráter sem igual, definitivo da revelação que Deus nos brindou nas Sagradas Escrituras. Portanto, correm atrás de qualquer tipo de experiência mística que, segundo pensam, haverá de pô-las em contacto mais íntimo com Deus.

Como é que você sabe que a Bíblia é a Palavra de Deus? Essa é uma boa pergunta que temos de encarar, quando nos aproximamos de qualquer ramo do conhecimento e da erudição humanos. Trata-se daquilo que veio a ser conhecido por *questão epistemológica*. A epistemologia é o estudo de como chegamos a saber das coisas. É a ciência do conhecimento. Como é que a gente chega a saber das coisas? Essa é a questão explorada pela epistemologia. Sim, como é que você sabe que a Bíblia é a Palavra de Deus? Como é que você sabe que um profeta qualquer foi enviado da parte de Deus? A Bíblia responde a todas essas indagações com cristalina clareza.

Vamos examinar agora a questão. Notamos que as Escrituras *reivindicam* para si mesmas, explícita e reiteradamente, serem elas a Palavra de Deus. A Bíblia afirma ser uma revelação do Deus Todo-poderoso à humanidade. Ora, isso pode não parecer notável e relevante para certas pessoas; mas quero frisar que nenhum dos livros sagrados das várias grandes religiões fazem reivindicação similar. Nos escritos de Confúcio, não há o mais ínfimo indício de que sejam uma revelação divina. Ele nunca ao menos sonhou que os seus escritos tivessem tal natureza. Buda também não reivindica, para qualquer de seus escritos, alguma espécie de revelação divina. Portanto, averiguamos que, em muitas das

grandes religiões do mundo, não se faz qualquer reivindicação parecida com essa. Entretanto, por mais de duas mil vezes, só no Antigo Testamento, a Bíblia faz tal reivindicação: “Assim diz o Senhor . . . veio a este [o profeta Jeremias] a palavra do Senhor, dizendo . . .” Por muitas e muitas vezes, podemos ler: “Assim diz o Senhor”. A Bíblia faz essa *reivindicação*.

Jeremias 28:11-12

Ora, estou pronto para admitir, diante de qualquer pessoa, que fazer uma reivindicação e consubstanciá-la são duas questões inteiramente diversas. Mas, se essa reivindicação nunca tivesse sido feita pelas Escrituras, então, sem dúvida, algumas pessoas diriam: “Os cristãos reivindicam para a Bíblia aquilo que ela nunca diz de si mesma, isto é, que se trata de uma revelação vinda de Deus”. Trata-se daquele mesmo argumento que alguns têm postulado: “Jesus nunca afirmou ser Ele o Messias”. Você já ouviu esse argumento? Pois bem, isso faz parte da invencível ignorância que prevalece, atualmente, em tantos países ocidentais, a respeito das Escrituras. A leitura mais aligeirada dos evangelhos convence a quem quer que seja que a verdade é muito diferente daquilo que essas pessoas asseveram.

No terceiro capítulo do evangelho de João, lemos que a mulher que estava à beira do poço de Jacó disse a Jesus: “Eu sei . . . que há de vir o Messias . . .” E Jesus replicou: “Eu o sou, eu que falo contigo”. Como poderia haver afirmativa mais explícita do que essa? Ora, Jesus reiterou esse conceito por diversas outras vezes, até que, finalmente, sob juramento, diante do Sinédrio, quando Lhe foi indagado se Ele era o Cristo, o Filho do Deus vivo, Jesus concordou dizendo: “Tu o disseste”. Pois bem, por semelhante modo, as Escrituras reivindicam ser a Palavra de Deus. Se a Bíblia não tivesse feito tal assertiva, então algumas pessoas diriam que estamos tentando fazer a Bíblia afirmar aquilo que ela não reivindica para si mesma.

João 4:25

João 4:26

Mateus 26:63-64

Porém, como podemos demonstrar que essa reivindicação da Bíblia é veraz? As mesmas pessoas capazes de fazer indagações como aquelas, acima, são as que também se inclinam por observar: “Bem, a Bíblia

está cheia de contradições e erros". Estou certo que você já ouviu declarações desse naipe por inúmeras vezes. Portanto, sugiro aqui uma resposta simples, que tenho empregado por muitas vezes. Simplesmente puxo do Novo Testamento, de dentro do bolso do paletó, e digo: "Isso é deveras interessante. Venho estudando a Bíblia durante anos, e nunca fui capaz de achar um erro ou uma contradição em suas páginas. Você faria o favor de mostrá-los para mim?" Até hoje nunca alguém se atreveu a fazê-lo. Não, a Bíblia não está cheia de contradições e erros, e as pessoas que mais facilmente assim pensam, usualmente são aquelas que menos conhecem os ensinamentos da Bíblia. Geralmente são pessoas que nunca leram a Bíblia uma vez sequer. Poderíamos mencionar para essas pessoas que alguém como Archibald T. Robertson, cuja maciça obra intitulada *Gramática Grega à Luz da Pesquisa Histórica*, a mais monumental gramática do grego "koiné" que já foi publicada, cria na absoluta infalibilidade das Escrituras. O Dr. Robert Dick Wilson, de Princeton, provavelmente o maior de todos os lingüistas que já viveu, e que sabia falar quarenta e seis idiomas diferentes, cria que o Antigo Testamento é absolutamente digno de confiança. E W. F. Arndt e F. W. Gingrich, autores do léxico grego mais moderno que existe, onde cada vocábulo do Novo Testamento grego é examinado virtualmente com base em toda a antiga literatura grega, concederam-nos o mais minucioso exame do pleno sentido de todos os vocábulos do Novo Testamento grego. Não obstante, esses eruditos criam que a Bíblia é absolutamente infalível em sua veracidade e destituída da qualquer contradição consigo mesma. W. F. Arndt chegou mesmo a escrever um livro, intitulado *Contradiz a Bíblia a Si Mesma?*, onde ele aborda diversas das supostas contradições para as quais apelam aqueles que têm sido encostados na parede, demonstrando que tais alegações pertencem à natureza mais superficial possível. O exame mais aligeirado, um pouco abaixo da superfície, demonstra que na Bíblia não existem contradições. Não, a Bíblia não está cheia de contradições e erros; pelo con-

trário, ela é a própria Palavra de Deus.

Como podemos provar isso? Deus nos diz, com notável clareza, como podemos provar essa questão. Como você pode saber se um profeta é alguém enviado da da parte de Deus? Deus apresenta-nos a mesma indagação: “Como conhecerei a palavra que o Senhor não falou? sabe que quando esse profeta falar, em nome do Senhor, e a palavra dele se não cumprir, nem suceder, como profetizou, esta é a palavra que o Senhor não disse . . .” O dom da profecia é um dos métodos através dos quais a Bíblia autentica a si mesma como a Palavra de Deus. Ora, uma vez mais, algumas pessoas não sabem apreciar devidamente a significação desse fato, porquanto não percebem que esse é outro fator notavelmente ausente em todos os outros escritos religiosos, fora da Bíblia. Por exemplo, os escritos de Buda não encerram qualquer espécie específica de profecia preditiva a respeito de acontecimentos futuros. Nas obras de Confúcio não há, em absoluto, qualquer indício de profecias preditivas. No caso do Alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos, acha-se somente a predição de Maomé de que ele retornaria a Meca, “uma profecia auto-cumprida”, a qual ele, naturalmente, cumpriu pessoalmente. Isso é inteiramente diferente das profecias de Cristo, o qual predisse que ressuscitaria de entre os mortos. Ora, essa é apenas uma dentre diversos milhares de profecias que figuram nas Escrituras, as quais pertencem a uma natureza a mais específica, concreta e definida possível.

A Bíblia recomenda: “Não desprezeis profecias; julgai todas as cousas, retende o que é bom”. Algumas pessoas objetarão, dizendo: “Ora, essas profecias da Bíblia eram apenas predições vagas e gerais, semelhantes ao oráculo de Delfos, que profetizou que quando dois generais romanos se encontrassem fora da cidade de Roma, para combater, seria destruído o inimigo de Roma. Pois bem, houve dois generais que levaram a sério essa predição, supondo-se amigos de Roma. Como é óbvio, tal predição não podia deixar de ser cumprida de uma maneira ou de outra”. Ou então os céticos poderão dizer: “Bem, hoje em dia também há pessoas que

Deuteronomio
18:21-22

I Tessalonicenses
5:20-21

profetizam". É mesmo? Isso é verdade? Examinemos a questão por alguns instantes. Provavelmente a mais notável dessas figuras é Jeane Dixon. Eis aí uma profetiza que, segundo nos dizem, tem feito notáveis predições com espantosa exatidão — embora nada nos digam sobre seus equívocos colossais! Consideremos a década de 1950, por exemplo. Ela profetizou acerca de todos os candidatos de cada um dos principais partidos políticos, como também a respeito do vencedor de cada uma das três eleições presidenciais, de 1952, 1956 e 1960. Como foi que ela se saiu? Bem, jogando cara e coroa, qualquer pessoa teria chance de acertar quem seria o vencedor — mas o resultado que ela obteve durante aquela década inteira foi "zero"! Ela errou a respeito de cada candidato de cada partido, bem como a respeito de cada vencedor de cada eleição presidencial. Talvez você nunca tivesse ouvido antes essa revelação. Destarte, vê-se que há uma imensa diferença que separa as profecias de alguém como Jeane Dixon e as infalíveis profecias bíblicas, as quais todas vêm recebendo cumprimento de conformidade com aquilo que afirmam.

Consideremos mais de perto essas profecias bíblicas. Vemos que essas profecias envolvem variados assuntos, incluindo dois que eu gostaria de examinar com mais detalhes. Poderíamos dedicar tempo para examinar a vida de Cristo, conforme ela é predita nas profecias bíblicas. Existem trezentas e trinta e três profecias específicas concernentes à vida de Jesus Cristo no Antigo Testamento, mas estou supondo aqui que essas profecias são regularmente bem conhecidas.

Entretanto, eu gostaria de ventilar o fato que quase cada cidade principal, e virtualmente cada nação, dentro de um raio de quase dois mil quilômetros de distância de Israel, tiveram o seu futuro predito na Bíblia. Portanto, as profecias bíblicas são tão específicas, tão concretas, tão definidas que qualquer pessoa pode dizer se elas foram cumpridas ou não. Qualquer estudante ginásiano, munido de uma enciclopédia, poderia averiguar a exatidão dessas profecias; e, no entanto, a maioria das pessoas simplesmente ignora-as,

e nem ao menos toma consciência do fato que elas existem.

Em primeiro lugar, consideremos as profecias atinentes às cidades de Tiro e Sidom. Poderíamos observar que as predições concernentes às cidades e nações são muito variáveis. Algumas profecias diziam que cidades e nações seriam inteiramente erradicadas. Seriam destruídas para nunca mais serem novamente habitadas. Todavia, outras cidades seriam dizimadas à espada, mas continuariam existindo. Ainda outras seriam diminuídas, aviltadas, mas prosseguiriam existindo através dos séculos. Isso é admirável! Suponhamos que essas predições tivessem um cumprimento oposto! Contudo, as profecias bíblicas são infalíveis, infalivelmente corretas. Por exemplo, no caso de Tiro e Sidom. Tiro foi a capital do mundo durante dois mil anos, e crescera até tornar-se para o mar o que Babilônia se tornara para a terra. Cartago era apenas uma das colônias de Tiro quando Ezequiel proferiu suas famosas predições acerca dessa grande cidade. Ele disse o seguinte (devendo-se observar a natureza específica dessa predição): “Elas destruirão os muros de Tiro, e deitarão abaixo as suas torres; e eu varrerei o seu pó, e farei dela penha descalvada. No meio do mar virá a ser um enxugadouro de redes; porque eu o anunciei, diz o Senhor Deus . . . as tuas pedras, as tuas madeiras e o teu pó lançarão no meio das águas . . . virás a ser um enxugadouro de redes, jamais serás edificada; porque eu, o Senhor, falei . . .” O que sucedeu, pois, a essa cidade? Alguns anos após Ezequiel haver assim profetizado, Nabucodonosor, poderoso monarca da Babilônia, invadiu a região costeira e assediou a cidade de Tiro. Por treze anos continuou o cerco da poderosa Tiro, e, finalmente, suas muralhas foram rompidas. Os cavalos do exército de Nabucodonosor entraram nas ruas de Tiro, a população foi morta à espada, e o sangue esguichou como vinho. A cidade foi saqueada, algumas das suas torres foram derribadas, algumas poucas brechas foram feitas nas muralhas, a cidade foi incendiada, e Nabucodonosor retornou à Babilônia.

Isaías 23:15

Ezequiel 26: 4-5,
12, 14

Ezequiel 26:7

Cumpriu-se assim a profecia de Ezequiel? Somente em parte. A cidade fora destruída, mas ali, elevando-se acima do horizonte sobre o vazio Mediterrâneo, os restos das muralhas e as poderosas torres de Tiro continuavam sendo vistos. Ali, dentro daquelas muralhas, grandes pilhas de enormes pedras, de madeiramento e de entulho davam testemunho do fato que aquelas predições ainda não tinham tido cumprimento cabal. E agora, quem cumpriria aquilo que fora predito por Deus? Quem viria para arrasar e nivelar as muralhas daquela cidade? Quem viria e empurraria as imensas pedras da muralha, lançando-as para dentro do mar? Quem tomaria a madeira e a lançaria ao mar, chegando a raspar o pó, até que o grande cômodo de destroços se tornasse uma rocha nua, um lugar para serem espalhadas por ali redes de pescar? Que homem faria tais coisas? Quem poderia garantir que Tiro nunca mais seria reconstruída e nem habitada?

Cumpra notar que Ezequiel não profetizou depois da destruição total, porque nesta época o profeta já morreria. Passou-se então um século, e outro século, e mais meio século. Um quarto de milênio mais tarde, a cidade continuava existindo, como mudo testemunho de que aquela predição não fora ainda completamente cumprida! E foi então, como que ao chamado da trombeta, que surgiu o terror proveniente do norte — quando um poderoso conquistador surgiu no horizonte. Revestido de prata e com uma armadura de ouro, um capacete emplumado e montado em seu fogoso cavalo, Bucéfalo — surgiu aquele grande guerreiro, seguido pelas maciças falanges macedônias, o guerreiro de nome Alexandre, o Grande, um nome que fazia estremecer de pavor a espinha dorsal dos soldados persas. Nessa ocasião, Alexandre teve de enfrentar o poderoso monarca da Pérsia, infligindo-lhe uma esmagadora derrota. Antes de persegui-lo por terra, entretanto, Alexandre decidiu anular a força da grande marinha persa, entulhando todos os seus portos marítimos. Um por um esses portos se foram rendendo, até que Alexandre chegou diante de Tiro, a oitocentos metros da

praia, edificada sobre uma ilha. Como poderia Alexandre chegar até ela? Alexandre exigiu a rendição da cidade. Mas os habitantes riram-se dele. A cidade era inexpugnável em sua fortaleza marítima. Finalmente, Alexandre concebeu um dos mais brilhantes planos da história das artes bélicas. Seria construído um passadiço de terra, que atravessasse aquela faixa do mar Mediterrâneo, e assim seria destruída a cidade que tentara frustrar os planos de Alexandre. Mas, onde seria encontrado o material para construir tal passadiço de terra? “Derrubem as torres! Destruam as muralhas! Tomem as pedras imensas, e toda aquela madeira, e lancem tudo ao mar!”

Anos atrás folheei um livreto intitulado, *Alexandre, o Grande*, de autoria de Charles Mercer, cujo consultor técnico foi Cornelius C. Vermeule III, curador de Artes Clássicas do Museu de Belas Artes de Boston. Esse livro inclui uma notabilíssima descrição: “A porção continental de Tiro foi nivelada, e os destroços foram levados para o local da construção. Entrementes, foram trazidas grandes toras de madeira, tiradas das florestas do Líbano, e foram abertas pedreiras nas colinas, para suprir as pedras para o fabuloso passadiço de Diades... E o próprio Alexandre carregou pedras nas costas”. Destroços, toras de madeira e pedras! “... as tuas pedras, as tuas madeiras e o teu pó lançarão no meio das águas...” Dois séculos e meio mais tarde essa profecia teve cumprimento!

Ezequiel 26:12

Não obstante, nem mesmo isso cumpriria *completamente* a profecia, porque algo mais teria de suceder à cidade de Tiro. Ela fora raspada, e agora fora transformada em rocha nua. Todavia, teria ainda de ser reduzida a um “... enxugadouro de redes...” Constantin Volney, o grande cético, referiu-se ao fato de ter visto pescadores espalhando naquelas penhas nuas as suas redes de pesca. E eu mesmo já vi fotografias que mostram redes de pescadores secando sobre as rochas de Tiro.

Ezequiel 26:14

Comparemos agora as profecias concernentes a Sidom, cidade uns tantos quilômetros mais ao norte. Deus dissera que fome e pestilência sobreviriam à cidade, e

Isaías 23

Jeremias 27:3-6;
47:4
Ezequiel 28:23

que Ele lhe mandaria o castigo da espada, mas que a própria cidade continuaria existindo. E assim, efetivamente, sucedeu! Sidom nunca foi totalmente arrasada, embora tenha sido saqueada e pilhada por muitas vezes. Ela tem continuado a existir, a despeito dos ataques contra ela desfechados, até aos nossos próprios dias. Suponhamos, porém, que o profeta tivesse misturado entre si essas duas predições!

Jeremias 24:9;
29:21; 35:17

Isaías 4:3-6

Miquéias 1:5-6

Tomemos um outro par de cidades um tanto similar às aquelas duas: Samaria e Jerusalém, respectivamente as capitais do reino do norte e do reino do sul. No tocante a Jerusalém, é bem conhecido o fato que Deus declarara que destruiria essa cidade pelas mãos de Nabucodonosor —derrubando suas poderosas muralhas. Porém, o Senhor também dissera que suas muralhas seriam edificadas novamente, ainda que em tempos agitados. As muralhas seriam reedificadas e a cidade seria habitada outra vez. Naturalmente, sabemos que tudo isso se cumpriu à risca. Tenho estado no alto daquelas poderosas muralhas, caminhando por uma parte da extensão das mesmas. Atualmente elas continuam de pé, uma cena espantosa. Porém, que dizer sobre as grandiosas muralhas da poderosa cidade de Samaria, edificada no topo de um monte? A respeito dessas muralhas, Deus dissera que Ele projetaria suas pedras vale abaixo, que Ele destruiria a cidade, que ela seria transformada em vinhedos, e que os próprios alicerces da cidade seriam descobertos. Também visitei o local da cidade de Samaria; e que foi que vi? Sem ao menos ter tomado ainda conhecimento daquelas predições bíblicas particulares, lembro-me de ter olhado para o fundo do despenhadeiro, centenas de metros abaixo de mim, e de ter visto as gigantescas pedras que antes haviam formado parte das muralhas de Samaria. Lembro-me que o cicerone chamara minha atenção para as diversas árvores e plantações (oliveiras e vinhedos). Então tive oportunidade de contemplar as imensas escavações mediante as quais as muralhas de todos os séculos anteriores, uma dinastia após outra, haviam ficado expostas. Os próprios alicerces de Samaria foram postos

a descoberto! Essas são apenas algumas poucas dentre as predições bíblicas acerca de cidades.

Sabemos o que Deus diz a respeito de Asdode (a qual também visitei): “Eliminarai o morador de Asdode...” Uma definição cristalina e inequívoca do fato que essa cidade seria totalmente destruída! Ali absolutamente nada existe que seja vivo — o local é uma total desolação. Não há nem uma casa, nem cabana e nem tenda no local onde antes se encontrava Asdode.

Amós 1:8

Sofonias 2:4

A mesma coisa pode ser dita com respeito a Ascalom. “. . . e Ascalom não será habitada”. Hoje, quase dois mil e quinhentos anos mais tarde, Ascalom continua desolada e desabitada! Isso é confirmado por Constantin Volney, o qual faz alusão “. . . às ruínas desérticas de Ascalom” (*Volney’s Travels*, vol. 2, pág. 338).

Zacarias 9:5

Se ainda assim você sente que essas interpretações são subjetivas, permita-me destacar o fato que estou usando como fonte de referências os escritos de vários cétricos, coligidos da coletânea do Dr. Alexander Keith. Os cétricos ali citados são homens como Constantin Volney, que treinou Abraham Lincoln no ceticismo, durante a maior parte dos seus anos de juventude, e Edward Gibbon, autor de *Ascensão e Queda do Império Romano*, o qual foi um cético notável.

Todas as cidades de Edom haveriam de ser destruídas. As profecias bíblicas acerca disso são salientes e muito específicas. Disse Jeremias: “Assim será Edom objeto de espanto . . . Como na destruição de Sodoma e Gomorra, e das suas cidades vizinhas, diz o Senhor, assim não habitará ninguém ali, nem morará nela homem algum”. Ezequiel mostra-se ainda mais enfático, ao declarar que em vista dos edomitas terem combatido contra Israel, ao tempo de sua calamidade, Deus, por sua vez, haveria de destruí-los completamente. Disse o Senhor: “Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu estou contra ti, ó monte Seir [Edom], e estenderei a minha mão contra ti, e te farei desolação e espanto. **Farei desertas as tuas cidades e tu serás desolada; e saberás que eu sou o Senhor**”. Ezequiel descreve também a extensão da

Jeremias 49:17

Jeremias 49:17-18

Ezequiel 35:3-4

Ezequiel 35:9

Ezequiel 25:13

destruição que sobreviria à terra de Edom: “Também estenderei a minha mão contra Edom, e eliminarei dele homens e animais; torná-lo-ei deserto, e desde Temã até Dedã cairão à espada”.

Essas são profecias espantosas. Elas são extraordinariamente específicas. Ninguém habitaria mais naquelas cidades; nenhuma criança nasceria nelas; e tais cidades não voltariam a existir. Desse modo se saberia que o Senhor é Deus. A extensão geográfica e cronológica da desolação é descrita nessas profecias. Eis um ousado desafio lançado diante dos incrédulos! Essas espetaculares predições têm-se cumprido? Basta-nos dar atenção aos escritos de vários céticos e exploradores que têm percorrido o Oriente Médio. No tocante a Edom, Constantin Volney assevera que podem ser encontrados vestígios de muitas aldeias e vilas. No presente, **toda aquela região é um deserto**. A respeito de Edom, John L. Burckhardt também declara: “E Maan é a única localidade habitada, em toda aquela região” (*Burckhardt's Travels*, pág. 436). A própria natureza da desolação foi descrita por Jeremias. “Se vindimadores viessem a ti, não deixariam alguns cachos? se ladrões de noite, não te danificariam só o que lhes bastasse? Mas eu despi a Esaú . . .” Burckhardt declara que a planície inteira apresentava à vista uma expansão de areias movediças, e que a profundidade da areia extingue as pastagens” (*Burckhardt's Travels in Syria*, pág. 442). De conformidade com o profeta, as cidades de monte Seir, ou Edom, seriam arruinadas e deixadas em estado de desolação. E, conforme afirma Burckhardt: “Os logradouros seguintes, arruinados, acham-se situados no monte Seir: Calaabe, Djirba, Eil, Ferdaque, Anique, Birel-Beitar, Semaque e Sique” (*Burckhardt's Travels in Syria*, págs. 443 e 444).

Ezequiel 6:7

Comentando a declaração bíblica de que por intermédio dessa desolação “. . . sabereis que eu sou o Senhor”, Estêvão, um cristão que esteve de visita às ruínas de Petra, antiga capital dos edomitas, declarou: “Oxalá os céticos tivessem estado de pé entre as ruínas daquela cidade, entre as rochas, e ali abrissem o Livro

Sagrado e lessem as palavras dos escritores inspirados, registradas quando aquele local desolado era uma das maiores cidades do mundo. Vejo o riso zombeteiro ser paralisado, as faces empalidecerem, os lábios tremerem e os corações baterem forte de espanto, enquanto a cidade arruinada gritasse para eles com voz poderosa, retinindo, como de alguém que ressuscitasse dentre os mortos. Embora eles não cressem em Moisés e nos profetas, haveriam de dar crédito ao registro deixado pelo próprio Deus, na forma de desolação e ruína eternas em torno deles”. (*Stephen’s Incidents of Travel in Arabia. Petraea*)

Examinemos a seguir algumas das instâncias ainda mais importantes de profecias divinas concernentes à nações inteiras e suas respectivas capitais. Meditemos sobre a cidade de Nínive, capital do grande Império Assírio. Nínive foi a conquistadora do mundo em seus dias. Acerca dessa cidade e nação, Deus fez algumas declarações bem específicas. Disse Ele: “Mas com inundação transbordante acabará duma vez com o lugar desta cidade . . . farei o teu sepulcro, porque és vil”. Ao contemplar o futuro, observou o profeta: “Ah! Vacuidade, desolação, ruína!” Interessantes predições temos aqui. Que sucedeu? Nínive foi conquistada, tal e qual Deus havia predito.

Naum 1:8, 14

Naum 2:10

Como se verificou tal derrota? Exatamente como Naum havia profetizado. O profeta Naum havia declarado: “. . . apressam-se para chegar ao muro, e já encontram o testudo inimigo armado. As comportas dos rios se abrem, e o palácio é destruído”. Além disso, “. . . as portas do teu país estão abertas de par em par aos teus inimigos; o fogo consome os teus ferrolhos”. Observe-mos os pormenores dessas profecias bíblicas. Os ninivitas haveriam de fugir precipitadamente para as grandes muralhas defensivas de sua cidade, preparada para repelir qualquer ataque. Porém, as comportas dos rios seriam abertas, e isso provocaria a dissolução do palácio. O resultado seria que os portões da cidade seriam escancarados diante do inimigo, o qual incendiaria a cidade.

Naum 2:5-6

Naum 3:13

A única narrativa histórica detalhada sobre a queda de Nínive é o relato de Ctésias, preservado em *Diodorus Siculus*. De acordo com essa narrativa, Ciaxares (o monarca dos medos), ajudado pelos babilônios, comandados por Nebopolassar, assediou a cidade de Nínive. As primeiras tentativas de Ciaxares foram inúteis. Foi repellido por mais de uma vez, tendo sido forçado a refugiar-se nas montanhas da cadeia de Zagros. Porém, ao receber reforços, conseguiu derrotar o exército assírio e forçá-lo a encerrar-se dentro das muralhas da cidade. Em seguida, tentou forçar a cidade à rendição por meio de bloqueio. Porém, a tentativa não logrou êxito durante dois anos, até que, repentinamente, seus esforços obtiveram sucesso, quando uma extraordinária enchente do rio Tigre derrubou parte das muralhas da cidade, permitindo assim a penetração das forças armadas da Média. O monarca assírio, Saracus, em desespero, deixou-se queimar vivo nas cinzas de seu palácio. Por causa da violenta barbaridade da época, os vencedores entregaram a cidade inteira às chamas e arrasaram sua anterior magnificência até ao rés do chão. (*Cyclopedia of Biblical Theological and Ecclesiastical Literature*, vol. 7, pág. 112). Deus deixara patente que a destruição de Nínive seria total e irremediável. Disse o Senhor: “Mas com inundação transbordante acabará duma vez com o lugar desta cidade; com trevas perseguirá o Senhor os seus inimigos”. Assim sendo, a cidade foi deixada em estado de ruína, seus monumentos foram destruídos e os seus habitantes foram dispersos ou levados para o cativeiro. Jamais Nínive conseguiu levantar-se novamente de suas ruínas. Essa total desapareição de Nínive é amplamente confirmada pelos registros da história.

Naum 1:8

O profeta Naum também declarou no que concerne a Nínive: “Ah! Vacuidade, desolação, ruína!” O céptico Edward Gibbon descreveu o cumprimento exato dessa predição quando registrou com detalhes uma batalha que se feriu no próprio local onde antes estivera a cidade de Nínive. Afirmou ele que a leste do rio Tigre, no fim da ponte de Mosul, na antiguidade existira a grande

Naum 2:10

Nínive: a cidade, e até mesmo as suas ruínas, desde há muito tinham desaparecido; e o local, agora vazio, provia espaço suficiente para dois exércitos terem ali seus campos de operações. (*Gibbon's History*, vol. 8, págs. 250-251). Deus havia dito: "... farei o teu sepulcro, porque és vil". Os cômodos não dão mostras da existência nem de tijolos, nem de pedras e nem de qualquer outro material de construção; mas encontram-se em muitos lugares, recobertos pela grama. (*Buckingham's Travels in Mesopotamia*, vol. 2, pág. 49). Deus declarara que haveria de, literalmente, varrer Nínive da face do planeta, pondo-lhe fim com um golpe só. Confirmando inconscientemente o cumprimento dessa predição, Constantin Volney clama: "Onde estão aqueles terraplenos de Nínive? O nome de Nínive parece estar ameaçado pelo mesmo esquecimento que tomou de assalto a sua grandeza". (*Volney's Ruins*, caps. 2 e 4). E. A. Rowell declarou que o mundo nunca viu cidade que se comparasse a Nínive. Suas imensas muralhas defensivas elevavam-se a mais de sessenta metros de altura, e, por cima das mesmas, várias carruagens podiam correr lado a lado. Faiscando ao sol, seus altaneiros palácios e torres dos templos feriam o céu acima das gigantescas muralhas, enchendo de emoção ao viajante que dela se aproximasse, quando ainda se encontrava muito distante.

Naum 1:14

Naum 1:9

Nínive foi destruída tão completamente que os romanos, em 627 D. C., sob o comando de Heráclio, tiveram de travar uma batalha no topo do cômodo de Nínive, e nem desconfiaram que aquele era o antigo sítio da cidade. Durante bem mais de mil anos poucas pessoas ao menos chegaram a acreditar que Nínive existira algum dia. Tão recentemente quanto o ano de 1840, os escritos dos cétricos estavam eivados de idéias mitológicas a respeito de Nínive, de Sargão e de Assurbanípal, estes dois últimos famosos monarcas assírios — como se tudo não passasse de criações exclusivas da Bíblia — porquanto, conforme qualquer pessoa bem instruída sabia, Nínive jamais existiu, e a Assíria é apenas um mito. "... teus príncipes ... e os teus

Naum 3:17

Naum 1:14

chefes . . . não se conhece o lugar onde estão . . .” E também: “. . . farei o teu sepulcro, porque és vil”. Não foi senão já no ano de 1840 que alguém descobriu um tijolo em meio aos montões de entulho perto do rio Tigre, o qual trazia o nome de Sargão, rei da Assíria, inscrito em um de seus lados. O tijolo foi transportado ao Museu de Paris, onde declararam-no uma fraude óbvia, pois, segundo todos sabiam, nunca existiu a cidade de Nínive, e, por conseguinte, nunca vivera o rei Sargão! Entretanto, em 1845, Layard, que haveria de tornar-se o maior assiriologista de todos os tempos, teve a audácia de escavar um palácio, uma biblioteca, e, finalmente, a cidade inteira. E os críticos foram forçados a admitir que, realmente, existira a cidade de Nínive.

Consideremos por um pouco o magnífico reino que se seguiu à Assíria: a Babilônia. É provável que Babilônia tenha sido a maior cidade que já foi erigida. Ali havia o resplandescendente templo de Belo; e ali estavam os mundialmente famosos Jardins Suspensos.

Babilônia não devia sua cultura a importações. Ali mesmo se inventou um alfabeto; foi buscada a solução para problemas aritméticos; inventaram-se instrumentos para medir a passagem do tempo; concebeu-se o plano da construção de gigantescas estruturas com o mais inferior de todos os materiais de construção — a argila; descobriu-se a arte de polir, furar e gravar em pedras preciosas; estudou-se com êxito os movimentos dos corpos celestes; concebeu-se a gramática como uma ciência; elaborou-se um sistema de leis; percebeu-se o valor de uma cronologia exata. Em quase cada ramo da ciência humana, Babilônia mostrou-se precursora. Grande parcela das artes e da erudição gregas derivava-se de Babilônia. Não obstante, no que tange a esse majestoso império, a essa áurea Babilônia, Deus declarou: “. . . Babilônia, a jóia dos reinos, glória e orgulho dos caldeus, será como Sodoma e Gomorra, quando Deus as transtornou”. Essa é apenas uma dentre mais de uma centena de predições específicas que foram feitas somente sobre Babilônia. Essas profecias revestem-se de uma natureza específica tão pronunciada que é

Isaías 13:19

impossível alguém alegar que elas são obscuras, a exemplo dos oráculos de Delfos. Também não se pode afirmar que tais predições foram escritas depois que ocorreram tais acontecimentos, porquanto muitos dos pormenores proféticos não tiveram cumprimento senão séculos após ter sido feita a tradução do Antigo Testamento do hebraico para o idioma grego, naquilo que ficou conhecido como Septuaginta, em 150 A.C. É impossível atribuir-se data posterior a essas predições. E nem se pode alegar que elas nunca foram cumpridas, pois qualquer jovem estudante, munido de uma boa enciclopédia, pode verificar que essas profecias foram cumpridas minuciosamente. Nessas predições, concernentes ao futuro de grandes cidades e reinos, Deus após o Seu “imprimatur” nas Escrituras Sagradas, confirmando-as como revelações divinas em letras tão graúdas que aquele que passasse correndo poderia lê-las. Por semelhante modo, não se pode asseverar que essas predições sejam somente adivinhações bem arquitetadas, ditadas pela sorte, porquanto há milhares dessas profecias na Bíblia, as quais já se cumpriram à risca. Por igual modo, não se pode afirmar que tais profecias ventilavam eventos de cumprimento fácil. Realmente, muitos dos acontecimentos assim preditos não tinham qualquer precedente na história do mundo, sendo tão incríveis e inacreditáveis em sua própria natureza que, embora tenham sido plenamente confirmados como verazes, pela história, ainda assim nos admiramos profundamente da audácia dos profetas que fizeram declarações tão corajosas.

Salmos 147:15

Pensemos sobre as grandiosas muralhas da cidade de Babilônia. Heródoto revela-nos que essas muralhas tinham torres que subiam acima das paredes de sessenta metros de altura até uma altura de noventa metros. Essas muralhas tinham, na base, a espessura de 57 metros, e circundavam uma área de 36 km², segundo disse uma antiga autoridade. As tríplexes muralhas de Babilônia eram as mais colossais muralhas que jamais haviam sido construídas em torno de qualquer cidade. A respeito dessas muralhas, declarou o Senhor, em Jere-

Jeremias 51:58

Jeremias 51:26

mias 51:58: “Os largos muros de Babilônia totalmente serão derribados . . .” E mais ainda: “De ti não se tirarão pedras, nem para o ângulo nem para fundamentos, porque te tornarás em desolação perpétua, diz o Senhor”. Consideremos estes admiráveis fatos: (1) Aquelas muralhas haveriam de ser derribadas; (2) elas seriam totalmente destroçadas; (3) elas seriam permanentemente destruídas. E ninguém pode afirmar que essas profecias não se cumpriram. Os próprios cétricos confirmam o cumprimento delas. “Onde estão as muralhas de Babilônia?”, indagou Constantin Volney em seu livro, *Ruins*. O major Keppel declarou, em sua obra, *Narrative*, que, a exemplo de outros viajantes, de forma alguma ele foi capaz de descobrir qualquer vestígio das muralhas de Babilônia.

Salmos 76:10

Tal como nos casos anteriores, ninguém pode asseverar que essas predições foram escritas após tudo já ter sucedido, pois as muralhas de Babilônia não foram subitamente destruídas. A cidade foi conquistada por causa de um golpe de astúcia pelos medos-persas, e a destruição de suas muralhas envolveu um lento processo que perdurou por séculos. Essas muralhas continuavam existindo nos dias de Alexandre, o Grande. E continuavam apontando para o firmamento nos dias de Cristo. No século IV D.C., um pequeno resto daquela predição ainda não fora totalmente cumprido. E foi então que teve lugar aquele que foi o mais admirável acontecimento. Juliano, o Apóstata, imperador de Roma, resolveu livrar o Império Romano do cristianismo e restabelecer o paganismo. Estava fazendo tudo ao seu alcance para destruir a crença nas Sagradas Escrituras. Entretanto, Deus declara na Bíblia, a respeito de Si mesmo: “Pois até a ira humana há de louvar-te”. Estando esse imperador engajado em uma guerra contra os persas, perto dos destroços remanescentes de Babilônia (embora nem fizesse idéia da predição que assim estava cumprindo), Juliano destruiu completamente esses restos das muralhas de Babilônia, a fim de que não servissem de proteção, no futuro, ao exército persa. E foi dessa forma que a profecia bíblica teve cumprimento

cabal, através de um dos maiores antagonistas que as Escrituras Sagradas já tiveram em qualquer época.

Ninguém pode afirmar que era inevitável a destruição de Babilônia. A Grande Muralha da China, que não é tão maciça e que é bem mais antiga, continua de pé até hoje. As muralhas de Jerusalém, bem como as de muitas outras cidades antigas, embora tenham sido destruídas por muitas vezes, embora em parte, têm sido reconstruídas e continuam existindo até nossos próprios dias. Caminhei pessoalmente pelo alto das grandes muralhas de Jerusalém, acerca das quais Deus declarou que seriam destruídas, mas a respeito das quais o Senhor também afirmou que seriam novamente erguidas, posto que em tempos tumultuosos. Tanto para as muralhas de Jerusalém quanto para as muralhas de Babilônia tem acontecido exatamente aquilo que Deus predissera a respeito de cada uma delas.

Quando Babilônia era a senhora do mundo, contendo em suas gigantescas muralhas 508 km² da cidade mais magnificientemente desenvolvida de todos os tempos, com belíssimos parques, aquedutos e jardins suspensos, o profeta Jeremias fez esta notável predição: “Por causa da indignação do Senhor não será habitada, antes se tornará de todo deserta . . .” E ainda mais espantosa foi outra predição de Jeremias a respeito de Babilônia: “. . . e nunca mais será povoada, nem habitada de geração em geração”. Na época, essa era uma predição verdadeiramente revolucionária, pois virtualmente desconhecia precedente. Já haviam sido destruídas muitas cidades antigas do Oriente Médio, mas elas sempre tinham sido reedificadas sobre as ruínas das antigas edificações. Há evidências de que, algumas vezes, vinte ou trinta cidades foram reconstruídas sobre o mesmo local. A cidade de Babilônia ocupava excelente situação, às margens do rio Eufrates. Dispunha de ótimas oportunidades comerciais. Militarmente, a cidade era quase invencível. Seus campos lavrados eram de tal maneira férteis que Heródoto, tendo feito ali uma visita, deixou de descrever o que vira, a fim de que não fosse tido por insano.

Jeremias 39:8

Daniel 9:25

Miquéias 7:11

Isaías 33:20

Jeremias 50:13

Jeremias 50:39

Isaías 13:20

Essas estonteantes profecias já se cumpriram? Babilônia tem sido descrita como a metrópole desolada e desabitada (*Mignan's Travels*, pág. 234); um deserto estéril onde as ruínas, para todos os efeitos práticos, é a única indicação de que ela já fora habitada. No tocante a Babilônia, Isaías asseverou: "Nunca jamais será habitada; ninguém morará nela de geração em geração . . ."

Isaías 13:20

No século XVI, nem uma única casa podia ser encontrada em Babilônia (*Ray's Collection of Travels*, Rawolf, pág. 174). No século XIX, ela continuava desolada e destituída de moradores (*Mignan*, pág. 284). No século XX, tudo quanto resta ali são os escombros desgastados de uma anterior magnificente cidade, onde o rei Belsazar viu escrita na parede a predição de seu fim (John Elder, *Prophets and Diggers*, pág. 106). Isaías profetizara: "Nunca jamais será habitada . . ."

Jeremias 51:26,
37

Ruínas compostas como aquelas de Babilônia, ou seja montões de entulho impregnado de azoto, não podem ser cultivadas (*Rich's Memoirs*, pag. 16). O material em decomposição, derivado de uma estrutura como a da antiga Babilônia, condena o terreno atingido a uma esterilidade permanente (*Sir R. K. Porter's Travels*, vol. 2, pág. 391). Foi dessa maneira que Deus garantiu que Suas predições teriam cumprimento completo: "... porque te tornarás em desolação perpétua, diz o Senhor ... Babilônia se tornará em montões de ruínas, morada de chacais, objeto de espanto e assobio, e não haverá quem nela habite"

Há outros detalhes admiravelmente específicos dentro dessa profecia que apontam para Babilônia. Consideremos o pormenor seguinte: "... o árabe não armará ali a sua tenda". Porventura isso tem acontecido, realmente? O capitão Magnan declarou que viu o sol pôr-se por detrás do horizonte, para além de Mujelibah, e obedeceu, com profunda consternação, aos seus guias, que estavam bem armados. Foi-lhe impossível persuadi-los a permanecer nas cercanias de Babilônia por mais tempo. É impossível erradicar a idéia, das mentes daquela gente, de que ali há maus espíritos (*Mignan's Travels*, págs. 2, 198, 201). Isaías prosseguiu: "... nem tão pouco os pastores farão ali deitar os seus

rebanhos". Todos os habitantes das circunvizinhanças dizem que é extremamente perigoso aproximar-se alguém do cômodo após o anoitecer, em face da multidão de espíritos malignos que por ali habitam. Através dessa crença supersticiosa, são impedidos de armar ali suas tendas, durante a noite, ou de ali fazerem descansar seus rebanhos (*Rich's Memoirs*, pág. 27).

Isaías 13:20

Consideremos essas duas específicas mas aparentemente contraditórias profecias. "O mar é vindo sobre a Babilônia, coberta está com o tumulto das suas ondas." E, ". . . em desolação, terra seca e deserta". Agora, notemos o surpreendente cumprimento: Por um espaço ininterrupto de dois meses ao ano, as ruínas de Babilônia são inundadas anualmente pelas enchentes do Eufrates deixando uma boa parte inacessível, convertendo os vales em pântanos (*Rich's Memoirs*, pág. 13). Após a recessão das águas, até os pequenos monturos tornam-se batidos pelo sol e a vista de Babilônia, tal como outras cidades da Caldéia, é uma vastidão ressequida — uma planície queimada (*Buckingham's Travels*, Vol. 2, págs. 302-305).

Jeremias 51:42

Jeremias 51:43

A despeito da inimaginável fertilidade das planícies em redor de Babilônia, Deus dissera: "Eliminai de Babilônia o que semeia, e o que maneja a foice no tempo da sega . . ." Nessa porção da planície, tanto onde restaram como onde não restaram vestígios de edificações, tudo parecia igualmente destituído de vegetação (*Porter's Travels*, vol. 2, pág. 392). "Babilônia se tornará em montões de ruínas . . ." E novamente: ". . . fazei dela montões de ruínas, destruí-a de todo; dela nada fique de resto". Babilônia, pois, foi reduzida a uma vasta sucessão de cômodos, uma grande massa de montões de ruínas. Vastos montões de entulho é tudo quanto resta da antiga Babilônia. (*Keppel's Narrative*, vol. 1, pág. 196).

Jeremias 50:16

Jeremias 51:37

Jeremias 50:26

Essas predições são aqui apresentadas como exemplos dentre mais de cem profecias específicas relacionadas à cidade de Babilônia. A ira do Senhor derramou-se sobre Babilônia. "O Senhor . . . executará a sua vontade contra Babilônia . . . porque cada um dos desígnios do Senhor está firme contra Babilônia . . . Farei

Isaías 48:14

Jeremias 51:29

Jeremias 25:13

que se cumpram sobre aquela terra todas as minhas ameaças, que proferi contra ela, tudo quanto está escrito neste livro . . .” Encerramos esta discussão a respeito de Babilônia com as palavras de alguém que contemplou, com os seus próprios olhos, o cumprimento dessas profecias bíblicas. Disse o capitão Mignan: “Não posso descrever a dominante sensação de temor reverente que se apossou da minha mente, enquanto contemplava a extensão e grandiosidade das ruínas e das devastações que havia por toda a parte”. (*Mignan's Travels*, pág. 117).

Foi dessa forma que Deus lançou o Seu desafio a todos os incrédulos. Você tenciona provar que as Escrituras laboram em erro? É muito fácil! Simplesmente reconstrua Babilônia! Deus disse que ela nunca mais seria habitada, que nunca mais seria reconstruída, mas que permaneceria para sempre no estado de desolação. A bem da verdade, temos de dizer que houve um homem que se lançou à aventura de procurar reconstruir Babilônia. Sinto que preciso referir-me a ele. Esse homem dispunha de todas as riquezas do mundo inteiro à sua disposição. O nome dele era Alexandre, o Grande. Após haver conquistado o mundo então conhecido, ele resolveu estabelecer uma rota comercial marítima entre a Babilônia e o Egito, e decidiu que a cidade de Babilônia seria o seu quartel-general, a sede do seu império mundial. Expediu então seiscentas mil rações para os seus soldados, a fim de reedificarem eles a cidade de Babilônia. Alexandre, o Grande, o governante do mundo, determinou: “Reedificai Babilônia!” Mas Deus o feriu mortalmente! Imediatamente Alexandre foi atacado por uma febre e, dentro de pouco dias, era um homem morto. E as ruínas de Babilônia até hoje permanecem de pé, em silente testemunho da veracidade da Palavra de Deus. “Eu, o Senhor, o disse! Nunca mais será habitada novamente!”

Jeremias 50:39

Essas profecias de destruição podem ser comparadas com aquilo que a Bíblia diz acerca do Egito. Deus declara que Nínive, a Assíria e Babilônia seriam totalmente destruídas, e que jamais seriam reconstruídas. E

se Deus houvesse dito tal coisa a respeito do Egito? Ah, como os cétricos haveriam de gargalhar. Mas não foi isso que Deus disse: “. . . e serão ali um reino humilde. Tornar-se-á o mais humilde dos reinos, e nunca mais se exaltará sobre as nações . . . será humilhado o orgulho do seu poder . . . Serão desolados no meio das terras desertas; e as suas cidades estarão no meio das cidades devastadas . . . e a terra for destituída de tudo que a enchia, . . . Venderei a terra, entregando-a na mão dos maus; por meio de estrangeiros farei desolada a terra e tudo o que nela houver . . . Porquanto tornarei a terra do Egito em desolação . . . Eu, o Senhor, o disse: será assim, e eu o farei . . . já não haverá príncipe na terra do Egito, onde implantarei o terror”.

Ezequiel 29:14-15

Ezequiel 30:6-7

Ezequiel 29:12

Ezequiel 32:15

Ezequiel 30:12

Ezequiel 24:14

Ezequiel 30:13

Observemos que a sorte do Egito não envolveria total destruição, como se daria no caso de Nínive e Babilônia; antes, “serão ali”, o Egito haveria de continuar existindo como uma nação, na qualidade de “um humilde reino”. “O mais humilde dos reinos.” Seria desnudado e esvaziado daquilo que o tornava abastado. Porventura essas profecias têm tido cumprimento? Depois de haver derrotado Antônio, Augusto encontrou tão grandes riquezas no Egito que pagou com elas todos os soldos de seu exército e todas as dívidas em que havia incorrido no decorrer daquela campanha. Contudo, ele temia que as riquezas egípcias serviriam de rival para ele. Durante seiscentos anos mais, Alexandria continuou sendo a primeira cidade do Império Romano quanto ao comércio e à prosperidade. Cem anos mais tarde, as hordas muçulmanas atacaram e conquistaram o Egito. Ficaram pasmadas diante da visão da magnificência da cidade e de sua opulência. Os invasores que vieram mais tarde realmente quedaram-se admirados diante das riquezas do Egito, até que essa nação se viu reduzida a um estado de abjeta pobreza, entrando, finalmente, em estado de insolvência internacional, o que resultou no domínio do Egito pelos interesses anglo-franceses.

Ezequiel 29:14-15

Não obstante, uma das porções mais admiráveis da profecia bíblica acerca do Egito é a declaração que

“... já não haverá príncipe na terra do Egito...” Essa profecia é particularmente notória quando nos lembramos que aproximadamente por dois mil anos, antes dessa predição bíblica, o Egito sempre contara com príncipes de sangue egípcio em seu trono. Até parecia que essa situação perduraria para sempre. Sem embargo, Deus declarou que não mais haveria príncipe na terra do Egito. Que espantosa declaração! Tem-se escoado tempo suficiente para que essa profecia seja testada quanto à sua veracidade. Até poucas décadas passadas, continuavam existindo príncipes que governavam o Egito, quando então certa forma de governo democrático foi ali implantada. Porém, quaisquer desses príncipes dos últimos séculos foram egípcios? Permitamos que a resposta seja dada pela pena dos céticos e incrédulos. Constantin Volney declarou que, privado de seus legítimos donos, há dois mil e trezentos anos, o Egito tem visto os seus férteis campos servirem de presa, sucessivamente, dos persas, dos macedônios, dos romanos, dos gregos, dos árabes, dos georgianos, e, finalmente, de uma raça tártara, distinguida pelo nome de turcos otomanos, os mamelucos, que não tardaram a usurpar o poder e a eleger ali um líder pertencente à sua raça. (*Volney's Travels*, vol. 1. págs. 74, 103, 110, 193). Após a época de Volney, Mohammed Ali estabeleceu novamente um principado no Egito, mas ele mesmo não era da raça egípcia. Antes, nasceu em Kavala, pequeno porto marítimo na fronteira entre a Trácia e a Macedônia. Seu pai era albanês. Depois disso, o Egito passou a ser governado pelos franceses e pelos ingleses. O cético Edward Gibbon confirma esse testemunho, tendo afirmado que não poderia ser redigida uma constituição mais injusta e absurda como aquela que condena os nativos de uma nação à servidão perpétua, sob o domínio arbitrário de estrangeiros e escravos. (*Gibbon, The Decline and Fall of the Roman Empire*, cap. 59).

Na atualidade, o Egito, que por mais de dois milênios tem sofrido sob a mão despótica de estrangeiros, tem sido reduzido a uma das nações mais destituídas de importância. Meu guia à Terra Santa,

alguns anos atrás, disse que já estivera no Egito entre trinta e quarenta vezes, mas que pretendia nunca mais voltar ali, porquanto era um lugar horrível, tão mau cheiroso, tão afetado pela pobreza que simplesmente ele não podia agüentar outra viagem àquele país. Seu estômago não suportava mais as cidades egípcias. “Tornar-se-á o mais humilde dos reinos.”

Ezequiel 29:14-15

Essas são apenas algumas dentre as milhares de predições proféticas que abundam nas Escrituras, fenômeno esse que não pode ser encontrado em qualquer das outras obras religiosas do mundo. E isso é evidência indiscutível de que as Escrituras foram escritas pela própria mão de Deus.

Quão firme alicerce, ó santos de Deus,
Para vossa fé, na excelente Palavra!
Que dizer, senão o que Ele já disse?

“... eu sou Deus e não há outro, eu sou Deus e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer, e desde a antiguidade as cousas que ainda não sucederam...” “Sabe que quando esse profeta falar, em nome do Senhor, e a palavra dele se não cumprir nem suceder, como profetizou, esta é a palavra que o Senhor não disse...” Sim, as Escrituras Sagradas predizem o futuro de forma infalível, o que nenhuma outra obra religiosa do mundo o faz. A Bíblia é a Palavra de Deus. Disse Cristo: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade”.

Isaías 46:9-10

**Deuteronômio
18:22**

João 17:17

“As Escrituras não podem falhar!”

REFERÊNCIAS BÍBLICAS

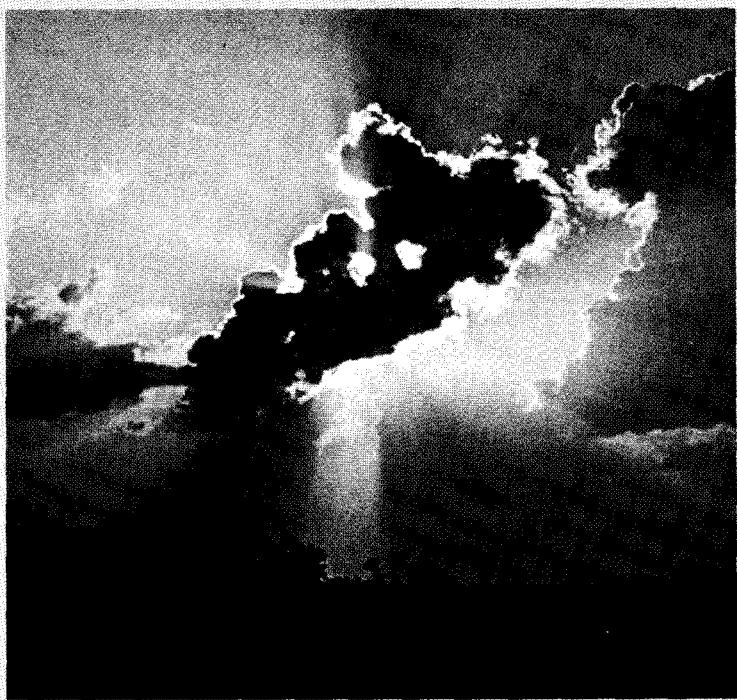
<i>Livro</i>	<i>Capítulo</i>	<i>Página</i>	<i>Livro</i>	<i>Capítulo</i>	<i>Página</i>
	<i>Versículo</i>			<i>Versículo</i>	
Gênesis	1:1, 3	52	Salmos	2:4	15
	2 e 3	105		7:11	76
	2:17	10		16:11	129
	3	31, 90		51:5	50
	50:20	16		51:17	72
				53:3	28
Êxodo	11:7	14		76:10	182
	12:35-36	14		89:32	85
	34:7	76		98:9	34
				110:3	15
Levítico	11:44	100		147:15	181
Deuteronômio	18:21-22	169	Provérbios	16:33	13
	18:22	189		21:1	12
	29:29	35		21:4	22, 127
	32:39	17		23:7	95
1 Samuel	14:42	13	Isaías	4:3-6	174
				6:5	101
I Reis	22:28, 34	13		13:19	180
				13:20	184, 185
				14:14	31
Livro de Jó		84		23	173
				23:15	171
Jó	14:4	50		33:20	183
	14:5	13		45:22	120
	19:25	119		46:9-10	189
	36:32	13		46:9-11	9, 12

<i>Livro</i>	<i>Capítulo</i>	<i>Página</i>	<i>Livro</i>	<i>Capítulo</i>	<i>Página</i>
	<i>Versículo</i>			<i>Versículo</i>	
Isaías	48:14	185	Ezequiel	33:11	52
	53:11	47		35:3-4	175
	55:11	46		35:9	175
	61:10	91	Daniel	9:25	183
Jeremias	13:23	50	Amós	1:8	175
	17:9-10	16, 28, 86			
	24:9	174	Jonas	1:7	13
	25:13	186			
	27:3-6	174	Miquéias	1:5-6	174
	28:11-12	167		7:11	183
	29:13	46			
	29:21	174	Naum	1:8	178
	35:17	174		1:8, 14	177
	39:8	183		1:9	179
	47:4	174		1:14	179, 180
	49:9-10	176		2:5-6	177
	49:17	175		2:10	177, 178
	49:17-18	175		3:13	177
	50:13	183		3:17	180
	50:16	185			
	50:26	185	Habacuque	1:13	100
	50:39	183, 186			
	51:26	182, 184	Sofonias	2:4	175
	51:29	185			
	51:37	184, 185	Zacarias	9:5	175
	51:42	185			
	51:43	185	Mateus	3:2, 7-8	70
	51:58	182		3:10	129
Ezequiel	6:7	176		4:17	70
	24:14	38, 187		5:28	101
	25:13	176		5:48	89
	26:4-5	171		6:21	161
	26:7	171		7:13-14	108, 142
	26:12	171, 173			150, 155
	26:14	171, 173		7:18	126
	28:23	174		8:12	149
	29:12	187		10:22	136
	29:14-15	187, 189		11:25	33
	30:6-7	187		11:26	33
	30:12	187		11:29	101
	30:13	187, 188		12:33	38
	32:15	187			

<i>Livro</i>	<i>Capítulo</i>	<i>Página</i>	<i>Livro</i>	<i>Capítulo</i>	<i>Página</i>
	<i>Versículo</i>			<i>Versículo</i>	
Mateus	13:42	149	João	4:26	167
	15:19	28		5:24	140, 151
	20:15	35		5:40	33
	22:10-12	92		6:37, 44	15
	22:13	93		6:37	17, 43, 46
	22:14	47			47, 54, 80
	24:22	32			142
	24:24	32		6:47	78
	24:31	32		6:70	138
	25:34	46		8:32	23
	25:41	149		8:33	23
	26:63-64	167		8:34	23, 24
				8:36	19, 23, 50
Marcos	1:14-15	79		8:44	108
	4:38	64		10:28	140, 142
	4:39-40	64		10:29	139
	8:18	81		11:21	64
	8:34	142		11:26	116
	9:47-48	149		11:43	52
	13:20, 27	45		12:43	22, 130
	14:30	13		14:2	154, 156
	14:34	64		14:2-3	153
	14:38	64		14:6	55, 162
	16:16	75, 76		14:15	125
	7:29	89		14:21	126
	10:20	32		15:3	53
Lucas	10:21	36		15:15	23
	13:3	69, 70, 71,		17:17	96, 165
		74, 76			189
	16:24	149		17:17, 19	95
	24:46-47	70			
			Atos	1:24, 26	13
				2:38	70
João	1:1	165		5:38	124
	1:11-12	118		9:1-20	41
	1:12	109, 114		16:14	15
	1:29	151		16:31	142
	3:3	81		17:30	70
	3:5	53		26:18	38
	3:16	80	Romanos	1:17	117
	3:18	80, 148		3:10	146
	3:19	23			
	4:25	167			

<i>Livro</i>	<i>Capítulo</i>	<i>Página</i>	<i>Livro</i>	<i>Capítulo</i>	<i>Página</i>
	<i>Versículo</i>			<i>Versículo</i>	
Romanos	3:10, 12	15	Gálatas	3:26	109
	3:10-11	50			
	3:11	46	Efésios	1:5, 11	32
	3:11-12	106		1:9-10	51
	3:20	87, 131		2:1, 5	23
	3:21	87		2:2	108
	3:23	86		2:8-10	123, 132
	3:24	87		2:8-9	75
	3:28	83		2:9	131
	5	90		2:10	131
	5:12	50	Filipenses	2:9	68
	6:23	76, 118		2:9-11	55
	8:7	23		2:13	14, 40
	8:8	22		3:19	153
	8:15	105, 114	Colossenses	4:4	119
	8:16	122		4:3	106
	8:28-30	27	I Tessalonicenses	1:4	32
	8:30	33, 45, 47		5:20-21	169
		52-133, 139	II Tessalonicenses	2:13-14	48
	8:33-34	32			
	8:34	140	II Timóteo	1:12	115, 119
	8:38	142			137
	9:8	109		2:10	32
	9:15	34		2:21	123
I Coríntios	9:16, 18	15	Tito	2:24-25	73
	9:19	51		1:1	32
	10:13	54		3:8	123
	10:21	33	Hebreus	9:27	156
	11:29	135		11:6	126
	14:23	127		11:10	154
	1:26-29	36		12:14	101
	1:31	36	Tiago	2:17	131
	2:9	155		2:26	78
	2:14	47	I Pedro	1:5	136, 139
	4:7	49		1:25	116
	5:1	146			
II Coríntios	9:27	140			
	10:12	140			
	5:17	79			
	6:17-18	109			
	10:17	49			

<i>Livro</i>	<i>Capítulo</i> <i>Versículo</i>	<i>Página</i>	<i>Livro</i>	<i>Capítulo</i> <i>Versículo</i>	<i>Página</i>
II Pedro	1:10	43, 118	Apocalipse	9:1-2	149
	2:22	139		14:11	149
				20:12-15	73
				20:15	145, 150
I João	2:16-17	100			151
	2:19	138		21:1	157
	3:14	119		21:2	157
	5:10-12	121		21:4	159
	5:13	115, 118		21:8	149
		119, 162		21:16	154
Apocalipse	2:5	71		21:27	32
	5:9	106		22:9	65



VERDADES QUE TRANSFORMAM é para aqueles que têm ansiado por uma compreensão mais profunda da verdade cristã e o que ela pode significar às suas vidas. Ele intenta abrir seus olhos ao poder espiritual no dia-a-dia da vida através de um conhecimento mais aprofundado dos ensinamentos bíblicos. Nenhum livro exaure as verdades contidas nas Escrituras, mas aqui temos um guia vital para descobrir os fatos centrais que a Bíblia ensina. Mais do que isso, Dr. Kennedy mostra como os fatos podem constituir um conjunto vivo de verdades que poderão transformar sua vida.